



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JÉSSICA PAULA VESCOVI

**PRENOMES E SOBRENOMES EM PALOTINA-PR E EM MARIPÁ-PR:
UM ESTUDO COMPARATIVO**

CASCVEL- PR
2015

JÉSSICA PAULA VESCOVI

**PRENOMES E SOBRENOMES EM PALOTINA-PR E EM MARIPÁ-PR:
UM ESTUDO COMPARATIVO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: Descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide

CASCADEL- PR
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

V647p

Vescovi, Jéssica Paula

Prenomes e sobrenomes em Palotina-PR e em Maripá-PR: um estudo comparativo. /Jéssica Paula Vescovi.— Cascavel, 2015.

112 p.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Márcia Sipavicius Seide

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

1. Socioantroponímia. 2. Palotina (PR). 3. Maripá (PR). 4. Nomes próprios - Pessoas. 5, Língua portuguesa – Etimologia – Prenomes – Sobrenomes.I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 20.ed. 929.4

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Beijo – CRB 9ª/965

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JÉSSICA PAULA VESCOVI

**PRENOMES E SOBRENOMES EM PALOTINA-PR E MARIPÁ-PR:
UM ESTUDO COMPARATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Márcia Sipavicius Seide (Orientadora)

Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Dra. Rosemary Irene Castañeda Zanette
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
Cascavel – PR)

Dr. Jorge Bidarra
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná
– Cascavel – PR)

Cascavel, 28 de Novembro de 2014

*À Aida Viecele (In memoriam).
À Salete Viecele Vescovi e Gilmar Ivo Vescovi, sujeitos do meu amor.*

AGRADECIMENTOS

Não poderia, na única parte deste trabalho em que me é concebido o direito de falar em primeira pessoa e expor as minhas angústias e emoções, de deixar de citar o significado, ou sentido, como queiram, do verbo *agradecer*. No dicionário *Michaelis*, o que se tem é que o substantivo masculino *agradecimento* é formado por uma derivação sufixal, sendo composta pelo radical *agradecer* e pelo sufixo *-mento*. Tem por si só três acepções sendo: 1 Ação ou efeito de agradecer. 2 Gratidão, reconhecimento. 3 Recompensa, remuneração. Baseio-me, então, nas duas primeiras acepções e digo que todo o efeito de agradecer e ser grato não caberão nas poucas palavras redigidas abaixo, mas caberão num eterno sentimento de gratidão interiorizado. Contudo, temo não mencionar todos que compartilharam comigo esta experiência e que, ao mesmo tempo, me incentivaram a nunca desistir e a sempre persistir, afinal, agradecer retoma história e história é memória, mas deixo explícito nesta parte e nestas poucas palavras a gratidão que sinto por todo aqueles que me honraram em ter tido o contato. Portanto, agradeço:

A Deus, Pai todo poderoso.

A meus pais, Gilmar e Salete, senhores da sabedoria, senhores do amor, senhores da compreensão e senhores da compaixão.

Ao meu irmão, Jonathan, um eterno amigo e eterno confidente.

À minha orientadora, professora Márcia Sipavicius Seide, por ter me apresentado ao léxico no primeiro ano de graduação, por ter me incentivado às pesquisas, por ter me introduzido ao mundo acadêmico-científico, por ter me dado apoio nos momentos de maior dificuldade e por ter sido presente em todas as horas.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras, por todas as contribuições.

Aos professores do Colegiado do curso de Letras, de Marechal Cândido Rondon, por me fazerem amar as “palavras”.

À professora Sanimar Busse e ao professor Eduardo Amaral, pelas pertinentes e valiosas dicas no exame de qualificação.

Aos amigos-acadêmicos, em especial à Anna Carolina, à Elis Regina, à Patrícia, à Taiana, por compartilharem de toda angustia e de todo o conhecimento onomástico.

À Eliane, por ter sido companheira de viagem, companheira de teorias e minha eterna professora de língua portuguesa.

Às eternas amigas, Jacqueline, Luciana, Taís e Tamara, pelas conversas maravilhosas, pelos momentos de alegria, pela divisão de saberes e, acima de tudo, pela força.

Aos amigos da pós: Susana, Márcia e Elias pelos momentos compartilhados.

Às “meninas” do Cartório de Registro Civil de Palotina, por toda a gentileza e por me receberem de braços abertos.

Às “meninas” do Cartório de Registro Civil de Maripá, por terem compartilhado inúmeras histórias e por me receberem muito bem.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal de Palotina, por terem cedido materiais.

À Andréia, pela leitura do trabalho, pela revisão e pelas valiosas dicas.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Enfim, deixo registrado meu eterno agradecimento àqueles que fizeram parte de um capítulo especial na minha iniciante vida acadêmica.

Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1998, p. 11).

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é investigar as normas antroponímicas de dois municípios do Oeste do Paraná, Palotina e Maripá, tendo em vista as diferentes culturas encontradas em cada local, o que pode influenciar no sistema antroponímico de cada localidade. A partir da história da região Oeste, alguns questionamentos se tornaram norteadores deste trabalho: há influência da ascendência na nomeação? Há similaridades ou diversidade no sistema antroponímico de cada local? Com o propósito de encontrar respostas, traçou-se, como objetivo geral, desvendar qual o sistema antroponímico de cada local, na perspectiva de vislumbrar semelhanças e diferenças. Para tanto, a pesquisa sustentou-se em informações históricas (REGINATO, 1979; FREITAG, 2001; BARROS, 2002); pressupostos teóricos referentes à linguagem (COSERIU, 1987) e à onomástica (DICK, 1990, 1992; SEIDE, 2013a,b,c; SEIDE; SCHULTZ, 2014), para realizar uma pesquisa pautada em análise quantitativa e qualitativa de base documental a partir dos nomes próprios de pessoas registrados nos cartórios de registro civil dos respectivos municípios, que foram catalogados em fichas lexicográficas padronizadas. Como resultado desse processo de investigação, observou-se que, entre as normas antroponímicas das localidades, há convergências e divergências, sendo que as primeiras se referem ao padrão nomeador, notadamente, o uso de nomes duplos e de nomes preferenciais; e a segunda refere-se à etimologia dos sobrenomes e ao grau relativo de estabilidade ou instabilidade de cada uma.

PALAVRAS-CHAVE: Socioantroponímia, Palotina, Maripá, nomes próprios de pessoas.

ABSTRACT

The main goal of this work was to investigate the anthroponymic rules of two cities in the West of Paraná, Palotina and Maripá, in view of the cultural difference found in these places, considering a possible variance in the anthroponymic of each place. From the history of West, some questions were the base for this paper: is there influence of ascendance in naming? Are there similarities or diversity in the anthroponymic system? In order to answer these questions, the purpose of this work was to find similarities and differences in each place, using, as a theoretical base the West's history (REGINATO, 1979; FREITAG, 2001; BARROS, 2002); the language system (COSERIU, 1987) and the onomastic (DICK, 1990, 1992; SEIDE, 2013a,b,c; SEIDE; SCHULTZ 2014). This work is considered a documental work, based in quantitative and qualitative analyzes, in which the data were collect in the Civil Registry of both cities, in a kind of lexicographical card. As a result of this investigation, it was noted that there convergences, related to the double names and preferred names, and divergences, associated to the surnames etymology and stability and instability in the naming of these places,

KEYWORDS: Socioanthroponymic, Palotina, Maripá, personal proper names.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Oeste do Paraná	45
Figura 2 - Mapa da localização de Palotina.....	48
Figura 3 - Foto da cidade de Palotina.....	49
Figura 4 - Foto da cidade de Palotina.....	50
Figura 5 - Mapa da localização de Maripá.....	52
Figura 6 - Foto da cidade de Maripá.....	54
Figura 7 - Foto da cidade de Maripá.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nomes mais frequentes dos palotinenses de 1957 a 2007	87
Tabela 2 – Ranking dos nomes preferidos dos palotinenses.....	89
Tabela 3 - Nomes mais frequentes em Maripá de 1966 – 2006	90
Tabela 4 - Ranking dos nomes preferidos dos maripaenses	92
Tabela 5 - Nomes preferidos dos palotinenses e dos maripaenses.....	94
Tabela 6 - Frequência dos prenomes em Palotina em porcentagem.....	95
Tabela 7 - Frequência dos prenomes em Maripá em porcentagem.....	96
Tabela 8 - Nomes duplos em Palotina - PR	99
Tabela 9 - Nomes duplos em Maripá - PR	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ficha antroponomástica	40
Quadro 2 - Índice populacional de Palotina	51
Quadro 3 - Índice populacional de Maripá	54
Quadro 4 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1957	67
Quadro 5 - Sobrenomes mais frequentes em Maripá em 1966	68
Quadro 6 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1967	71
Quadro 7 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1977	73
Quadro 8 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1987	74
Quadro 9 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1997	76
Quadro 10 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 2007	77
Quadro 11 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1976	80
Quadro 12 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1986	81
Quadro 13 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1996	82
Quadro 14 - Sobrenomes mais frequentes em Maripá em 2006	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina em 1970.....	57
Gráfico 2 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1971.....	58
Gráfico 3 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina em 1975.....	59
Gráfico 4 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina de 1970-1975.....	59
Gráfico 5 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá.....	61
Gráfico 6 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1976.....	61
Gráfico 7 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1986.....	62
Gráfico 8 - Etimologia dos prenomes registrados em Maripá em 1966.....	64
Gráfico 9 - Etimologia dos prenomes registrados em Palotina em 1957.....	65
Gráfico 10 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1957.....	66
Gráfico 11 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1967.....	70
Gráfico 12 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1977.....	72
Gráfico 13 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1987.....	74
Gráfico 14 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1997.....	75
Gráfico 15 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 2007.....	77
Gráfico 16 - Levantamento das etimologias dos sobrenomes em Palotina.....	78
Gráfico 17 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 1976.....	79
Gráfico 18 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 1986.....	80
Gráfico 19 - Etimologia dos sobrenomes de Maripá em 1996.....	82
Gráfico 20 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 2006.....	83
Gráfico 21 - Representação etimológica dos sobrenomes de Maripá.....	84
Gráfico 22 - Uso dos prenomes repetidos em Palotina.....	89
Gráfico 23 - Uso dos prenomes repetidos em Maripá.....	93
Gráfico 24 - Nomes duplos em Palotina.....	98
Gráfico 25 - Nomes duplos em Maripá.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 DEFINIÇÃO DE NOME PRÓPRIO.....	20
1.2 NOMES E SOBRENOMES	24
1.3 ANÁLISE ETIMOLÓGICA DOS NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS.....	25
1.4 MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DOS PRENOMES	276
1.5 RELAÇÃO ENTRE PRÁTICA NOMEADORA, CULTURA E HISTÓRIA	27
1.6 DIMENSÃO SOCIAL DO ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS	35
2 METODOLOGIA: COMO ESTUDAR OS NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS? ..	38
3 UMA REGIÃO EM CONSTANTE FORMAÇÃO: O OESTE PARANAENSE	45
3.1 O MUNICÍPIO DE PALOTINA E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO .	47
3.2 MARIPÁ E O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO	51
3.3 ERA DA HORTELÃ	55
3.1.1 A era da hortelã e sua influência em Palotina e em Maripá	57
4 A INFLUÊNCIA DA HISTÓRIA E DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DA REGIÃO NOS SOBRENOMES DOS PALOTINENSES E DOS MARIPAENSES	64
5 PRENOMES MAIS FREQUENTES E PRENOMES PREFERENCIAIS EM CADA MUNICÍPIO	85
5.1 OS PRENOMES MAIS FREQUENTES.....	95
5.2 COMBINATÓRIAS DE PRENOMES: OS NOMES DUPLOS.....	97
6 SÍNTESE DOS RESULTADOS E COMPARAÇÃO DOS DADOS POR MUNICÍPIO	103
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Os nomes próprios são reveladores: reveladores de cultura, reveladores de ideologias, reveladores de crenças e, até mesmo, reveladores de idade. Evidenciando o interesse da sociedade pelos nomes das pessoas, recentemente, pesquisas sobre este assunto foram encomendadas por grandes empresas. A Editora Abril, através da *Revista Superinteressante*, publicada em novembro de 2013, apresentou os nomes preferidos pelos brasileiros; e o jornal *Gazeta do Povo* realizou um levantamento e, em fevereiro de 2014, apresentou os nomes preferidos dos paranaenses.

A investigação dos nomes próprios, além de ser atual, é também um objeto que tem sua tradição. Há notícias de pesquisas antroponímicas em 1927. Holmes (1930), em artigo escrito sobre o sistema antroponímico dos negros nos Estados Unidos, menciona a tese de doutoramento de Karl Michaelsson, na Universidade de Uppsala, na Suécia intitulada *Estudes sur lês Noms de Personne français d'apres lês Rôles de Taille Parisiens* (HOLMES, 1930, p. 464).

A disciplina que se dedica aos nomes próprios é a Onomástica, dividida em duas vertentes: a *Toponomástica*, voltada para os nomes próprios de lugares; e a *Antroponomástica*, que estuda os nomes próprios de pessoas. Cumpre informar que esta terminologia foi proposta pelo ICOS (*International Council of Onomastics Sciences*) e, a partir daí, diferenciam-se Antroponímia (conjunto formado por nomes próprios de pessoas) e Toponímia (conjunto formado por nomes próprios de lugares) de Antroponomástica (ciência que estuda os antropônimos) e Toponomástica (ciência que estuda os topônimos).

A Onomástica proporciona aos estudiosos diferentes maneiras de ver o mundo, ultrapassando os limites do meramente linguístico, atingindo o nível do social, cultural e ideológico. Esta dissertação se insere nos estudos relacionados à antroponímia, termo que, de acordo com Dick (1992), “foi empregado pela primeira vez em 1887, [...] indica uma importante disciplina cujo estudo constitui excelente meio para conhecer os usos e costumes dos povos” (DICK, 1992, p. 178).

O oeste do Paraná é uma região bastante vasta. Tendo em vista que a região é repleta quanto a seus moradores e colonizadores, prevalecendo os italianos e os germânicos, o principal objetivo deste trabalho, é, portanto, observar qual é o

sistema antroponímico de dois municípios do oeste do Paraná: Palotina e Maripá. A história dessas duas localidades é marcada por diversos fatores históricos que podem ter contribuído para uma formação plural dos locais. Vista à história de cada local, sendo o primeiro tradicionalmente ítalo e o segundo tradicionalmente germânico, levanta-se a primeira hipótese levantada por esta pesquisa de que há influência da ascendência na formação populacional de cada local. A segunda hipótese deste trabalho, também relacionada aos fatores históricos, é vista como uma possível mudança de atitude perante as escolhas dos prenomes a cada década e por cada família, dadas as condições de nomeação de cada período.

Nesse sentido, o trabalho foi dividido em seis capítulos, elencados a seguir. No primeiro capítulo, são apresentadas as bases teóricas que ancoraram essa pesquisa, que considera os antropônimos sob o viés social e histórico sem desprezar o etimológico e o linguístico. Apresenta-se, nesse capítulo, a origem do sistema atual de nomeação; a concepção de nome próprio em diferentes vieses; relato de estudos antroponímicos nacionais e internacionais e o embasamento teórico utilizado na pesquisa: a concepção de norma linguística apresentada por Coseriu (1987) e os estudos etimológicos empreendidos por Guerios (1981).

Os procedimentos metodológicos são apresentados no segundo capítulo deste trabalho. Adotou-se, nessa pesquisa, uma metodologia de estudo quanti-qualitativa, na qual se quantificou os prenomes a partir do sistema *E-terms*¹, os quais, na sequência, foram analisados qualitativamente segundo o embasamento descrito no primeiro capítulo da dissertação.

Uma vez que se levou em consideração a história das localidades pesquisadas, não se pode deixar de apresentar quais foram as condições de colonização destes locais. Para tanto, no terceiro capítulo, apresenta-se a história das cidades estudadas, amparando-se em livros que tratam da história do Oeste e dos locais investigados. Nesse capítulo, há uma seção especial para descrição e análise da Era da Hortelã, período de maior densidade demográfica na cidade de Palotina e que trouxe para os municípios muitos trabalhadores temporários, influenciando a antroponímia dessas cidades.

No quarto capítulo apresenta-se um estudo visando analisar a etimologia dos sobrenomes dos registrados em cada década estudada. Nesse capítulo, é possível

¹ O sistema *E-terms* foi desenvolvido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e é utilizado principalmente na área da terminologia para a quantificação de termos.

observar a influência das peculiaridades históricas e culturais de cada município na norma antroponímica de cada local, haja vista que os resultados das análises corroboram com os fatos históricos e demográficos apresentados no capítulo anterior.

No penúltimo capítulo deste trabalho, apresentam-se os prenomes preferidos e os prenomes mais frequentes dos palotinenses e dos maripaenses, assim como a influência da tradição e da moda em cada localidade. Ao final do capítulo, há uma seção sobre os prenomes duplos, tendo em vista sua frequência de utilização em cada local.

Por fim, no último capítulo, expõe-se, de maneira comparativa, os resultados obtidos em cada local, explicitando as semelhanças e as diferenças no sistema antroponímico de cada município.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As pesquisas desenvolvidas para essa dissertação de mestrado estão situadas na grande área da Lexicologia na qual se insere a Onomástica, dividida em Antroponomástica e Toponomástica. Este capítulo objetiva situar as pesquisas realizadas, discutir algumas concepções de nome próprio e explicitar o conceito de nome próprio de pessoa (antropônimo) adotado. O ponto de partida é o conceito de léxico, assim definido por Biderman (1998):

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1998, p. 11).

Pelas palavras da autora, percebe-se que o léxico é um inventário amplo e aberto: no léxico, estão refletidos os costumes, as tradições e as ideologias das comunidades que dele se utilizam para se expressarem e se comunicarem. O estudo do léxico de uma língua é feito a partir da Lexicologia, a ciência que “tem como objetos básicos de estudo a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 1998, p. 14).

A Lexicologia preocupa-se com a investigação das palavras nos seus mais variados aspectos: formação de palavras, neologismos, estatística lexical, dentre outros aspectos que envolvem a Psicolinguística e a Neurolinguística (BIDERMAN, 1998, p. 14). Entre os diferentes vieses que perpassam os estudos lexicológicos, encontram-se as investigações sobre nomes próprios de pessoas e de lugares, objetos de interesse da Onomástica.

Para Dick (1992),

A nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. Obras antigas da história e da civilização mundiais colocam essa prática como costumeira, ainda que distinta, em certos pontos, do processo denominativo vivido modernamente (DICK, 1992, p. 8).

Outro tipo de nomeação é a resultante da escolha dos nomes próprios de pessoa: são os antropônimos, distintos dos topônimos (nomes próprios de lugares). Dick (1992) afirma que,

Enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos, entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos, assim constituídos, a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nominação de seus membros (DICK, 1992, p. 178, grifos da autora).

Com base em Dick (1992), é legítimo supor uma relação estreita entre as características culturais peculiares à determinada comunidade social e a maneira pela qual seus integrantes são nomeados, relação que pode ser explicitada quando o estudo dos antropônimos é feito de maneira contextualizada historicamente. A seção seguinte trata especificamente desta e de outras questões relacionadas à Antroponímia.

Desde sempre, o processo de nomeação é uma preocupação para os pais da criança, muitas vezes, ainda antes de seu nascimento. Não se conhece uma sociedade cujos membros não tenham nomes individualizantes. Na Língua Portuguesa, há um sistema de nomeação que obedece a uma tradição que remonta às práticas de nomeação da língua latina. Conforme explica Câmara Júnior (1975):

O Latim tinha criado a esse respeito um sistema, que era privativo seu em face das demais línguas indo-europeias antigas. Era um sistema intimamente ligado à estrutura familiar dentro da organização social do patriciado romano. No Latim, cada indivíduo se identificava pelo nome de sua *gens*, ou grande grupo consequente a que pertencia, reivindicando com os demais indivíduos do grupo um originário antepassado comum [...] pelo nome do grupo familiar menor que se afirmava, dentre muitos, na ampla *gens* [...] e pelo seu próprio nome individual (CÂMARA JÚNIOR, 1975, p. 207-208).

Havia, no sistema latino, uma considerável diferença em comparação com o sistema da Língua Portuguesa: a maior preocupação dos cidadãos romanos era que o indivíduo fosse mais facilmente identificado pelo *gentílico* do que pelo prenome. Através do *gentílico*, os povos da antiguidade conseguiam facilmente identificar de onde vinham as famílias dos nomeados, principalmente porque, geralmente, no *gentílico*, estava a origem da família.

As mudanças que resultaram no colapso do Império Romano também influenciaram o sistema antroponímico latino. De um lado, a influência cultural e linguística das invasões dos povos que os romanos qualificavam como “bárbaros”, de outro, a ascensão do cristianismo. A crença cristã no batismo trouxe necessidade de uso de um prenome para a identificação do indivíduo. Com a entrada do Cristianismo “o prenome [...] teve a consagração religiosa do batismo, tornou-se a parte verdadeiramente relevante para a identificação social do indivíduo” (CÂMARA JÚNIOR, 1975, p. 208).

Com a consolidação do cristianismo e o surgimento da Igreja Católica Apostólica Romana, o batismo tornou-se um sacramento obrigatório mudando-se as práticas de nomeação dos filhos. Os nomes, que deveriam, *a priori*, na tradição latina, indicar a procedência da criança e de seus pais no gentílico, passam, na tradição católica românica, a representar as crenças e as ideologias cristãs. Assim, começaram a ser utilizados prenomes que fazem referência a personagens bíblicos, ao santo de devoção ou ao santo do dia em que a criança nasceu com o intuito de conseguir a proteção divina ao recém-nato, surgindo, deste modo, novas motivações para as nomeações (DICK, 1992, p. 182-184). Com isso, na primeira seção deste capítulo, busca-se explicitar algumas concepções de nome próprio e aquela que foi escolhida para fundamentar a pesquisa desenvolvida.

1.1 DEFINIÇÃO DE NOME PRÓPRIO

A conhecida oposição de **Donato** entre nome próprio e apelativo [...] e a definição tradicional do nome próprio como “nome” que convém a **um objeto** apresentam várias dificuldades e resultam evidentemente insuficientes sem ulteriores esclarecimentos e explicações. [...] uma teoria do nome próprio, entendida como teoria da experiência linguística, deve justificá-las; ou seja, deve estabelecer em que sentido e em que plano têm validade (COSERIU, 1987, p. 193, grifos do autor).

A partir da definição apresentada por Coseriu (1987), observa-se que várias são as discussões acerca dos nomes próprios de pessoas, tanto no sentido de classificá-los, quanto no sentido de defini-los. Haja vista a existência de diversas e diferenciadas definições de nomes próprios, recorre-se aos estudos de Van

Langendonck (2007) que apresenta e propõe uma avaliação crítica destas definições.

Num primeiro momento, Van Langendonck (2007) mostra que as definições de nome próprio perpassam discussões teóricas e se enquadram em determinados aspectos da linguística. Há, conseqüentemente, inúmeras definições para o sentido de nome próprio que podem ser separadas em diferentes vertentes linguísticas. Retratando esta diversidade, são apontadas pelo pesquisador as definições dadas por John Stuart Mill, Gottlob Frege, Edmund Husserl, Bertrand Russel, Ludwig Wittgenstein, John Searle, Saul Kripke e Keith Donnellan.

No âmbito do estudo dos nomes próprios, há a teoria descritiva, defendida por Frege, o qual parte de uma definição objetiva do significado que exclui tudo aquilo que remete a associações individuais atribuídas às palavras. Segundo Van Langendonck (2007), Frege “afirma que o estudo científico do significado só é possível se diferenciarmos os seus aspectos para reter apenas aqueles que são objetivos”, cabendo à Psicologia o que não cabe ao estudo objetivo do significado. Ainda segundo o autor, na filosofia da linguagem, com Frege e Strawson, há o estabelecimento de que o nome próprio é uma categoria lógica que estabelece uma relação com o mundo, isto é um sentido, entendido como “o que nos permite chegar a uma referência no mundo”. Assim, de acordo com Oliveira (2001, p. 21), o sentido é um caminho que leva à compreensão de uma referência, característica que o nome próprio compartilha com as descrições definidas e o nome próprio ordinário, este último objeto de estudo da Onomástica, ambas devendo ter sentido e referência.

Ainda na teoria descritiva, o autor segue explicando que Strawson e Searle apontam que o sentido do nome próprio é dado por um feixe ou agregado de descrições. Já, para Kripke, o nome próprio se estabelece mediante um primeiro ato de denominação, em que há uma nomeação ostensiva, ou seja, “está unido a uma corrente de comunicação em cuja extremidade se encontra o homem ao qual se faz referência” (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 8). Após esta etapa inicial, o nome próprio torna-se um *designador rígido*, ou seja, um elemento que designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis.

Segundo Ullmann (1964), muitos filósofos da linguagem estão de acordo na consideração dos nomes próprios como marcas de identificação. Para comprovar sua afirmação, o estudioso cita o ponto de vista defendido por Mill, para quem

Sempre os nomes dados aos objetos comunicam qualquer informação, isto é, sempre que têm qualquer significado, esse significado não reside no que designam, mas no que conotam. Os únicos nomes de objetos que nada conotam são os nomes próprios, e estes não têm [...] nenhuma significação (MILL *apud* ULLMANN, 1964, p. 154).

Após explicitar como os filósofos da linguagem concebem o nome próprio, Van Langendonck (2007) apresenta estudos que tratam das características gramaticais e pragmáticas do antropônimo e, ainda, o estudo “sócio-onomástico” dos nomes próprios, viés aqui adotado.

Em um estudo sobre os nomes próprios do dialeto flamingo, Van Langendonck (2007, p. 306-318) aponta que é possível associar a Onomástica ao social, principalmente quando se trata dos nomes próprios de pessoas. Para o autor, “os nomes próprios são signos linguísticos ancorados socialmente e são grande parte e parcela do inventário linguístico de uma comunidade”² (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 306).

Além disso, o estudioso explica que os nomes próprios estão sujeitos a alterações devido aos lugares em que são empregados, não tendo somente uma função formal, mas também uma posição social e ideológica, o que é contrário ao apresentado por alguns filósofos da linguística, que defendem que a única função do nome próprio é designar e referir. Cumpre salientar que o posicionamento de Van Langendonck (2007) vai ao encontro do adotado pela pesquisadora brasileira Dick (1992), que considera o nome próprio em seu aspecto social e cultural, tendo em vista que à Onomástica interessa não o nome próprio em si mesmo, mas sim a relação entre o nomeador, o objeto nomeado e o receptor, em outros termos entre o nome, o portador do nome e o designador (DICK, 1992, p. 147).

Guérios (1981), ao tratar dos aspectos sociais de um antropônimo, é categórico ao afirmar que “os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais: 1º) Sob o aspecto linguístico, da sua origem ou criação; e 2º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram empregados” (GUÉRIOS, 1981, p. 16).

Outra distinção importante é a que propõe Van Langendonck (2007) quando apresenta duas maneiras de ver o nome próprio: a primeira como lema de nome

² Proper names are socially anchored linguistic signs and as such part and parcel of the linguistic inventory of a society (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 302).

próprio e a segunda como função de nome próprio. Para explicar a diferença entre estes usos, o estudioso apresenta algumas sentenças que evidenciam que nem sempre um nome próprio é usado como tal. Cita-se, abaixo, uma tradução dos exemplos dados pelo autor em língua inglesa.

- 1) Zepelin inventou o zepelin
- 2) João foi a uma reunião hoje.
- 3) Você está falando de outro João.

No primeiro exemplo, observa-se que a primeira ocorrência de *Zepelin* é um nome próprio, enquanto a segunda ocorrência é um nome próprio que funciona como um nome comum, o nome do inventor sendo usado para designar a “coisa” por ele inventada, ocorrendo, então, o processo de “comunização”. Já no exemplo 2, de acordo com o autor, há uma referência a uma entidade individual, o que é típico da função de nome próprio. Por fim, o exemplo 3 supõe a existência de mais de um indivíduo chamado João, pluralidade que resulta na transformação de João num nome comum.

De fato, em muitos casos, colocar um nome próprio no plural implica em transformá-lo em nome comum, conforme já defendia Coseriu (1987) quando estudou a questão da possibilidade de os nomes próprios apresentarem flexão de plural. Na obra coseriana, tem-se a exposição de cinco casos em que os nomes próprios podem ser usados no plural, quais sejam:

- a) nomes que designam conjuntos de objetos;
- b) nomes aplicados a uma pluralidade de objetos que individualmente se chamam pelo mesmo nome;
- c) nomes aplicados a uma pluralidade de membros da mesma família;
- d) nomes empregados para significar “entes como...”;
- e) metonímias (COSERIU, 1987, p. 194).

Tendo em vista que cada comunidade exerce uma função e tem uma história, à luz da teoria coseriana, parte-se do pressuposto de que cada comunidade adota um padrão ou uma norma de acordo com suas necessidades. Considera-se, então, que o sistema de nomeação de determinado local segue padrões pré-estabelecidos pelas comunidades em questão, os quais podem ser influenciados pela cultura, tradição e crenças compartilhadas de cada local. Esse padrão pré-estabelecido

obedecerá a uma *norma*, a qual, segundo Coseriu (1987), não é prescritiva, mas sim descritiva. Assim, cada comunidade tem uma norma antroponímica influenciada pelas circunstâncias de nomeação de cada sociedade.

Cumprido ressaltar que a noção de nome próprio para Coseriu (1987) transcende a linguística estruturalista clássica por abranger o aspecto social da linguagem, tendo em vista que suas propostas compreendem os diferentes empregos dos signos linguísticos com inclusão dos nomes próprios.

Conforme se procurou mostrar nessa seção, não há uma única noção de nome próprio: há uma definição diferenciada segundo a vertente teórica adotada. No caso desta pesquisa, compreende-se que o nome próprio não é apenas um mero identificador, mas sim um signo linguístico constituído histórica e socialmente. Um antropônimo que um indivíduo porta é um nome escolhido a partir do meio em que os designadores vivem para designar um ser único, sendo, portanto, influenciado pelo meio social e pelas crenças da comunidade na qual os designadores estão inseridos. Exposto o conceito de nome próprio aqui adotado, a seção seguinte objetiva mostrar a diferença entre os tipos de antropônimos existentes no sistema antroponímico de língua portuguesa.

1.2 NOMES E SOBRENOMES

Conforme as diferentes necessidades do padrão nominativo de uma comunidade, há diferentes tipos de nomes próprios classificados por Leite de Vasconcelos *apud* Dick (1992) e Amaral (2011). Dick (1992) informa que Leite de Vasconcelos elencou uma série de características dos antropônimos numa tentativa de classificá-los a partir de suas diferentes configurações. Segundo Vasconcelos, o sobrenome é “um patronímico, nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio” (VASCONCELOS *apud* DICK, 1992, p. 179), ou seja, acompanhado de um prenome, o sobrenome identificará a qual grupo determinado sujeito pertence. A partir desta definição, vê-se que o sobrenome, mesmo que, por vezes, possa indicar o local de origem do indivíduo, refere-se à família de origem, isto é, a que família o sujeito pertence, motivo pelo qual, a partir do sobrenome é possível observar qual a origem familiar de seu portador. Assim, por

exemplo, ao se observar um nome como *Maria Scherer*, infere-se que a moça é de uma família, ou ascendência, germânica com base na origem de identificação etimológica de seu sobrenome.

Ainda sobre o sobrenome, é necessário observar que muitos deles foram, originalmente, alcunhas ou apelidos que passaram a ser atribuídos de pais para filhos. Para Amaral (2011) “o *apelido* (*alcunha*, ou mais raramente, *cognome*) é o antropônimo atribuído a um indivíduo geralmente por outra pessoa. Muitas vezes alude a uma característica física ou intelectual e pode ou não ser depreciativo” (AMARAL, 2011, p. 71, grifos do autor). Nas palavras de Leite de Vasconcelos, porém, o apelido é “uma denominação da família, transmitida ordinariamente de geração em geração” (VASCONCELOS apud DICK, 1992, p. 179), modernamente o conceito de alcunha, na concepção de Dick (1992, p. 179), foi substituído por sobrenome.

O prenome, por sua vez, representa o primeiro nome de um indivíduo e geralmente é acompanhado por um sobrenome. Segundo Amaral (2011), “*prenome*, ou *primeiro nome*, é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de sua intimidade” (AMARAL, 2011, p. 70, grifos do autor) e é um direito do recém-nato por lei.

Enquanto o sobrenome é herdado sendo atribuído obrigatoriamente ao filho, o prenome é fruto de uma escolha cujas motivações são apresentadas na próxima seção.

1.3 A ANÁLISE ETIMOLÓGICA DOS NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS

Na concepção do dicionário etimológico da língua portuguesa, a palavra etimologia vem do Grego *étumos* (real, verdadeiro) + *logos* (estudo, descrição, relato) e significa “o estudo científico da origem e da história das palavras”, logo, a partir desta concepção tem-se que um estudo etimológico busca compreender a origem e o significado das palavras. Conhecer a etimologia de uma palavra desde sua origem significa, então, descobrir seu verdadeiro sentido e conhecê-la de forma mais completa.

Tendo em vista que as diferenças acepções encontradas para a noção de etimologia, se faz necessário, nesta seção, explicitar o conceito de etimologia adotado neste trabalho, principalmente para a análise etimológica dos sobrenomes. Para a realização desta pesquisa, partiu-se da ideia de que a etimologia é a ciência que trata da origem da palavra, sobre tudo, do significado desta, sendo isso incorporado aos nomes próprios de pessoas. Guérios (1981, p.14) adverte sobre a origem etimológica dos antropônimos, quando menciona que “muitos antropônimos possuem mais de um étimo; geralmente são os casos controversos”. Observando as críticas acerca da etimologia e os possíveis perigos encontrados, para este trabalho, que tem como escopo, além de observar a história, observar a origem das famílias que constituíram tais localidades, optou-se em pesquisar a origem da etimologia dos sobrenomes em Guérios (1981) e também em *sites* da internet. Contudo, ressalta-se que nesta pesquisa teve-se a análise etimológica exclusivamente para os sobrenomes, baseando-se na origem destes.

1.4 MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DOS PRENOMES

Um dos primeiros estudos acerca das motivações para as escolhas dos prenomes no Brasil foi feito por Guérios (1981), para quem a escolha de um nome próprio pode estar motivada por muitos fatores. Sabe-se que o indivíduo pode ser levado a escolher determinado nome a partir do meio em que vive, influenciado pelas ascendências de sua família, pela comunidade em que o nomeador reside e, até mesmo, pelas condições ideológicas estabelecidas em determinadas ocasiões. Para o autor, “os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares” (GUÉRIOS, 1981, p. 18).

O autor menciona diferentes motivações para a escolha destes prenomes e, geralmente, as associa com o social, dentre outros aspectos. Também trata do significado etimológico do prenome. Ao desconsiderar da proposta de Guérios (1981) as motivações baseadas no critério etimológico, chega-se ao seguinte elenco de motivações: religiosa, política, família/amizade, diversas: estética sônica ou

gráfica, homenagem a personagem ilustre ou histórico, nomes que rimam, arte (romances e filmes) (GUÉRIOS, 1981, p. 25-29).

Não foram levadas em conta as motivações de cunho etimológico, haja vista que em estudo feito por Carvalhinhos (2007) evidencia-se que as sociedades atuais não se preocupam mais como a etimologia do prenome a ser empregado, mas sim com o sonoro. Partindo desta ideia, a autora afirma que há a apresentação de um “esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas” (CARVALINHOS, 2007, p. 3).

Também a respeito das mudanças havidas nas possíveis motivações para as nomeações, Seide (2013a) realiza um trabalho no qual elenca, a partir de entrevistas, as motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. Em seu trabalho, a autora constata que Guérios (1981) “dá conta da maior parte das motivações contemporâneas, com exceção da *internet*, inexistente à época, da busca de inspiração em anúncios de jornais e da inspiração em marcas industriais e nomes de estabelecimentos comerciais” (SEIDE, 2013a, p. 11).

Mesmo com a apresentação das motivações para a escolha dos nomes próprios de pessoas, é preciso informar que o presente trabalho não dará conta de apresentar as motivações para as escolhas antroponímicas registradas no *corpus* coletado nos municípios estudados, uma vez que não foram feitas entrevistas que pudessem subsidiar tal estudo.

Esclarecido o conceito de nome próprio adotado na pesquisa, apontados os tipos de nomes próprios e possíveis motivações para sua escolha, faz-se, na seção seguinte, um breve relato de pesquisas já realizadas em antroponomástica, tanto no Brasil quanto no exterior, com o intuito de evidenciar outro pressuposto desta pesquisa: a relação entre prática nomeadora, cultura e história.

1.5 RELAÇÃO ENTRE PRÁTICA NOMEADORA, CULTURA E HISTÓRIA

Indo de João à Maria ou de *Jacksonfaive* à *Merijeini*, percebe-se que os nomes próprios são objetos de estudos complexos. De fato, as escolhas dos nomes próprios rendem pesquisas que apontam para a cultura, para os usos e para os costumes de uma comunidade. De modo a evidenciar que os nomes próprios

apresentam aspectos relacionados à cultura e aos costumes dos povos, são descritas as características do sistema de nomeação de outras comunidades que tem crenças e costumes distintos daqueles adotados no Brasil e, para tanto, são apresentados alguns estudos feitos no exterior e no Brasil sobre os nomes próprios de pessoas.

No exterior, há uma longa tradição de estudos dos nomes próprios de pessoas. Em pesquisa bibliográfica realizada com o auxílio do sistema de acesso a periódicos promovido pela Capes, descobriu-se que a Antroponomástica remonta, pelo menos, ao início do século passado. Em seu artigo, Holmes (1930) menciona a tese de doutoramento de Karl Michaelsson na Universidade de Uppsala, na Suécia, intitulada o *Estudes sur lês Noms de Personne français d'apres lês Rôles de Taille Parisisena* (HOLMES, 1930, p. 464).

Com relação ao artigo de Holmes (1930), trata-se de um estudo sobre o sistema antroponímico dos negros de um município dos Estados Unidos. Nota-se, em seu trabalho, que o pesquisador descreve, de maneira preconceituosa, as diferenças e as semelhanças encontradas no sistema antroponímico da Carolina do Norte em 1930, algo impensável nos dias de hoje. Seu preconceito se evidencia quando o autor é categórico em sua afirmação de que, na comunidade negra da Carolina do Norte em 1930, “um estudo comparativo dos dados indicará que nesta comunidade negra, os pais têm escolhido, na maioria, por nomes padrão. Há, com certeza, o desejo de elegância e distinção, tão típico da raça africana³” (HOLMES, 1930, p. 467).

Além da pesquisa mencionada, podem-se citar outros trabalhos que também fazem menção à relação entre cultura e sistema antroponímico. O primeiro trabalho a ser mencionado é o de Afam Ebeogu (1993). Em um estudo feito sobre os nomes próprios de Ibo, na Nigéria, o pesquisador constatou que, para os denominadores, há vários fatores que influenciam a escolha dos antropônimos, mas o principal fator está relacionado ao destino, que pode ser marcado eternamente pelo nome recebido. Nas palavras do autor:

³ A comparative study of the figures will indicate that in this negro community, (...), the parents have for the most part kept to standard names, there is, to be sure, a desire for elegance and distinction which is so typical of the African race.

Há um aforismo de Igbo que diz: *aji aha abadbummady*. O destino pode ser arruinado pelo tipo de nome que é dado a uma pessoa no nascimento. Essa crença explica o porquê, na sociedade tradicional de Igbo, a escolha do nome de uma criança, um título prospectivo inicial, uma nova noiva, etc... é um exercício que requer alguma premonição sobrenatural⁴ (EBEOGU, 1993, p.1).

Sua pesquisa evidencia a influência que as crenças têm sob a nomeação. Na concepção dos Ibo, o significado do prenome tem muita influência na vida que o recém-nato terá. Não obstante, no Brasil, não há grande preocupação em saber o significado do nome próprio a ser atribuído. Conforme apresenta Carvalhinhos (2007) “como a língua é naturalmente dinâmica, o nome é rapidamente esvaziado de seu real sentido etimológico restando apenas um invólucro, uma forma opaca que oculta o verdadeiro significado original do nome” (CARVALINHOS, 2007, p. 3), ou seja, há, na grande maioria, um esvaziamento semântico e uma nomeação pela “beleza do som”.

Em outro trabalho, Trevor Burnard (2001) mostra a influência das condições sociais de uma comunidade no sistema nominativo em sua pesquisa sobre os nomes dados pelos brancos aos escravos africanos que foram levados para a Jamaica no século XVII, quando havia grande concentração de escravos que eram nomeados por seus donos, havendo muitas diferenças entre a nomeação dos escravos e a nomeação dos brancos.

Em sua pesquisa, Burnard (2001) investigou um diário de um proprietário de escravos. A primeira diferença na antroponímia dos brancos e dos negros é que os brancos tinham nomes e sobrenomes e, na maioria das vezes, dois sobrenomes, o primeiro materno e o segundo paterno. Os negros, por sua vez, tinham apenas o primeiro nome e geralmente eram identificados por marcadores, como a idade ou o local de origem. No caso da nomeação dos escravos africanos, os donos pouco se importavam com a cultura africana e com as práticas de nomeação africanas. As peculiaridades do sistema antroponímico jamaicano daquela época eram tantas que levaram o pesquisador a afirmar que

O estudo da onomástica na Jamaica do século XVIII nos diz mais sobre as atitudes dos brancos perante seus escravos do que das

⁴There is an Igbo aphorism which says: *Eji aha abagbummadu*'One'sfate can be ruined by the kind of name given to the person at birth'. This belief explains why, in the traditional Igbo society, the choice of a name for a child, a prospective title initiate, a new bride, etc., is a very careful exercise which may indeed require some divination!

concepções dos escravos sobre eles mesmos. Além disso a disposição dos jamaicanos brancos em utilizar um conjunto de poucos nomes africanos cujo significado se perdeu sugere que eles eram indiferentes, ao invés de hostis, à perpetuação da cultura africana no novo mundo. Mais importante ainda é que os brancos não seguiram, ao nomear os escravos, as mesmas regras onomásticas que seguiam para eles mesmos. **Brancos, negros livres, e escravos podiam ser mais facilmente distinguidos pelos nomes do que pela cor ou pela posição social e econômica**⁵ (BURNARD, 2001, p. 345, grifos nossos).

A conclusão a que chega o autor é uma evidência de que o estudo de um sistema antroponímico de determinada comunidade pode revelar as condições sociais e históricas da época. Seu trabalho também evidencia características sociológicas empregadas no sistema antroponímico daquela comunidade.

A partir da pesquisa de Burnard (2001), é possível perceber que há, em cada cultura, um padrão antroponímico ou norma antroponímica que é seguida pelos designadores. Sob a ótica desse estudo, acredita-se que, em comunidades cadenciadas de culturas distintas, há sistemas antroponímicos diferentes que contribuiriam para a compreensão de como se dá o processo de nomeação de cada local.

Uma investigação que ilustra a relação intrínseca entre nomeação e cultura é a realizada por Ivo Ngade (2011), sobre as práticas nomeadoras atuais e passadas em Bakassi, comunidade localizada em Camarões, na África, e quais as principais influências e motivações que influenciavam as nomeações na comunidade. O autor mostra que “os nomes fazem parte dos valores culturais herdados sob ameaça em Bakassi”⁶ (NGADE, 2011, p. 119) fazendo do ato de nomear, uma tentativa de resgatar ou preservar a cultura local. Assim, o ato de nomeação naquela comunidade, tornou-se uma resistência contra os valores herdados de outras culturas.

Nesta comunidade, a decisão da nomeação é feita pela família. Neste ato, os pais marcam a identidade do recém-nato, uma vez que os nomes, nesta cultura,

⁵ The study of naming practices in eighteenth-century Jamaica tells us much more about white attitudes toward their slaves than about slaves' conceptions of themselves. Yet, white Jamaicans' willingness to use a small pool of African names from which the original African meanings had been bleached suggests that they were indifferent, rather than hostile, to the continuation of African ways in the NewWorld. More important, whites did not burden their slaves with the onomastic rules that they followed for themselves. Whites, free blacks, and slaves could be distinguished by name even more easily than they could be distinguished by color or by social or economic position.

⁶ Names form part of the culturally inherited values under threat in Bakassi.

revelam não só o gênero (masculino e feminino) do nascido, mas também suas qualidades morais. Assim como na tradição brasileira, os Bakassi também homenageiam seus antepassados pelos nomes; porém, diferentemente do que ocorre no Brasil, os nomes podem ser escolhidos a partir das condições do parto. Se uma parteira estiver presente, por exemplo, o nome do recém-nato pode ser o da parteira, a homenagem sendo vista como uma retribuição pelo trabalho realizado.

A par desta maneira tradicional de nomear, também foi observada pelo pesquisador a presença de nomes estrangeiros na comunidade. Como consequência do contato com outras culturas e com a mídia, têm surgido, naquela sociedade, vários nomes que são de pessoas famosas, como Angelina, Michel, entre outros (NGADE, 2011, p. 119). A influência da mídia no sistema antroponímico, como se sabe, não ocorre somente na comunidade de Bakassi. No Brasil, também há crianças que recebem nomes de famosos que estão no auge em determinado período de tempo.

Outro aspecto em sistemas antroponímicos diferentes do sistema adotado no Brasil, foi observado no trabalho de Abdul Wahed Qasem Ghaleb Al Zumor, que, em 2009, publicou um trabalho relacionado ao sistema antroponímico na comunidade de Yemeni, na Arábia, trabalho no qual o autor se propôs a estudar social, morfológica e semanticamente o nome de 300 mulheres que viviam na região Norte e Noroeste da comunidade, enfocando os nomes excêntricos. Os nomes foram recolhidos através de pesquisas sociolinguísticas, as quais proporcionavam ao autor o conhecimento das condições de nomeação e, principalmente, dos motivos de nomeação. Al Zumor (2009) defende que cada comunidade tem uma maneira de ilustrar suas ideologias, assim, a nomeação dos recém-natos pode ser um indicativo das ideologias de determinada comunidade:

A nomeação é um ato linguístico, intimamente ligado com os valores, tradições, esperanças, medos e eventos nas vidas das pessoas. Os nomes revelam as muitas preferências de seus donos (ou dos nomeadores) em termos de objeto da vida real, ações, conquistas e crenças (Rosenhouse, 2002). As práticas nomeadoras pessoais oferecem importantes pistas sobre a organização social e cultural das comunidades que podem ser a chave para se entender mudanças culturais mais amplas⁷ (AL ZUMOR, 2009, p. 15).

⁷ Naming is a specific linguistic act, intimately linked with values, traditions, hopes, fears and events in people's lives. Names reveal the many preferences of their owners (or givers) in terms of real life objects, actions, features and beliefs (Rosenhouse, 2002). Personal naming practices offer important

O exposto por Al Zumor (2009) é consoante ao apresentado por Dick (1992). Para ambos os autores, o nome próprio, não é apenas uma forma de identificação pessoal é também um signo carregado de história e cultura que revelam o modo de ser da coletividade. Para a autora, a partir da nomeação de cada criança, é possível observar e traçar um perfil da comunidade, uma vez que

[...] os antropônimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo em que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nomeação de seus membros (DICK, 1992, p. 178).

Assim como Guérios (1981) e Dick (1992), Al Zumor (2009) leva em consideração as condições da comunidade estudada, ou seja, considera-se que a nomeação é fruto das ideologias e da cultura da população. Assim, na comunidade estudada por este pesquisador, foram observadas as seguintes motivações: nomes associados com a agricultura e tempo (clima); continentes, países e cidades (beleza); dias do nascimento (segunda, terça, quarta ...); pela ordem do nascimento (primeiro, segundo, terceiro...); dinheiro – moeda corrente; circunstâncias do nascimento (local do nascimento, período de tempo, como nasceu, presença de doenças); marcas e nomes inovadores; nomes femininos derivados de nomes masculinos; nomes de armas; características físicas e de comportamento no dia do nascimento e nomes estrangeiros.

Dessa forma, Al Zumor (2009) mostra que a escolha dos nomes próprios de pessoas é influenciada pela cultura e pela tradição de determinada comunidade e deixa explícito que há gradativas mudanças nas motivações das escolhas dos nomes próprios com o passar do tempo. Cumpre informar que, para o autor, os nomeadores são influenciados por dois fatores: o local e o externo, que podem ser influenciados pelas comunidades em contato⁸ (AL ZUMOR, 2009, p. 25).

insights into the patterns of social and cultural organization of communities and can be a key to broader cultural changes.

⁸Generally speaking, name givers while giving names are influenced by two types of factors: local and external. The local factors include weather names, agricultural names, circumstantial names, weapons names, and clan names. The external factors include the names of continents, countries and cities, foreign names and brand and innovations names.

Descrita uma seleção de estudos antroponímicos que relacionam as práticas denominadoras à história e à cultura da comunidade em que são usadas no âmbito internacional, são apresentados estudos do mesmo tipo realizados no Brasil.

Ainda não são muitas as pesquisas publicadas sobre os nomes próprios de pessoas no Brasil. No cenário nacional, se destacam os estudos toponomásticos, os quais, na maioria das vezes, têm como produtos finais a elaboração de atlas toponímicos, vistos como indícios dos costumes e da história de uma comunidade. Quanto à Antroponomástica, pode-se citar uma tese de doutorado recentemente defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por Mota (2012), na qual descreve-se uma investigação sociolinguística comparativa entre os referentes antroponímicos em duas cidades mineiras. Em sua tese, Mota (2012) estuda as formas de referência usadas em Aparecida do Mundo Novo e em Belo Horizonte, valendo-se dos estudos sociolinguísticos e partindo das teorias sociolinguísticas e enunciativas para explicar as possíveis motivações para o emprego diferenciado das formas de referência. A autora utilizou a metodologia da sociolinguística laboviana para correlacionar a forma de referência utilizada pelo entrevistado e as variáveis: faixa etária, gênero e escolaridade.

Além deste, há um estudo feito por Lira e Hosokawa (2012) que investiga a influência da língua inglesa nos nomes próprios de alunos de uma escola de Rio Branco, no Acre.

Há também uma pesquisa realizada no estado do Paraná sobre os processos de nomeação de Curitiba feita por Terese Thonus e divulgada em 2012. No trabalho de Thonus (2012), há a evidência de que a língua inglesa influencia os mais variados idiomas do mundo, seja por empréstimos linguísticos e, até mesmo, pela forma de nomeação. Em seu trabalho, a autora apresenta a influência da escrita inglesa em nomes masculinos no Brasil, nomes registrados de 1967 a 1987. A pesquisadora observa que nomes considerados tradicionais na comunidade de língua portuguesa, foram substituídos por nomes usados nos Estados Unidos ou diferem sua grafia aproximando-se de grafias típicas da língua inglesa. A autora ressalva, porém, que há uma tênue diferença entre os nomes norte-americanos de fato, como David, James, John; e os americanizados, com Davis, George, Nicholas.

Ainda no estado do Paraná, há a pesquisa da professora Clarice Nadir Von Borstel (2007) sobre os nomes próprios dos poloneses da comunidade rondonense de Vila Margarida, no Oeste paranaense e a dissertação por ela orientada sobre

uma comunidade de nipo-brasileiros em Terra Roxa (NABÃO, 2007) e, mais precisamente nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Toledo, Palotina e Maripá, as pesquisas de Seide (2012); Lauermann e Seide (2012); Gehring e Seide (2012); Frai e Seide (2012); Grespan e Seide (2012); Vescovi e Seide (2013a,b) e Grespan (2012), sobre o município de Toledo.

Taiana Grespan e Seide (2012) observou que, na primeira década pós-colonização italiana em Toledo, há uma considerável influência na escolha dos nomes próprios dos filhos de italianos na cidade. Também é possível afirmar, de acordo com a autora, que há certa miscigenação na nomenclatura dos nomeados, ou seja, há a ocorrência de nomes híbridos na comunidade toledana.

A pesquisa desenvolvida em Marechal Cândido Rondon por Lauermann e Seide (2012), em um projeto de iniciação científica, investigou a existência de correlação entre prenome e sobrenome germânico com base na coleta de 100 certidões de nascimento da década de 1960, cujos dados foram registrados em fichas antroponomásticas (conforme modelo da Figura 1, na página 37). Destas fichas, setenta e quatro apresentavam sobrenomes germânicos, ou seja, 74% dos sobrenomes registrados eram etimologicamente germânicos, comprovando a crença de que, na época em que foi colonizada, Marechal Cândido Rondon era uma cidade tipicamente teuta.

Neste contexto, surgiu o projeto de pesquisa que serviu como ponto de partida para esta dissertação de mestrado visando investigar o processo de nomeação nas cidades de Palotina e Maripá, no Oeste do Paraná, com o intuito de verificar se há influência da ascendência no processo de nomeação de tais comunidades.

Tendo em vista o apresentado acerca dos estudos antroponomásticos citados, vê-se que há, em cada cultura, um padrão a ser seguido. Partindo desses estudos e destas discussões, neste trabalho, aborda-se o nome próprio a partir do conceito de norma estabelecido por Coseriu (1987), cuja dimensão social é explicitada na última seção desse capítulo.

1.6 DIMENSÃO SOCIAL DO ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS

Van Langendonck (2007) destaca que os nomes próprios de pessoas têm um caráter social, ideológico e cultural. Para dar conta deste caráter, no bojo desta pesquisa, estão as teorias de Coseriu (1987), para quem a língua deve ser entendida como função e depois como sistema, uma vez que a língua funciona, não por ser sistema, mas por ser um sistema constituído a partir do momento que cumpre uma função que é social e histórica. Pensando assim, Coseriu (1987) define uma língua funcional como um “sistema de oposições funcionais e realizações normais” (COSERIU, 1987, p. 50). Utilizando esta mesma concepção para os estudos antroponímicos, os nomes próprios podem ser observados a partir do contexto histórico da comunidade e dos habitantes de tal localidade.

Considerando o estudo feito por Mota (2012) de viés enunciativo e sociolinguístico e as propostas de Van Langendonck (2007, p. 306-321) para a Sócio-Onomástica, percebe-se que há várias maneiras de se correlacionar os nomes próprios e a Sociolinguística: há a sócio-onomástica que trabalha com a referência, como é o caso do estudo de Mota (2012); a que visa compreender as motivações para as nomeações, feita com base em dados oriundos de entrevistas; a que foca os usos pragmáticos e sociais do nome próprio, cujo exemplo é o trabalho de Langendonck (2007); e a que foca possíveis correlações entre fatos onomásticos e características sociais, culturais e históricas das comunidades onde os nomes próprios de pessoas foram registrados.

A correlação que ora se intenta segue o viés socioantroponímico de estudo, ponto de vista adotado numa pesquisa sobre a norma antroponímica de Tlalnepantla de Baz, Estado de México, realizada por Segura Jiménez (2014). Em sua dissertação de mestrado, a autora adota a proposta de Rita Caprini para o estudo dos nomes próprios para quem, nas palavras de Segura Jiménez (2014), “o nome próprio de pessoa adquire seu significado dentro da comunidade de fala, e é por isso que uma teorização inicial deve construir-se a partir de sua relação com o entorno social a qual pertence”⁹ (SEGURA JIMÉNEZ, 2014, p. 32). É a partir das

⁹El nombre propio personal adquiere su significado dentro de la comunidad de habla, por lo que una teorización inicial debe construirse a partir su relación con el entorno social a cual pertenece.

concepções de Caprini acerca da nomeação dentro do entorno social que Segura Jiménez (2014) relaciona sócio-onomástica e norma antroponímica, o que lhe possibilita delimitar o objeto de estudo da Onomástica:

A postura antropológica da proposta de Caprini colabora para a configuração de uma onomástica autônoma, na qual será possível estudar os nomes próprios dentro do sistema das línguas na sociedade. Ao estabelecer que a categoria deve ser estudada dentro da comunidade de fala que a usa, a autora começa a trabalhar dentro de uma disciplina sócio-onomástica pois, mesmo que não o mencione explicitamente em momento algum, se deve reconhecer que os postulados expostos neste texto pertencem aos da socioantroponímia¹⁰ (SEGURA JIMÉNEZ, 2014, p. 36).

Perante o afirmado pela autora, a partir dos estudos de Caprini, percebe-se que os antropônimos, além de remeterem à história e a cultura da comunidade na qual são utilizados, estão relacionados ao social, à comunidade de fala em que se insere o falante e aos costumes da comunidade a qual ele pertence. As análises apresentadas a seguir, assim como as pesquisas de Segura Jiménez (2014) estão inseridas na Socioantroponímia.

Ainda, ressalta-se que para a pesquisa em desenvolvimento, levou-se em consideração as noções de nome preferencial, de moda e de tradição na escolha dos antropônimos apresentadas por Seide (2013c). As noções de moda e tradição foram elaboradas com base no comportamento estatístico dos prenomes num dado *corpus*. Para a pesquisadora, um prenome de moda apresenta “as seguintes características: não estar disponível no seio familiar, ser preferencial e haver descontinuidade de uso” (SEIDE, 2013c, p. 2). Um nome tradicional, por sua vez, apresenta as seguintes características: “estar disponível no seio familiar, ser preferencial e com continuidade de uso” (SEIDE, 2013c, p. 2).

Uma característica comum a ambas as noções é a de ser o prenome um prenome preferencial. Para Seide (2013c):

Para todos os casos, era necessário que o nome fosse preferencial.
Para ser preferencial, é preciso que ele se destaque dos outros

¹⁰ La postura antropológica de la propuesta de Caprini colabora a la conformación de una onomástica autónoma en la cual se pueda tratar el nombre propio dentro del sistema de las lenguas en sociedad. Al establecer que la categoría debe estudiarse dentro de la comunidad de habla que la usa, la autora comienza a trabajar ya dentro de una disciplina siconomástica pues, si bien no lo menciona explícitamente en ningún momento, se debe reconocer que los postulados expuestos en este texto pertenecen a los de la socioantroponimia.

nomes em termos de frequência. Em cada elenco de nomes, eles apresentaram um comportamento estatístico diferente por haver mais ou menos dispersão de nomes com índices de riqueza vocabular distintos. Haja vista esta disparidade, foi levada em consideração a posição relativa dos nomes em cada elenco. Outro critério utilizado foi o de não considerar nomes que não fossem preferenciais em cada elenco. Foi considerado nome não preferencial aquele que, por seu número de frequência, esteve num conjunto formado pelo dobro de nomes do conjunto anterior. Exemplificando o critério: se, hipoteticamente, numa lista, a primeira posição tem um nome com frequência igual a seis, a segunda posição três nomes com frequência igual a cinco e a terceira posição sete nomes com frequência igual a dois, os nomes da terceira posição são nomes não-preferenciais (SEIDE, 2013c, p. 2).

Utilizando os conceitos de nomes preferenciais, nomes tradicionais e de nomes de moda, com base nesta autora, os prenomes foram analisados observando-se a estabilidade ou instabilidade no padrão antroponímico de cada local, conforme se apresenta no capítulo 4. Enquanto o conceito de moda se aplicaria à comunidade que apresenta maior instabilidade na escolha dos prenomes, tradição, em contrapartida, estaria aplicada àquela que possui maior estabilidade na escolha dos prenomes. Explicitados os fundamentos teóricos utilizados na dissertação, na seção seguinte são descritos os procedimentos metodológicos empregados.

2 METODOLOGIA: COMO ESTUDAR OS NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS?

A Onomástica, tanto em seu aspecto toponímico quanto em seu aspecto antroponímico, conforme apresentado por Dick (1992), caracteriza-se pela interdisciplinaridade, haja vista suas análises dependerem de fatores que circunstanciam o espaço e o tempo. Também tem como característica a pluralidade, por contemplar visões e metodologias distintas, o que impede que haja um consenso acerca de uma metodologia única a ser seguida.

No Brasil, há estudos toponomásticos liderados pela professora Dick (1990; 1992), precursora destes estudos no país, que seguem uma metodologia estabelecida por esta pesquisadora, a qual engloba uma abordagem documental, etimológica e qualitativa dos topônimos analisados. Contudo, para as pesquisas antroponímicas não há um padrão metodológico pré-estabelecido.

Seide (2013b, p. 167), em um trabalho sobre a metodologia e os paradigmas das pesquisas onomásticas, apresenta uma revisão de literatura acerca das metodologias utilizadas para os estudos toponímicos e antroponímicos e cita diversas formas de estudo dos antropônimos, além da etimológica, que é a norteadora das pesquisas toponímicas. Dentre as citadas pela pesquisadora, estão a Teoria da Relevância, uma abordagem cognitiva e pragmática, a Neurolinguística e análises baseadas na distinção proposta por Van Langendonk (2007), entre lema de nome próprio e função de nome próprio.

Mesmo com o surgimento de outras vertentes de estudos dos nomes próprios no Brasil, tal como a de Guimarães (2005), em *Semântica do Acontecimento*, na qual os nomes próprios são vistos em um ato enunciativo, e a de Mota (2012), que estuda os antropônimos a partir da noção de referenciação proposta por Benveniste, a maioria das pesquisas onomásticas segue o padrão estabelecido por Dick (1996 *apud* RAMOS; BASTOS, 2010) que estabelece a necessidade de haver:

- 1) Seleção de dados a partir de fontes primárias (no caso da antroponímia, dados coletados em cartórios de registro civil das cidades investigadas);
- 2) Registro dos dados em fichas lexicográficas padronizadas, com a identificação dos nomes, do pesquisador, do revisor, fontes e data da coleta;

- 3) A análise dos dados que inclua:
 - a) Quantificação dos nomes, analisando a maior ou menor frequência de classes ou itens lexicais;
 - b) O estudo dos nomes a partir de um enfoque puramente linguístico (etimológico e estrutural); linguístico-histórico e variacionista; histórico (relação entre a origem do nome e a histórica do local); ou geográfico.

Ainda quanto à antroponomástica e sua metodologia, ressalta-se a metodologia usada por López-Franco (2010), que adotou uma abordagem quanti-qualitativa, em uma pesquisa sobre os antropônimos de Tlalnepantla de Baz, no México, em um período de 100 anos, observando a frequência, a língua de origem e a formação morfológica dos antropônimos registrados em certidões de nascimento. Os procedimentos adotados nessa dissertação encaixam-se nos âmbitos apresentados por López-Franco (2010), sendo, então, uma pesquisa quantitativa e qualitativa de base documental.

Tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa servem de âncora para os demais tipos de pesquisa, ou seja, norteiam as reflexões e, até mesmo, a análise de dados. Observando o apresentado por Fonseca (2002), é possível dizer que a pesquisa quantitativa está atrelada às questões de quantificação e classificação dos dados recolhidos, ou seja, está em constante associação ao positivismo de Augusto Comte. Pelas palavras do autor:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc (FONSECA, 2002, p. 2).

Concomitante à pesquisa quantitativa, tem-se a pesquisa qualitativa que, na maioria das vezes, oferece respaldo para interpretações e análises de abordagens quantitativas e, nesta pesquisa, servirá de base para as análises dos dados quantitativos encontrados, o que também é esclarecido pelo autor: “a utilização

conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (FONSECA, 2002, p. 20).

Ainda, no âmbito qualitativo, observam-se as principais características desta abordagem, quais sejam: descrever, compreender e explicar. A partir das características da abordagem qualitativa. Conforme expõe Minayo (2007, p. 14), nessa abordagem, há o trabalho com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Vindo ao encontro da conceituação da autora, a abordagem qualitativa desta pesquisa pode contribuir para uma compreensão ainda maior dos valores e das atitudes das comunidades em questão.

Com relação aos procedimentos adotados para a coleta de dados, foi feita uma abordagem documental, baseada em certidões de nascimentos lavradas em cartórios de registro civil das duas cidades investigadas, Palotina e Maripá. Os dados das certidões foram reproduzidos em fichas antroponomásticas como a reproduzida a seguir.

Quadro 1 - Ficha antroponomástica

Nome próprio registrado no Cartório Civil da Comarca de Palotina			
LIVRO NO.	FOLHA	MÊS	ANO
1 Nome do pai			
2 Naturalidade do pai			
3 Nome do pai do pai			
4 Nome da mãe do pai			
5 Nome da mãe			
6 Naturalidade da mãe			
6 Nome do pai da mãe			
7 Nome da mãe da mãe			
8 Data da Coleta			
Coletado por			

Baseando-se na metodologia proposta por Dick (1996 *apud* RAMOS; BASTOS, 2010), pode-se dizer que a coleta das informações no cartório local, preserva a identidade da comunidade estudada e contribui para uma maior precisão dos dados analisados e do resultado a ser descoberto. Para constituir o *corpus* de análise, optou-se por analisar os nomes dos cem primeiros registrados de cada década, tendo em vista que com a coleta de cem registros haveria uma maior facilidade na comparação dos dados.

Dessa forma, no município de Palotina, a coleta de dados abrangeu os anos de 1957, 1967, 1977, 1987, 1997 e 2007, contemplando 60 anos de história em 600 nomes coletados. Cumpre informar que o primeiro ano de colonização do município foi 1954, entretanto, o cartório foi fundado em 1957, ano a partir do qual os dados foram coletados.

Observando alguns fatores históricos que envolviam a cidade na década de 1970, optou-se por coletar os cem primeiros registros dos anos de 1970, 1971 e 1975, com o intuito de compará-los aos demais, ou seja, no município de Palotina houve a análise de 900 prenomes registrados entre 1957 e 2007.

Em contrapartida, no município de Maripá, foram coletados dados de 1966, 1976, 1986, 1996 e 2006-2008, com relação a este último período foi necessário coletar dados de mais de um ano, dada a baixa natalidade do município. Assim como já mencionado, o município de Maripá, até a década de 1990, pertencia a Palotina e o cartório, por sua vez, também se encontrava na comarca de Palotina até o ano de 1966. Em 1966, inaugurou-se, em Maripá, o cartório de registro civil e é por isso que este é ano inicial desta investigação. Nesse sentido, como antes os registros de nascidos em Maripá eram feitos no cartório de Palotina, destaca-se, então, que os registros de 1957 forneceram dados de ambas as localidades que, neste período, foram analisadas como pertencentes à Palotina.

A coleta no município de Palotina iniciou-se no mês de fevereiro de 2013 e foi concluída no mês de maio de 2013, quando se iniciou uma breve análise do *corpus* em questão. Terminada a coleta de dados do município de Palotina, iniciou-se a coleta em Maripá, que ocorreu de maio de 2013 a agosto de 2013. É importante informar que todos os dados foram coletados nos livros de registro civil e, por diversas vezes, houve a necessidade de auxílio das registradoras, uma vez que a escrita não era legível, podendo ser confundida e não fornecendo tanta credibilidade ao estudo.

Após a coleta de dados, teve início a fase de análise dos dados. Os sobrenomes foram analisados etimologicamente e conforme o uso, mediante o cálculo de porcentagem após sua categorização etimológica. Os prenomes, por sua vez, receberam análises variadas: por frequência e porcentagem para se saber quais prenomes eram mais frequentes; por preferência, para saber quais eram os preferidos; por comportamento estatístico isolado de prenomes, para se saber se havia nomes de moda e nomes tradicionais. Considerando o conjunto de prenomes,

foram analisadas a utilização de repetição de nomes e de nomes duplos. A seguir, os procedimentos ora mencionados serão explicados.

Num primeiro momento, foram elaborados gráficos para visualizar a etimologia dos sobrenomes dos moradores de cada cidade durante os períodos estudados. Cumpre informar que, para a classificação etimológica dos sobrenomes de todos os anos, realizou-se um levantamento histórico e lexicográfico para subsidiar a análise. As fichas antroponomásticas foram classificadas a partir de consultas a obras locais, como a de Reginato (1979), Freitag (2001) e Barros (2002). Além disso, fez-se uma consulta em jornais antigos que pudesse subsidiar as informações como o Jornal Folha de Palotina, que tem uma seção destinada a histórias de italianos de Palotina e cartas escritas pelos padres palotinos. Quando não se sabia a origem de um sobrenome, consultava-se as escritas dos Cartórios de Registro Civil de Palotina e de Maripá, que residem nos municípios há muitos anos e sabiam informar esta origem. Também foram consultados o dicionário de nomes e de sobrenomes de Guérios (1981) e o site *Heraldry Institute*¹¹, que reúne informações sobre a origem das famílias de diversos lugares.

Ademais, para a elaboração dos gráficos, foram considerados todos os sobrenomes da ficha antroponomástica. A classificação¹² destas fichas, segundo a etimologia dos sobrenomes, ocorreu da seguinte maneira: a categoria “italiana” foi atribuída quando todos os sobrenomes da ficha eram de origem ítala; “híbrida”, quando ao menos um sobrenome da ficha era italiano; “germânica”, quando todos os sobrenomes da ficha eram alemães; e outros, quando os sobrenomes eram de outra origem, tais como portuguesa, brasileira, japonesa, austríaco, dentre outras.

Assim, feita a análise quantitativa, houve a complementação pela análise qualitativa dos dados coletados. Logo, a análise dos dados foi amparada pela história local, regional e nacional.

Para a realização da frequência, primeiramente, foi utilizada a ferramenta tabela dinâmica do programa Excel. Além do uso da ferramenta tabela dinâmica para a quantificação dos dados, optou-se em assegurar o estudo a partir da quantificação dos prenomes no programa *E-terms* (OLIVEIRA et al., 2009),

¹¹ Disponível em <<http://www.heraldryinstitute.com/>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

¹² Cumpre informar que a metodologia foi empregada para a classificação de todas as fichas antroponomásticas do município de Palotina. No caso da cidade de Maripá, houve uma investigação por parte dos germânicos, sendo as fichas classificadas em: germânicas, híbridas (quando se tinha um sobrenome alemão) e outras, seguindo os mesmos critérios da investigação palotinese.

programa que permite a quantificação de dados on-line a partir de uma plataforma cedida pela UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). Este programa *E-terms*, comumente utilizado por pesquisadores da área da terminologia, serviu como base para a análise quantitativa desta pesquisa, por meio de ferramentas que possibilitavam a inserção de textos e que, ao mesmo tempo, geravam a quantificação e a frequência dos dados. Oliveira et al. (2009, p. 1), informam que há várias etapas de trabalhos no sistema e que essas favorecem o uso pelos terminólogos, dentre elas a compilação manual de *corpus* (feita a partir de *upload* de arquivos) e a quantificação dos termos existentes (frequenciador de lexias simples, com inclusão do cálculo da riqueza vocabular de cada *corpus*), ferramentas estas utilizadas para a análise quantitativa de dados.

Observando, contudo, que há uma considerável diferença no número de dados coletados em Palotina e em Maripá, a análise contrastiva foi feita pelo número bruto de frequência e também por meio de cálculos percentuais. A análise do número bruto de frequência é condizente com o número total de prenomes de cada local.

A título de exemplificação, expõe-se uma situação meramente hipotética: toma-se, por exemplo, o prenome *Maria*. Vê-se, na primeira análise, que em 1980, no município de Palotina, *Maria* é um prenome preferencial mais frequente, pois ocorre 15 vezes. Por outro lado, levando em consideração todos os prenomes registrados em Palotina em 1980, considerando, desta forma, os prenomes duplos, contabiliza-se um total de duzentos prenomes, sendo que, destes, cento e cinquenta são prenomes femininos, tem-se, então, que *Maria* equivaleria a 10% do total de prenomes femininos registrados naquela época.

Outro procedimento adotado para análise consistiu na investigação do grau de estabilidade de cada sistema antroponímico. Considera-se estável a comunidade em que há vários nomes repetidos no decorrer dos anos, os quais podem ter sido escolhidos a partir de influências regionais e familiares. Considera-se uma comunidade instável na nomeação a partir do momento em que se tem, naquele local, poucos nomes repetidos em cada década. Entende-se, portanto, que quando há menos nomes repetidos, há mais variação de nomes, isto é, mais nomes diferentes indicando um sistema mais dinâmico, devido à maior renovação do repertório lexical. Ao contrário, quando há mais nomes repetidos, há menos variação

de nomes, um repertório lexical menor apontando para um sistema mais constante e conservador.

Com relação à análise qualitativa, ela se deu a partir da observação da frequência significativa de prenomes em determinadas épocas, circunstância que motivou a elaboração de análise histórica e cultural dos períodos em que havia maior ou menor presença de determinados antropônimos.

Além disso, cumpre informar que, para a análise dos prenomes, houve uma separação entre prenomes masculinos e femininos, dado o fato de pesquisas já realizadas mostrarem que, em decorrência das diferenças do padrão de nomeação ou norma antroponímica nos diferentes gêneros, não é possível analisá-los conjuntamente (LÓPEZ-FRANCO, 2010).

Cumpre ressaltar que, para a pesquisa em questão, não foram feitas entrevistas. Sabe-se, contudo, que o uso de entrevistas possibilitaria fazer uma análise ainda mais profunda dos resultados alcançados e considera-se extremamente importante sua utilização em pesquisas antroponomásticas. Porém, a utilização de entrevistas demandaria encaminhamento de projeto ao comitê de ética cujos trâmites, sendo morosos, diminuiriam o tempo disponível para a realização da pesquisa. Assim, considera-se como necessária a realização de pesquisas posteriores nas quais sejam realizadas entrevistas que possam comprovar ou aperfeiçoar as hipóteses e análises propostas neste trabalho.

Haja vista que um dos desideratos da pesquisa consistiu em co-relacionar fatos antroponímicos com fatos históricos e culturais em cada comunidade e fazer uma comparação entre eles para se descobrir semelhanças e diferenças entre as normas antroponímicas vigentes em cada uma, mostra-se imprescindível estudar a história da região e dos municípios, o que será tratado no próximo capítulo.

nasceram, portanto, concretamente da necessidade de defesa contra os perigos visualizados pelo Estado Novo, representados pelos vazios demográficos e pela existência marcante da presença estrangeira nesses espaços (FREITAG, 2001, p. 39).

Tendo em vista os perigos mencionados pela autora, o governo da época, representado principalmente pela política varguista, começou a montar estratégias para atrair migrantes para essa região, num projeto denominado *Marcha para o Oeste* (FREITAG, 2001, p. 40) que procurou atrair, por meio de propagandas vinculadas principalmente no sul do país, interessados em ter sua própria terra ou seu próprio negócio. Devido às dificuldades encontradas na agricultura do sul do país naquela época, a esperança de uma vida mais próspera convenceu os colonizadores, majoritariamente descendentes de italianos e/ou de alemães. A pregação das virtudes da região oeste do Paraná foi feita mediante panfletos, os quais são assim descritos por Pfluck (2007):

Os panfletos de propaganda destacavam, em letras maiores, que todas estas características “o Senhor encontra reunidos na Fazenda Britânia”. A ênfase da propaganda fez da fazenda a *Terra Prometida*, terra de beleza e riqueza, o *paraíso terrestre* (sem morros, sem pedras e sem formigas) e um futuro promissor para a *agricultura brasileira* (PFLUCK, 2007, p. 120).

Os panfletos distribuídos aos colonos do sul do Brasil indicavam a fertilidade do solo e a facilidade em comprar terras e financiá-las. Este incentivo para a imigração para essa região do Paraná resultou numa formação histórica pautada por ciclos econômicos e migratórios diferentes do restante do Brasil. Enquanto, na maioria do país, as colonizações se pautavam pela presença de grandes fazendas, no oeste do Paraná, houve a propagação de pequenos agricultores, oriundos, em sua maioria, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que tinham como objetivo a aquisição de pequenas propriedades rurais para o próprio sustento.

A constituição do oeste do Paraná foi fruto da união de dois interesses diferentes: o das colonizadoras em obter lucro com a venda de propriedades e a dos colonos em sobreviver, conforme esclarece Deitos (2004):

Por um lado, as companhias colonizadoras têm na terra um elemento concebido como mercadoria e sua venda visa o enriquecimento dos que estão inseridos no jogo imobiliário. [...] Os colonos chegam na região com temores, esperanças e dificuldades [...] portanto, estes

têm na terra um elemento concebido como garantia de sobrevivência sua e de sua prole (DEITOS, 2004, p.24).

Havia, então, nessa região do Paraná, a presença de uma colonizadora, a “Colonizadora Madeireira Rio Paraná”, ou “Colonizadora Maripá”, que tinha, em algumas localidades, como dirigente o Senhor Alfredo Ruaro, de origem italiana e sulista, e em outras localidades o senhor Willy Barth, de origem alemã.

A propaganda de colonização era italiana, embora tivessem vindo também muitos colonos de procedência alemã. Mas, com a ascensão à chefia da Maripá ao chamado grupo alemão, houve mudança substancial na política de recrutamento. Por isso, a cidade de Toledo ficou uma mistura de italianos e alemães. Nos outros núcleos, colonizados com ascensão de Willy Barth à chefia da empresa, a porcentagem de elementos de origem alemã foi bem superior. O controle da Maripá pelos de origem alemã fez o recrutamento concentrar-se nos municípios de colonização alemã, tanto no Rio Grande do Sul como de Santa Catarina. O elemento foi escolhido. O elemento progressista do Rio Grande, que tinha dinheiro, era convidado. Esse vinha aqui e é esse que está aqui hoje (WACHOWICZ *apud* GRONDIN, 2007, p. 238-239).

Além da origem comum, os colonizadores eram unidos também pela religião nas regiões em que havia maior presença de italianos, onde havia forte presença da igreja católica e dos padres palotinos, influência assim analisada por Gregory (2008):

O catolicismo conservador, também, conseguiu prolongar por várias décadas as sementeiras das vocações religiosas nas regiões coloniais do Sul do Brasil. Este fenômeno, pelo que nos consta, carece de estudo mais aprofundado, mas pode ser observado na origem étnica dos religiosos, inclusive na alta hierarquia do clero católico brasileiro (GREGORY, 2008, p.52).

Como resultado do processo de colonização do oeste do Paraná, diversos municípios com características peculiares e individuais surgiram, entre eles, Palotina e Maripá, cujas histórias são relatadas a seguir.

3.1 O MUNICÍPIO DE PALOTINA E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Localizada no oeste paranaense, Palotina apresenta uma área equivalente a 651 km², com população estimada em 28.000 habitantes, de acordo com o último

senso do IBGE (Quadro 2). De acordo com Reginato (1979), o município recebeu este nome devido à presença e à colaboração dos padres palotinos no processo de desbravamento e colonização da região.



Figura 2 - Mapa da localização de Palotina

Fonte: Site Cidadão Paranaense¹⁴

Colonizada a partir da segunda metade da década de 50, Palotina tem como atividade econômica de base a agropecuária, que contempla várias lavouras de soja e milho e várias chácaras e fazendas com criação de gado leiteiro, de suínos, de aves, de peixes e de ovinos. A empresa que fornece maior suporte aos agricultores é a cooperativa existente no município, responsável por gerar muitos empregos na cidade e por atrair muitos migrantes para a mão de obra em seu complexo avícola.

A população de Palotina, de acordo com o apresentado no último censo do IBGE, se concentra na região urbana (24.600 habitantes). A população rural de Palotina equivale a 4.092 habitantes. Esses dados indicam que a cidade é mais urbana do que rural, mas, ainda assim, a maior fonte de renda do município é a agropecuária.

Como todas as cidades colonizadas pela “Madeira Rio Paraná”, Palotina foi planejada para ser uma cidade de descendentes de alemães e de italianos e com pouca presença de pessoas de outras regiões do país. De acordo com Freitag (2001) “os Palotinos arregimentaram colonos sulistas, determinando os seus padrões comportamentais, seus códigos de honra e de fé” (FREITAG, 2001, p. 116). Além disso, a autora afirma que, no início da colonização da comunidade palotinese, “Palotina foi também ‘pensada’ a partir de um plano cultural, preparado

¹⁴ Disponível em: <

http://pt.wikipedia.org/wiki/Palotina#mediaviewer/File:Parana_Municip_Palotina.svg>. Acesso em: 20 maio 2013.

pele catolicismo em particular, no qual os discursos religiosos funcionavam como catalisadores das tensões e tranquilizadores dos momentos difíceis” (FREITAG, 2001, p. 123).

Neste sentido, a instauração do Seminário São Vicente Palotti, logo nas primeiras décadas de colonização do município, o qual, de acordo com Reginato (1979, p. 130), teve sua fundação em 1970, evidencia a forte presença do catolicismo.

A presença da Igreja Católica no município é atestada também por fotografias tiradas na época da fundação do município, conforme pode ser verificado na figura 3, em que há o registro da primeira igreja de Palotina e, na figura 4, fotografia dos padres Rafael e Burin acompanhando os que primeiro viajaram para a região.



Figura 3 - Foto da cidade de Palotina
Fonte: Reginato (1979)

Reginato (1979) também descreve quais eram as famílias católicas presentes na cidade, apresenta um levantamento do número de católicos em cada localidade do município e informa que os moradores de origem germânica se concentraram ao sul de Palotina, na chamada Vila Maripá, enquanto os italianos concentraram-se nas regiões centrais do município.

Quanto à cultura e à tradição do município, há vários grupos que tentaram manter a tradição e os costumes de seus antepassados. Alguns exemplos são os

grupos *La Bella Italia*, que promove anualmente um festival de danças italianas acompanhado de um jantar italiano e o Centro de Tradições Gaúchas – CTG *Rancho Amigo*, que tradicionalmente se reúne com a intenção de manter a tradição gaúcha.



Figura 4 - Foto da cidade de Palotina
Fonte: Reginato (1979).

Assim como existem os grupos que promovem as festas tradicionais de sua origem, há, em Palotina, a festa que representa as principais fontes de renda do município. No final dos anos 1970, houve a primeira *Festa da Soja* que representava a fartura da colheita da soja no município, nas primeiras décadas da colonização da cidade, e trazia no nome um apelido dado à cidade, chamada até a década de 1990 de *Capital da Soja*. A *Expo-Palotina*, a partir dos anos 2000, substituiu a *Festa da Soja*, a qual representa o agronegócio presente no município.

Outro aspecto que merece destaque quanto ao desenvolvimento da cidade de Palotina, foi a presença de uma instituição de ensino federal, a Universidade Federal do Paraná – UFPR, a partir de 1992 e que, atualmente, conta com seis cursos de ensino superior. A vinda da UFPR para o município trouxe muitas famílias que vieram acompanhar funcionários e estudantes dessa instituição, o que contribuiu para um aumento na miscigenação da população da cidade. Além da instauração da UFPR em 1992, nos anos 2000, a principal cooperativa da cidade inaugurou um

grande complexo avícola, o que ocasionou a vinda de trabalhadores de outras regiões do país para a cidade-sede do município, o que mostra que as cidades estão sempre em desenvolvimento e que sua população nunca estará livre do contato com novos moradores.

A instauração do complexo avícola desta cooperativa no município lembra um período no passado no qual houve forte presença de trabalhadores vindos de várias partes do país para o trabalho braçal: a chamada era da hortelã, que será abordada nas próximas seções.

Nota-se que, no período da Era da hortelã e também a partir da inauguração do complexo avícola, aumentou a densidade demográfica do município (Quadro 2). Conforme pode ser visualizado, desde sua fundação, ocorreram mudanças demográficas. Ao longo do tempo, houve períodos de grande densidade demográfica e períodos de pequena densidade demográfica, oscilação que pode ser decorrente dos períodos de maior produção e maior necessidade de mão de obra nos locais.

Quadro 2 - Índice populacional de Palotina

ANO	POPULAÇÃO
1960	3.469
1970	43.005
1980	28.248
1991	30.705
1997	24.783
2000	25.771
2010	28.683

Fonte: Elaborado com dados do IBGE - Censos Demográficos

3.2 MARIPÁ E O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

Localizado no oeste do Paraná e ao sul de Palotina, o município de Maripá foi distrito de Palotina até os anos 1990 (Figura 5). Com população de pouco menos de 6.000 habitantes e população predominantemente rural, o município possui pouco

mais de 283,202 km² de extensão e é visto como um município que se destaca pelas belezas naturais e pela fartura na produção agropecuária.

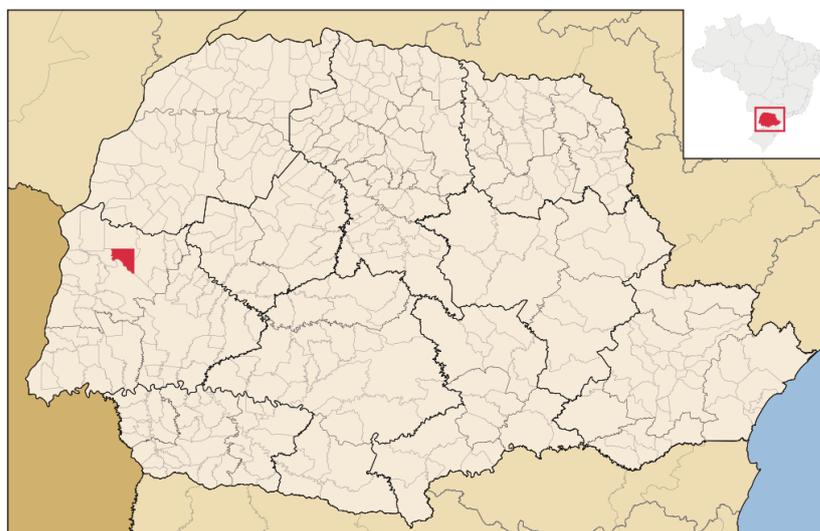


Figura 5 - Mapa da localização de Maripá
Fonte: Site Cidadão Paranaense¹⁵

Assim como Palotina, Maripá tem como suas principais atividades econômicas o plantio de grãos e a criação bovina, suína, ovina e de peixes. Considerada como a cidade das Orquídeas, o município tem esse nome em função de uma homenagem à colonizadora do oeste do Paraná, a Madeireira Rio Paraná. Diferentemente de Palotina, há, em Maripá, forte presença de famílias alemãs que mantêm até os dias de hoje a tradição germânica em suas festividades. Um exemplo disso é o coral municipal que se apresenta em diversas cidades da região, levando músicas germânicas. Há, também, em Maripá, duas festas tradicionais: “A festa das Orquídeas e do Peixe” e o “Arrancadão de Tratores”, que acontecem anualmente e são vistas como forma de expor as tradições do município.

Caracterizada principalmente pelas belas ruas ornamentadas com orquídeas, pela festa do peixe e pela tradicional cultura alemã, a cidade de Maripá está presente na história do Paraná como uma das promessas aos novos imigrantes da região. Cidade limítrofe ao sul de Palotina, Maripá conquistou sua independência política com muita batalha. Se, por um lado, a então Vila Maripá lutava para se tornar município, por outro, havia a luta pela manutenção da tradição germânica que

¹⁵ Disponível em: < http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Maripa.svg>. Acesso em: 20 maio 2013.

se instalou no município desde o princípio da colonização. Além disso, de acordo com informações colhidas no site¹⁶ do município, a economia, nos primeiros anos, baseava-se na extração da madeira e no comércio madeireiro, assim como no cultivo da hortelã.

O livro “Maripá e sua história”, de autoria de José Erondy Yurkiv e Maria de Fátima Bento Ribeiro (2001), traz depoimentos dos moradores do município de Maripá e informa que o cultivo da hortelã foi forte na região maripaense e que os colonos gaúchos e catarinos não tinham tradição nesta atividade, o que chamou a atenção dos “nortistas”, assim chamados os trabalhadores da era da hortelã, que vinham do sudeste, do centro-oeste, do norte e, principalmente, do Paraguai.

Os autores também afirmam, em várias passagens do livro, que a maioria dos moradores da comunidade maripaense era de origem alemã e que dentre estes predominava o luteranismo. A crença de que os germânicos se concentraram em Vila Maripá é também observada no site¹⁷ do município, no qual se apresentam sobrenomes como Schimitz, Feiden, Beck, Holtz, Wagner, como os dos primeiros a pisarem em solos maripaenses.

Na figura 7, também representando o município de Maripá, pode-se observar, ao fundo, uma casa com arquitetura germânica, o que é muito comum até os dias de hoje em Maripá e em Marechal Cândido Rondon, outra cidade do oeste do Paraná com forte tradição germânica.

Ao contrário de Palotina, a população maripaense destaca-se, principalmente, por ser maior na zona rural. Dados do IBGE apontam que no último censo, mais de 60% da população residia na zona rural. De igual maneira, se faz necessário expor dados do IBGE acerca da população maripaense, que sofreu leve queda nos anos 2000 e aumento em 2010, conforme dados organizados no quadro 3.

¹⁶ Disponível em: < <http://www.maripa.pr.gov.br/artigo/131/Principais-atividades-e-economicas-do-municipio/673> >. Acesso em: 24 fev. 2013.

¹⁷ Disponível em: < <http://www.maripa.pr.gov.br/artigo/129/Historico-do-municipio-de-Maripa/231> >. Acesso em: 24 fev. 2013.



Figura 6 - Foto da cidade de Maripá
Fonte: Site do Município de Maripá



Figura 7 - Foto da cidade de Maripá
Fonte: Site do Município de Maripá

Quadro 3 - Índice populacional de Maripá

ANO	POPULAÇÃO
1996	6.188
2000	5.889
2010	6.684

Fonte: Elaborado com dados do IBGE - Censos Demográficos

Cumprе destacar que os dados populacionais de Maripá são informados a partir de 1996, pois data desta época a transformação da vila em município.

Considerando que antes disto a população de Maripá estava contida na de Palotina, percebe-se que as oscilações demográficas devida à Era da hortelã, época descrita na seção seguinte, impactaram ambas as localidades.

3.3 ERA DA HORTELÃ

Dentre as várias culturas agrícolas significativas para o desenvolvimento da região oeste do Paraná, destaca-se a cultura da hortelã. Ocorrido principalmente dos anos 1950 aos 1970, o cultivo da menta ocasionou o crescimento do número de migrantes nessa região. Em um primeiro momento, a vontade das colonizadoras era que o espaço do oeste do Paraná tivesse sua população totalmente constituída por sulistas, que possuíssem propriedades de terras e fizessem delas suas fontes de renda. Porém, o descobrimento de terras propícias para a hortelã deu início ao plantio desta cultura na região a qual, nas palavras de Reginato (1979),

Apresentou-se como uma das opções que acompanharam o desbravamento regional. Sendo exploração exigente, requer um solo rico em matéria orgânica e necessita de **muita mão de obra**. Encontrou em nossa terra condições adequadas para o seu rápido crescimento (REGINATO, 1979, p. 176, grifos nossos)

A grande necessidade da mão de obra no período da era da hortelã, também é revelada por Backes (2009), por meio dos relatos obtidos junto aos colonizadores de alguns municípios da região Oeste

Era preciso limpar a roça porque para o hortelã era melhor ter uma terra bem preparada. Observei, no relato que uma das principais características assumidas pelas plantações de hortelã era a preparação do solo, contando então com a derrubada da mata e a limpeza do terreno. Supostamente, ter uma terra “bem preparada” facilitaria também lidar com o plantio de hortelã, até a colheita, quando o corte da planta era feito manualmente com gadanhas (BACKES, 2009, p. 108).

O que se percebe, então, a partir do apresentado por Reginato (1979) e por Backes (2007) é que, com o cultivo da hortelã e com os sulistas considerados latifundiários, fez-se necessária a presença de trabalhadores no plantio e na colheita da menta. Principalmente nas décadas de 1950 e 1960, o cultivo da hortelã trouxe

um forte processo de migração para essa região do Paraná, contrariando as previsões feitas pelas colonizadoras da região, conforme é destacado por Backes (2007):

Não são aqueles “selecionados” pela colonizadora no sul do país para adquirirem terras na região, mas provenientes de outras regiões como do norte e do nordeste, os quais passaram a fazer parte do espaço agrícola até então planejado do Oeste do Paraná. As lavouras, dessa feita, irromperam um processo significativo de transformações socioculturais na região. Elas utilizaram-se não somente das famílias sulistas, mas de trabalhadores vindos de outras regiões, principalmente os estigmatizados nortistas (BACKES, 2007, p. 3).

O intenso processo migratório ocorrido na região oeste do Paraná na “Era da hortelã” fez com que os administradores das colonizadoras da região não conseguissem mais selecionar aqueles que seriam os moradores dos municípios afetados, ocasionando uma forte onda migratória que, nas palavras do autor “permanece silenciada, pois se caracteriza como não pertencente ao projeto colonizatório” (BACKES, 2007, p. 8).

Assim como afetou a população de grande parte da região oeste, esse período também contribuiu para o crescimento demográfico da cidade de Palotina, o que é confirmado por Reginato (1979), que menciona que “nessa fase o município alcançou a sua maior densidade demográfica. O agricultor, que se dedicava a esta cultura, era na sua maioria, de origem nordestina” (REGINATO, 1979, p. 176).

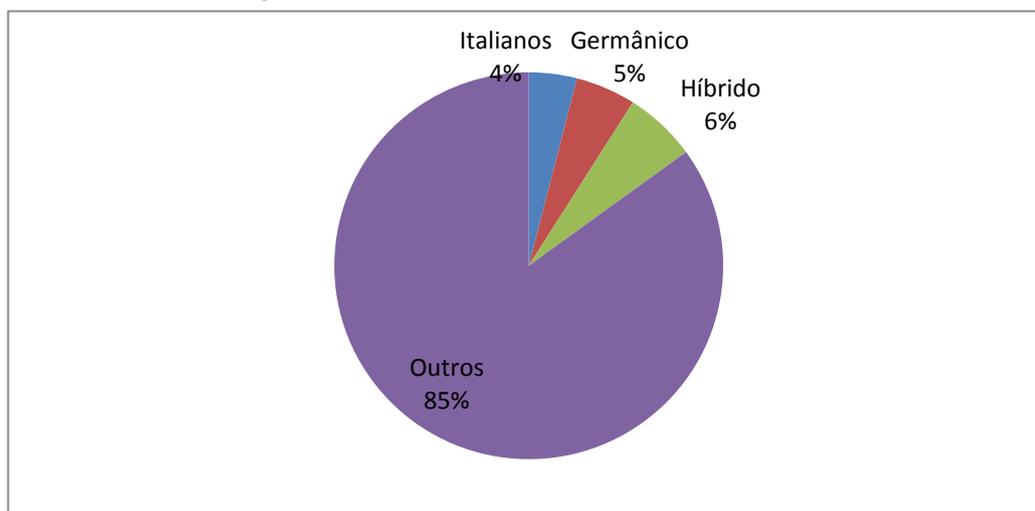
O período da hortelã no oeste paranaense e suas influências já foi alvo de estudos em outros momentos: há a pesquisa de Backes (2009), que defendeu sua dissertação de mestrado em História acerca deste período nessa região, mais precisamente no município de Missal, e a de Busse (2010), cuja tese de doutorado trata, sob um viés dialetológico e sociolinguístico, das influências da vinda dos migrantes nesse período na fala dos moradores dessa região. A seção seguinte aborda um aspecto ainda não abordado: a influência da Era da Hortelã na antroponímia dos locais.

3.1.1 A era da hortelã e sua influência em Palotina e em Maripá

A “era da hortelã” influenciou não só o desenvolvimento do município de Palotina, mas também a diversidade cultural de seus moradores. Como se tinha conhecimento de que a região teve uma forte inserção da população do sudeste e do norte, principalmente nos anos 1970, foram coletados mais dados no cartório de registro civil que estivessem relacionados a este período, portanto, caracteriza-se nos gráficos abaixo a população predominante na época e nos anos investigados, que condizem ao período de 1970 a 1975. Acredita-se que, através dos sobrenomes, é possível ter uma noção ainda mais ampla dos verdadeiros habitantes de um local e que, neste caso, não se pode desconsiderar sua etimologia.

De acordo com as análises feitas com os nomes coletados em 1970 (Gráfico 1), apenas 10% dos registrados continham sobrenome italiano na ficha de registro. Em contrapartida, 85% dos registrados tinham sobrenomes de outra ascendência, tais como portuguesa e luso-brasileira, ou seja, sobrenomes como “da Silva” e “dos Santos”.

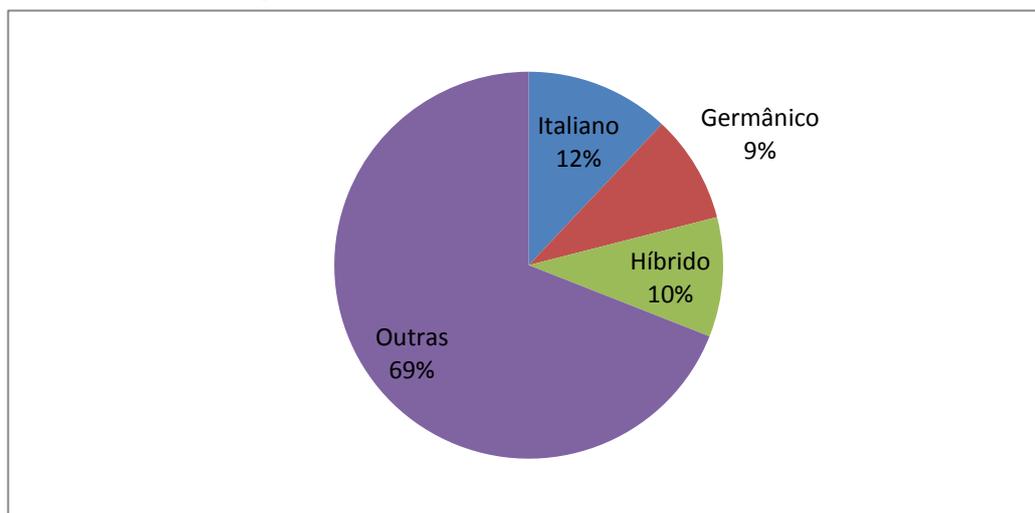
Gráfico 1 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina em 1970



Cumprir informar que, neste período, foi possível encontrar vários registros consecutivos com o mesmo sobrenome em decorrência de, na época, ter havido uma campanha pró-cidadania com o objetivo de promover o registro da população em cartório.

No ano seguinte, 1971, houve uma pequena queda no número de registrados com sobrenomes de outras origens que não a ítala e a germânica, havendo, então, um aumento nos sobrenomes alemães e um considerável aumento nos sobrenomes italianos, sendo, então, neste período, 22% dos registrados de origem italiana ou com um sobrenome italiano na ficha antroponomástica, conforme pode ser visualizado no gráfico 2. Verifica-se, tanto neste gráfico, como no anterior, um percentual elevado de outros sobrenomes, o que pode ser atribuído à Era da hortelã.

Gráfico 2 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1971

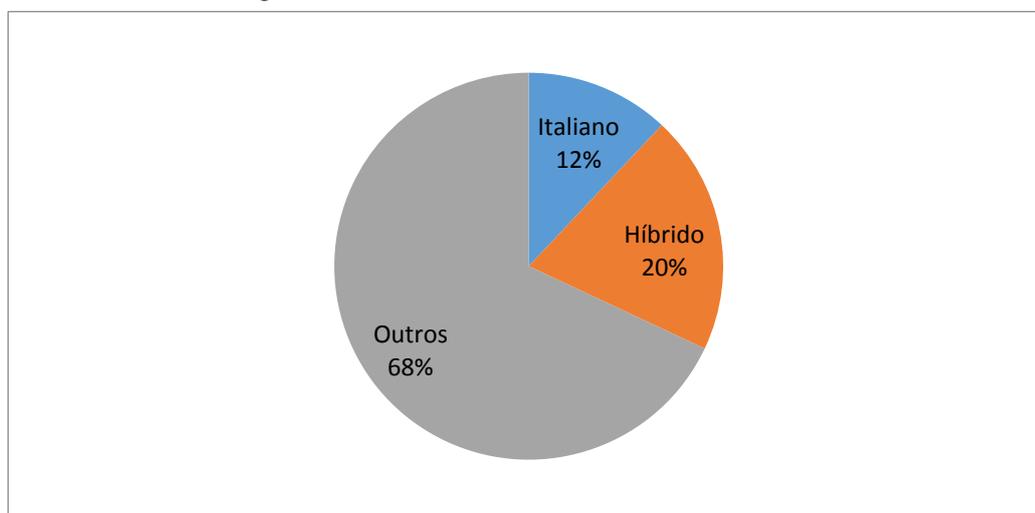


No ano de 1975, conforme se verifica no gráfico 3, as fichas antroponomásticas com sobrenomes germânicos, desapareceram e houve aumento do número de registrados com sobrenomes ítalo: de 22%, em 1971, para 32%, em 1975. Esta mudança na antroponímia é correlata a outra: o plantio da hortelã começava a dar espaço para o plantio de cereais, como a soja e o milho.

Os gráficos apresentados condizem às informações já apresentadas por Reginato (1979), sobre o período:

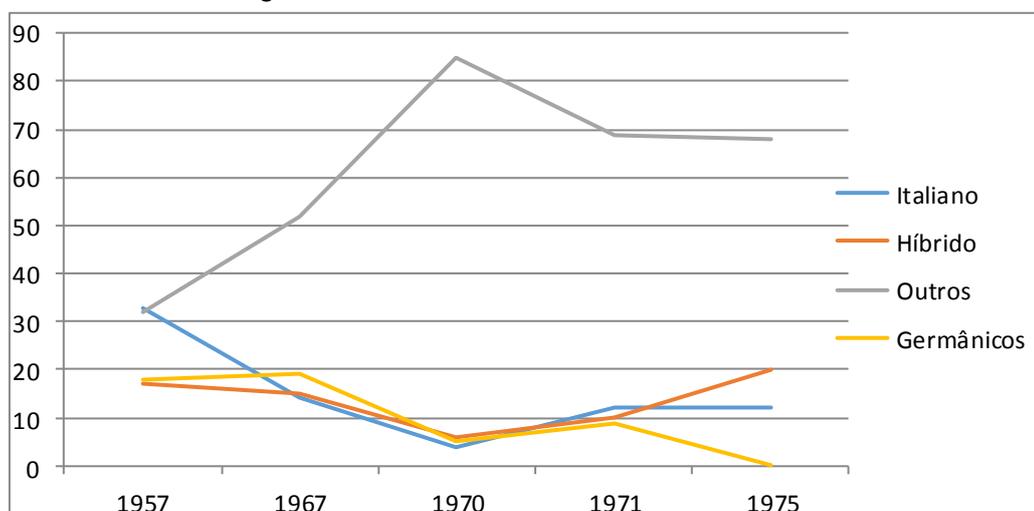
A cultura da menta acelerou o desbravamento da mata. Firms compradoras instalaram postos de compra entre nós, e em muitos casos mantinham a produção sob contrato de financiamento monetário e de produtos fitossanitários com os agricultores [...] Mas colocava o agricultor numa dependência total do comprador [...] O óleo da menta provou o seu auge no início dos anos 70. Mas logo decresceu, para desaparecer em cinco anos. Este ciclo acompanhou a suinocultura e foi paralelo à corrida da mecanização agrícola, para logo extinguir-se (REGINATO, 1979, p. 176-177).

Gráfico 3 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina em 1975



O gráfico 4 apresenta mudanças devidas à abertura do cartório de registro civil em Maripá. É possível verificar que, dentre as famílias com outras ascendências, há um ligeiro crescimento de 1957 a 1970 e uma pequena queda de 1971 a 1975. Por outro lado, observa-se, também, que os sobrenomes italianos predominantes em 1957 diminuíram ao longo do tempo e que os sobrenomes germânicos consideravelmente presentes nesta época sumiram com o passar dos anos, o que está diretamente atrelado ao fato dos registros de Maripá serem feitos, até 1966 no município de Palotina e, depois desta data, serem feitos na própria vila, que, de acordo com os dados, concentra um maior número de alemães.

Gráfico 4 - Etimologia dos sobrenomes de Palotina de 1970-1975



Nesse sentido, percebe-se que a Era da hortelã acarretou algumas mudanças na antropônimo da cidade de Palotina, principalmente no que diz respeito aos sobrenomes dos registrados, os quais indiciam as famílias que habitavam a cidade. Ora cumpre retomar os dados fornecidos pelo censo demográfico, obtidos através do IBGE. Enquanto, em 1960, a cidade tinha menos de 3.500 habitantes, em 1970, a cidade chegou a alcançar o marco de mais de 43.000 habitantes, a grande maioria para trabalhar no plantio da hortelã, como já exposto. Era de se esperar, portanto, que houvesse, nessa época, um maior crescimento de famílias oriundas das regiões norte e nordeste, tendo em vista que, conforme já apresentado por Reginato (1979), era dessas regiões que vinham as famílias para trabalhar na era da hortelã. Além disso, outro fato interessante de se ressaltar é que, certamente, em 1957, haveria mais italianos do que portugueses/brasileiros na comunidade, tendo em vista que este foi o período de colonização do município.

Com relação aos sobrenomes mais frequentes em Maripá, a então vila também tinha considerável número de moradores com outra ascendência, que não a germânica. Isso vem ao encontro do apresentado pelos autores do livro “Maripá e sua história”, Yurkiv e Ribeiro (2001), quando mencionam que nas décadas de 1960 e de 1970, a vila foi grande produtora da menta, o que atraiu para a região inúmeros trabalhadores vindos de outras regiões que não o sul do país. É possível observar, no gráfico 5, que mesmo com o plantio da hortelã, a população de Maripá em 1966 é predominantemente germânica, com mais de 70% dos registrados tendo, no mínimo, um sobrenome alemão no registro de nascimento.

A mesma situação se repete no ano de 1976, quando a região ainda apresentava algumas lavouras com plantio da hortelã. Neste ano, como se observa no gráfico 6, 30% dos registrados tinham sobrenomes de outra ascendência e 70% eram alemães, ou tinham, no mínimo, um sobrenome alemão em seus registros. É importante ressaltar que houve um aumento de 8% nos registros híbridos, o que demonstra que houve aumento do relacionamento entre famílias germânicas e famílias não germânicas.

Gráfico 5 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá

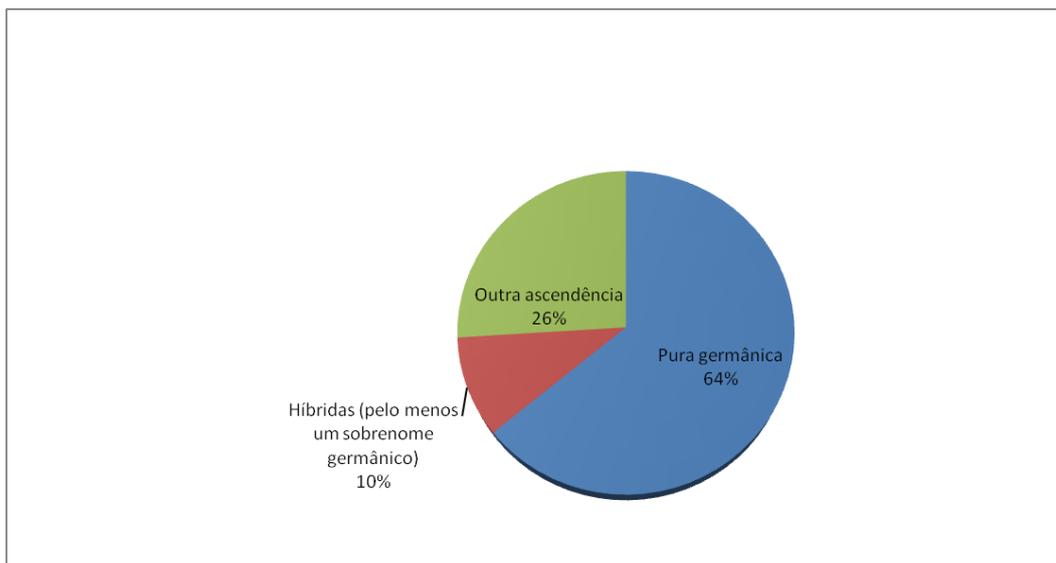
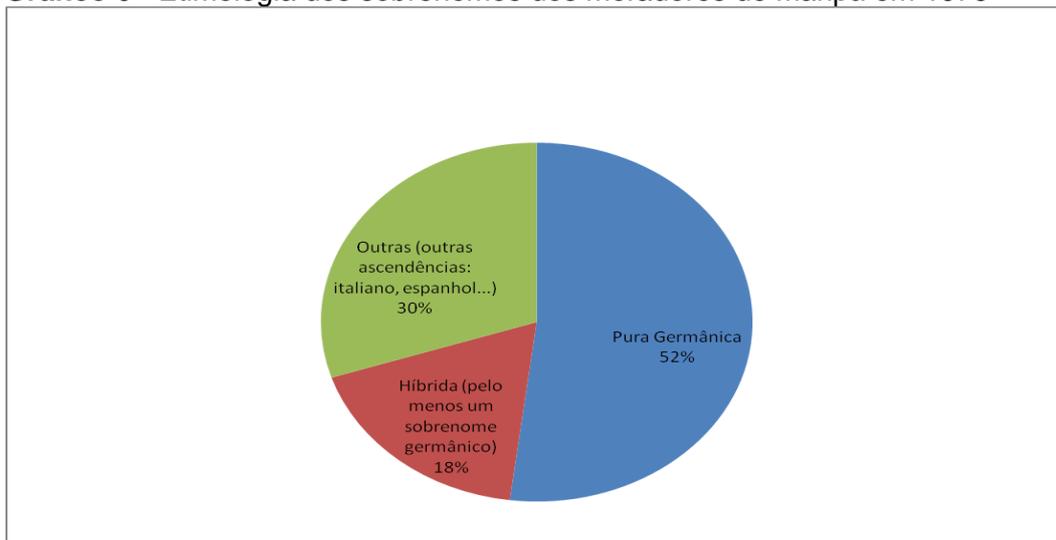


Gráfico 6 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1976

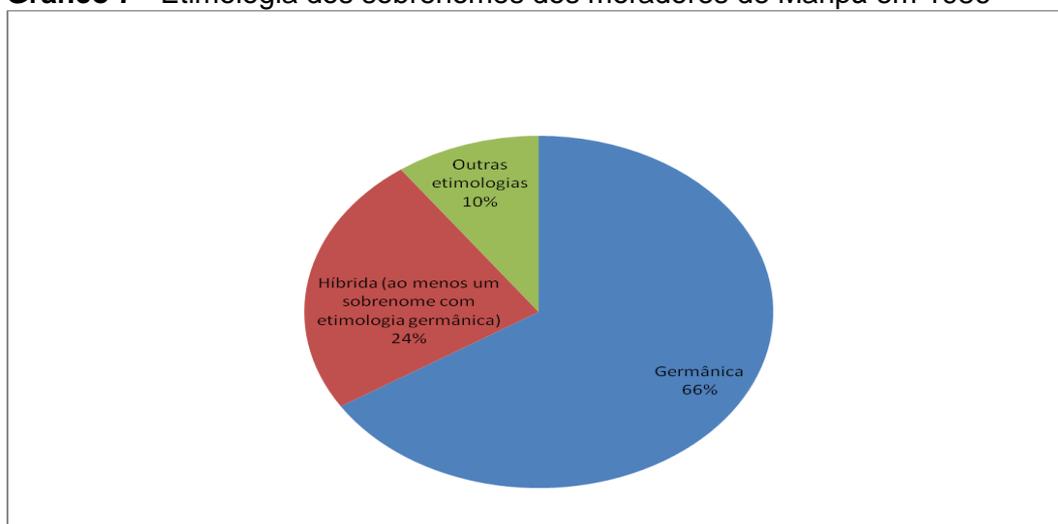


Os dados relativos às décadas de 1970 e 1980 apresentaram considerável número de fichas híbridas dentre os 100 primeiros registrados e isso pode ser atribuído ao período do plantio da hortelã nas comunidades estudadas. No ano de 1986, conforme pode ser verificado no gráfico 7, houve uma diminuição significativa de sobrenomes de famílias de portugueses e/ou brasileiros: uma redução de 30% em comparação a 1976. Este é um indício de que, em Maripá, não houve permanência dos nortistas, ao contrário do que se verificou em Palotina, hipótese que se comprova com os dados de 1986. Neste ano, predominam sobrenomes de origem germânica, sendo que 90% dos registros apresentam, no mínimo, um

sobrenome germânico em seus registros, o que comprova a ideia da tradição alemã na cidade estudada.

Com base nos dados expostos, pode-se dizer que o período da hortelã afetou diretamente as duas comunidades, pois foi um período que trouxe moradores temporários às comunidades. Porém, chama atenção o fato de vários sobrenomes não existentes nas comunidades até então começaram a fazer parte dos registros de anos posteriores, o que pode confirmar a ideia de que muitos moradores que vieram para o trabalho com a menta permaneceram nos locais.

Gráfico 7 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1986



Assim, como se observa nos gráficos apresentados acima acerca do período da hortelã em cada comunidade, constata-se que, enquanto em Palotina de 1970 a 1975 houve entre 68% e 85% de registros com outras etimologias de sobrenomes, que não as italianas e as germânicas; em Maripá, no período de 1976 a 1986 houve, apenas, de 10% a 30% de registros com sobrenomes de outras etimologias. Nesse sentido, com a análise dos dados, pode-se afirmar que o período da hortelã teve mais impacto na antroponímia de Palotina do que em Maripá.

A partir do exposto acerca do período da hortelã em cada local, é possível afirmar que, mesmo em proporções diferentes, o período migratório para o plantio da menta, tanto em Palotina quanto em Maripá, foi um fator que marcou a história dos municípios, tendo em vista que foi a partir deste cultivo que inúmeras famílias migraram para essa região, o que influenciou diferentemente a antroponímia de

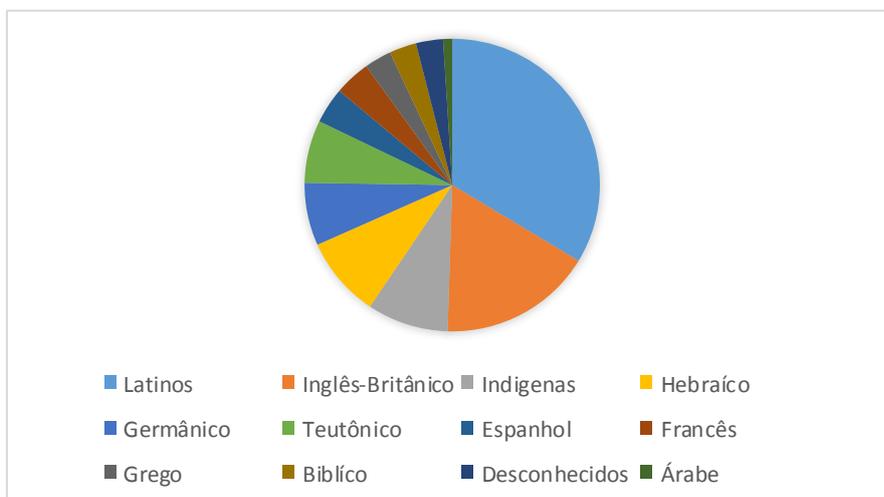
cada município. O próximo capítulo objetiva mostrar possíveis influências na escolha dos prenomes nos municípios estudados durante todo o período investigado.

4 A INFLUÊNCIA DA HISTÓRIA E DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DA REGIÃO NOS SOBRENOMES DOS PALOTINENSES E DOS MARIPAENSES

A antroponímia de um local é motivada por diferentes fatores, conforme apresentado nos primeiros capítulos deste trabalho. A mudança dos habitantes de um local é inevitável e a chegada ou saída destes faz com que o sistema antroponímico mude e esteja em constante mudança. Perante o perene terreno que é a região oeste do Paraná, intenta-se, neste capítulo, expor a influência da história e do crescimento demográfico nos sobrenomes dos habitantes de cada local. Reitera-se que, a partir do sobrenome, pode-se conhecer melhor os habitantes e a cultura de cada local.

A partir das características das comunidades estudadas, apresentadas no terceiro capítulo, foi investigada, em um primeiro momento, a hipótese de uma possível relação entre a etimologia dos prenomes e dos sobrenomes de cada local. Partindo desse pressuposto, procurou-se investigar se havia, naquelas localidades, um grande número de prenomes que remetesse ao étimo do sobrenome, podendo, assim, existir mais marcas da tradição. A primeira hipótese, relativa à associação etimológica entre prenome e sobrenome, foi refutada por Vescovi e Seide (2013a) quando se investigou o étimo nos prenomes no primeiro ano de investigação em Maripá, conforme se observa no gráfico 8:

Gráfico 8 - Etimologia dos prenomes registrados em Maripá em 1966

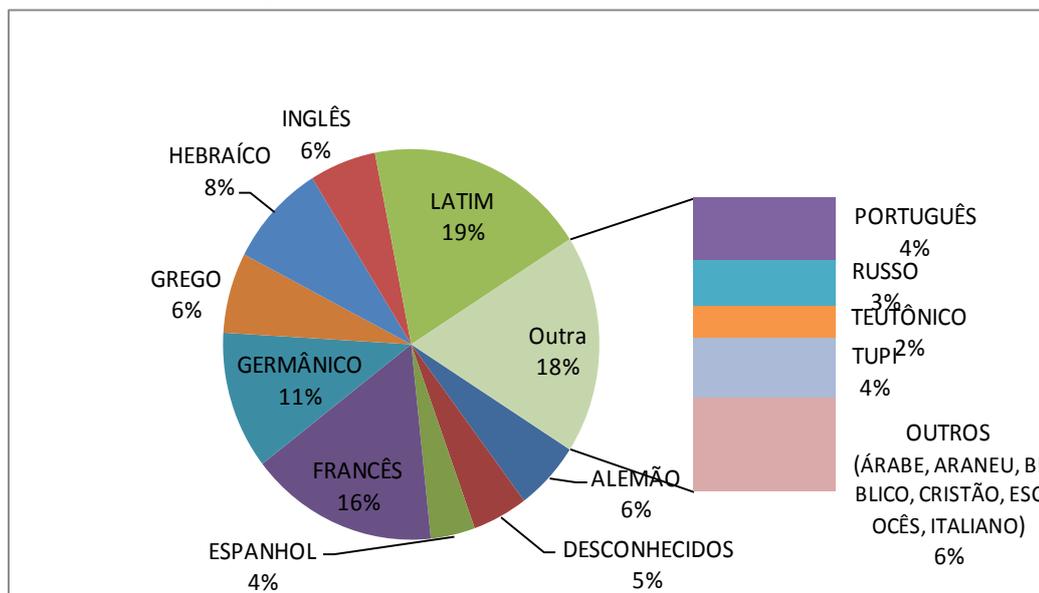


Fonte: Vescovi e Seide (2013a)

Como se observa no gráfico acima, houve, no primeiro ano estudado, na cidade de Maripá, a presença de onze etimologias diferentes nos prenomes dos registrados de 1966, sendo que apenas 7% de todas as fichas têm nomes de etimologia germânica e 7% de etimologia teutônica. A partir deste levantamento, infere-se que, apesar de catorze registrados terem recebidos prenomes que remetam à etimologia do sobrenome, não há, por parte dos pais ou dos familiares, o costume de empregar os nomes a partir de sua origem. O ocorrido na cidade de Maripá pode ser atrelado ao fato de a etimologia dos prenomes ser ignorada pelos pais, pois, conforme observado no gráfico 5, acerca de etimologia dos sobrenomes dos registrados em Maripá em 1966, 90% dos registrados tinham, pelo menos, um sobrenome alemão em seus registros.

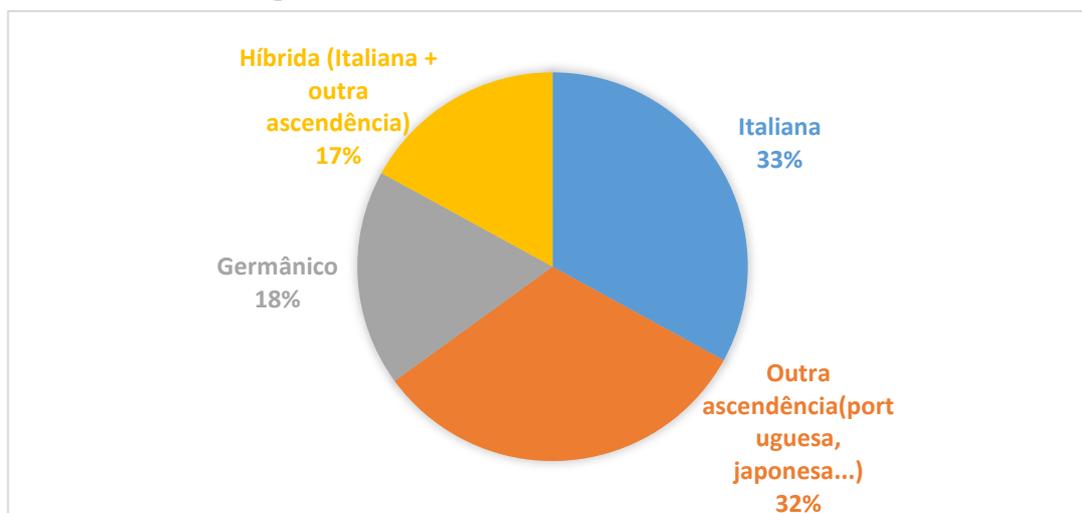
Assim como a hipótese inicial foi refutada no trabalho feito com os prenomes registrados em Maripá, na cidade de Palotina, os dados levaram à mesma conclusão. Vescovi e Seide (2013b) verificaram qual era a etimologia dos prenomes dos registrados em Palotina em 1957 e constataram que não há, nessa cidade, uma relação da etimologia do sobrenome, a maioria ítalo ou com resquícios ítalo, com o prenome, como confirma o gráfico 9:

Gráfico 9 - Etimologia dos prenomes registrados em Palotina em 1957



No município de Palotina, no mesmo período, havia, nos registros, 50% de registrados com pelo menos um sobrenome de origem ítalo, conforme se vê no gráfico 10:

Gráfico 10 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1957



A não influência da ascendência na nomeação foi constatada de igual maneira por Grespan (2014), que também refutou a hipótese de haver em Toledo – PR uma estreita relação entre etimologia do prenome e do sobrenome do registrado. No entanto, apesar de se refutar a etimologia para a compreensão dos prenomes, não se refuta sua utilização para o estudo dos sobrenomes. Compreende-se que, a partir do conhecimento da origem de sobrenome, entende-se a história de um município e isso vem ao encontro da exposição de Seide (2012, p. 6):

não é difícil perceber que, de modo geral, tanto os sujeitos que nomeiam seus filhos ou netos quanto aqueles que, posteriormente ao ato designativo, chamam as pessoas pelo nome, ignoram total ou parcialmente a origem dos pré-nomes. O mesmo não ocorre com os sobrenomes, cuja origem, muitas vezes, é conhecida. Deste ponto de vista, considerar somente a origem dos nomes de famílias e não a os pré-nomes é um procedimento que parece estar de acordo com o modo como os antropônimos são usados socialmente.

Considerando os aspectos apresentados por Seide (2013b) acerca da estreita relação entre origem do sobrenome com o social, vê-se que um estudo sobre a etimologia dos sobrenomes dos municípios estudados pode contribuir para a compreensão da história e seu impacto na presença das famílias que ocupam tais localidades, hipótese confirmada, inclusive, pelo estudo já apresentado nessa dissertação sobre a Era do Hortelã.

Retomando a discussão referente à origem dos sobrenomes dos palotinentes, a ideia de que a colonização da cidade é tipicamente italiana fica

reforçada quando se observa a referência aos sobrenomes dos pioneiros no livro de Reginato (1979), que menciona Bortolozzo, Barbieri, De Carli e Pivetta, sobrenomes tipicamente italianos. As informações fornecidas pelo autor são confirmadas pelos dados de 1957, primeiro ano de instalação do cartório de registro civil no município, conforme verificado no gráfico 10.

Os dados presentes no gráfico também podem ser reforçados a partir de um levantamento dos sobrenomes mais frequentes em Palotina no qual se percebe que algumas das famílias mencionadas como tradicionais por Reginato (1979) estão, de fato, presentes na localidade. Contudo, observa-se que há a presença de outras famílias que demonstra a constituição híbrida da cidade, no início de sua colonização. Como pode ser observado no quadro 4, dentre os catorze sobrenomes mais frequentes no município, naquela época, cinco não são de etimologia germânica, nem ítala, sete são de origem ítala e dois são de origem germânica.

Quadro 4 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1957

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Borin	2
	Bortolozzo	2
	Breda	2
	Patel	2
	Riedi	2
	Rossetto	2
	Zílio	2
Teuta	Zchornack	4
	Kothe	2
Outras	Silva	7
	Luz	4
	Dutra	2
	Oliveira	2
	Pereira	2

Verifica-se, pelos sobrenomes, que alguns remetem aos mencionados por Reginato (1979) como os dos pioneiros de Palotina, mas outros são sobrenomes que podem ter surgido com a vinda de migrantes de outras localidades para o Oeste. Nota-se, portanto, que há, de fato, hibridismo na constituição da comunidade local. Deve-se informar, contudo, que muitos dos sobrenomes com maior frequência

nessa década são sobrenomes referentes a irmãos, que foram registrados no mesmo dia, como no caso da família *Silva, da Luz e Zchornack*.

Em contrapartida, elencam-se, nesse momento, os pioneiros de Maripá. Cumpre reforçar que Maripá é uma cidade limítrofe à Palotina e, até 1992, era distrito do município palotinese. A ideia pregada em ambas as cidades é a de que houve uma concentração da população germânica ao sul de Palotina, logo, na região correspondente à Maripá. Cabe ressaltar que o nome da cidade, de acordo com o site do município, é uma homenagem à colonizadora da época “Madeira Rio Paraná”. A crença de que os germânicos se concentraram em vila Maripá é também observada no site do município, no qual se apresentam sobrenomes como Schimitz, Feiden, Beck, Holtz, Wagner, como os dos primeiros a pisarem em solos maripaenses. A pesquisa feita com base nas certidões de nascimento evidencia o que se propõe no site, já que mostra a origem dos sobrenomes registrados nas fichas antroponomásticas.

De acordo com o exposto no gráfico 5, na página 59, muitos moradores são de origem germânica e isso se comprova pelo levantamento feito acerca dos sobrenomes mais frequentes no município em 1966. O quadro 5 demonstra que, entre os dez sobrenomes mais frequentes, seis são de origem germânica e quatro de outras etimologias. Ressalta-se, contudo, que houve, neste período, vários registros de irmãos, como os da família *de Oliveira* e da família *Paiva*. Mesmo com estas ressalvas, o que se observa é que, de fato, a maioria dos moradores de Maripá tem origem germânica.

Quadro 5 - Sobrenomes mais frequentes em Maripá em 1966

Origem Etimológica	Sobrenome	Frequência
Teuta	Beck	2
	Goeltz	2
	Krueger	2
	Scheider	2
	Shanoski	2
Outras	Oliveira	7
	Silva	4
	Garcia	3
	Paiva	3

Esses dados revelam uma mudança muito significativa, tanto nos aspectos populacionais, quanto nos aspectos demográficos, o que é de se esperar em cidades em pleno desenvolvimento. A cidade de Palotina teve um considerável crescimento demográfico a cada década, o que não é observável no município de Maripá, no qual houve uma queda no número de habitantes a cada ano.

A partir dessa constatação, intenta-se verificar se, associadas ao crescimento ou à diminuição do número de habitantes de cada localidade, há significativas diferenças antropométricas. Para tanto, em um primeiro momento, apresenta-se uma análise da etimologia dos sobrenomes das famílias moradoras do município de Palotina a cada década. Na sequência, há uma análise similar sobre o município de Maripá. Ressalta-se, portanto, que neste capítulo foi incluída uma explanação apenas sobre as famílias constituintes de cada localidade em cada período. A análise dos prenomes encontrados em cada local é apresentada no capítulo seguinte, nas quais as investigações estão igualmente amparadas nas análises históricas, culturais e demográficas já apresentadas.

Como se pode observar nos quadros 2 e 3, referentes ao índice populacional de cada localidade, apresentados no capítulo anterior, na cidade de Palotina, houve um crescimento demográfico considerável em cada período, o que pode estar atrelado aos fatores históricos que circunstanciaram o desenvolvimento do município.

Na década de 1960, quase uma década depois do desbravamento do município, havia, na cidade, quase 4.000 habitantes. Em contrapartida, na década de 70, quase vinte anos após o início da colonização, havia surpreendentes 45.000 mil habitantes no município.

Como os dados coletados no cartório são de meados de cada década, tendo em vista a necessidade de analisar de forma sistemática a presença de nomes de dez em dez anos e a data de inauguração do cartório, acredita-se que, no segundo ano investigado, 1967, havia mais de 20.000 habitantes na cidade de Palotina.

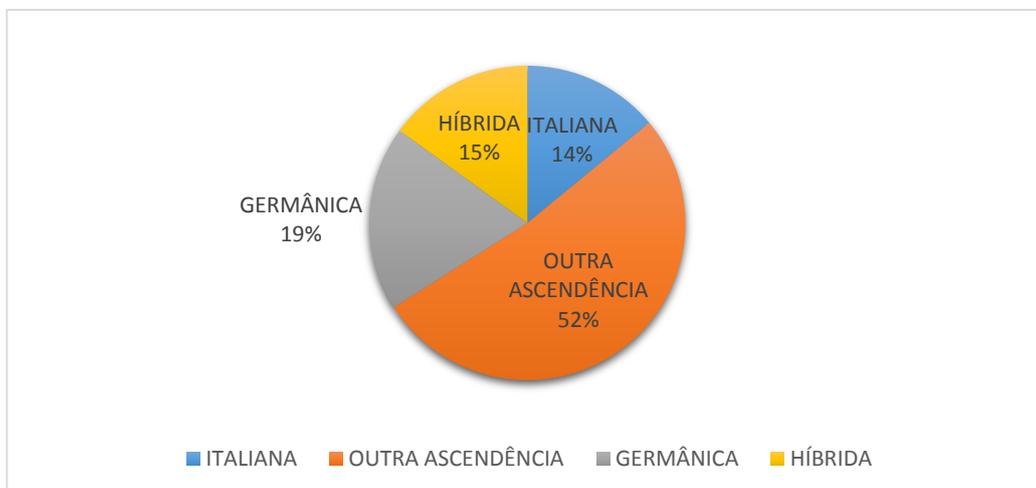
O acelerado crescimento demográfico de um município em pleno desenvolvimento pode ter diversas razões e uma delas é a apresentada por Reginato (1979), o qual menciona que haviam várias publicações em jornais que convidavam as pessoas a se deslocarem ao município de Palotina. Como exemplo, o autor cita o jornal *O estado do Paraná*, de 1º de Julho de 1961, que descreve a cidade: “com uma população de aproximadamente seis mil habitantes, arrecadação

anual de um milhão e quinhentos mil cruzeiros e área de aproximadamente seis alqueires” (REGINATO, 1979, p. 42).

Dadas as circunstâncias de divulgação das terras prósperas e de um município próspero, houve, então, um grande deslocamento de migrantes para a região, os quais não objetivavam apenas trabalhar, mas, também, se tornarem proprietários de pequenos lotes de terra e desenvolverem suas vidas com mais sucesso.

Da mesma forma, conforme observa-se no gráfico 11, houve o crescimento e a diversidade das famílias presentes na cidade, no ano de 1967. Enquanto, em 1957, 50% dos habitantes tinham sobrenomes italianos em seus registros, no ano de 1967, esse número caiu para 29%, com considerável crescimento da presença de famílias de outras etnias, como a portuguesa e a brasileira. Percebe-se, portanto, que a divulgação da comunidade atraiu não somente italianos para a região, mas também os chamados “nortistas” que buscavam nas terras do oeste uma fonte de renda maior.

Gráfico 11 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1967



O gráfico também apresenta um pequeno crescimento na presença de famílias alemãs no *corpus*, de 18% para 19%, no município de Palotina, mesmo levando em consideração que, na data de 1967, o cartório de registro civil de Maripá já estava em funcionamento e vários registros já haviam sido feitos no cartório daquela localidade. Pode-se afirmar, portanto, que, a partir deste período, a tendência é de haver cada vez mais moradores de outras etnias no município

estudado, dado que quando há um grande desenvolvimento na economia de uma localidade, há grande interesse em fazer parte desta localidade.

Os dados observados no gráfico referente a esse período, confirma-se no quadro 6, no qual se informa sobrenomes mais frequentes no município. Na década anterior, havia, como mais frequentes, sete sobrenomes de origem ítala. Em contrapartida, neste ano, houve, entre os mais frequentes, apenas dois sobrenomes de origem ítala, sendo que os demais, com exceção de um sobrenome de origem germânica, são de outras ascendências, contabilizando nove sobrenomes.

Quadro 6 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1967

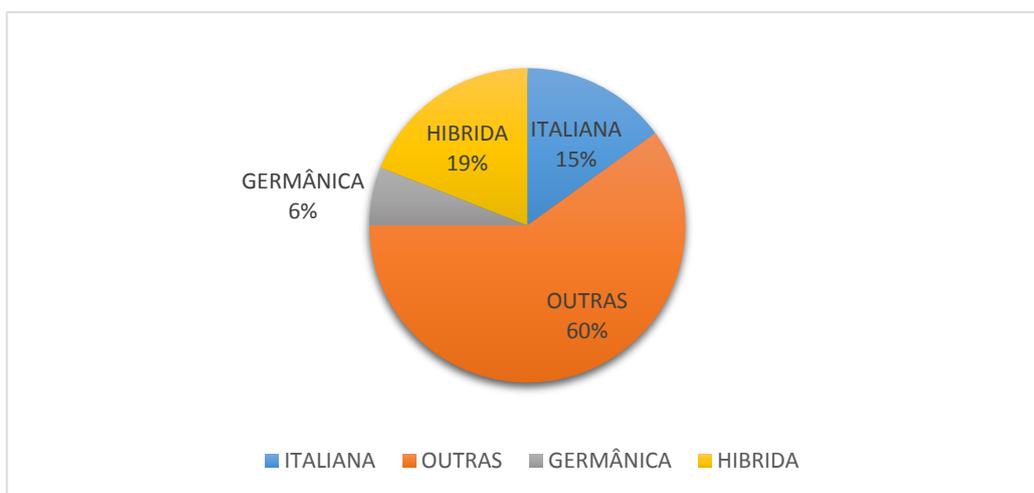
Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Dal Molin	3
	Vendrame	2
Teuta	Becker	2
Outras	Oliveira	6
	Conceição	6
	Silva	5
	Santos	4
	Carmo	3
	Araújo	2
	Duarte	2
	Ferreira	2
Ribeiro	2	

Dez anos depois, em 1977, o município de Palotina estava passando por uma das décadas de maior desenvolvimento demográfico e financeiro, visto que, nessa época, houve a chamada “Era da Hortelã”, como apresentado no capítulo anterior, que contribuiu para o crescimento acelerado do município. Na década de 1980 – diferentemente de 1970, com quase 45.000 habitantes –, havia em Palotina aproximadamente 30.000 habitantes, ou seja, houve uma queda no número de moradores do local. Considera-se, porém, que o ano de 1977 ainda englobava o período da hortelã no município e, portanto, acredita-se que havia no local uma população estimada em 35.000 habitantes. A queda no número de moradores também influenciou as famílias moradoras dessa comunidade.

Conforme dados visualizados no gráfico 12, assim como na década anterior, em 1977, há mais registros de nascidos com sobrenomes de outras ascendências

que não a italiana e a germânica. Em contrapartida, neste ano, houve uma brusca queda de registrados com sobrenomes germânicos, de 19%, nos registros de 1967, em 1977, apenas seis registrados tinham sobrenomes alemães em seus registros, o equivalente a 6%. Esta queda pode ser relacionada ao fato de o Cartório de Registro Civil na Vila Maripá, onde há maior presença de alemães, já estar em funcionamento há dez anos. Também, observa-se um ligeiro aumento no número de nascidos com pelo menos um sobrenome italiano nos registros, de 29%, na década anterior, tem-se, nesta década, 34% de registros.

Gráfico 12 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1977



O fato de haver mais da metade dos sobrenomes na categoria “outras etimologias”, no gráfico acima, é um indício de que, mesmo com a era da hortelã findando, muitos dos migrantes vindos para este período ainda permaneciam na cidade, o que pode demonstrar certo interesse numa futura permanência na localidade. Isso também pode ser observado no quadro 7, que apresenta os sobrenomes mais frequentes no município, em 1977. Verifica-se que, neste ano, apenas dois sobrenomes têm origem ítala, sendo que os outros onze sobrenomes mais frequentes são de outras origens. Observa-se, então, nesse elenco de sobrenomes, a frequência de alguns sobrenomes que não eram comuns na primeira década de estudo e o aparecimento de outros que, possivelmente, são provenientes do período da hortelã.

Quadro 7 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1977

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Zabott	4
	Spessatto	2
Outras	Silva	12
	Oliveira	8
	Santos	7
	Ferreira	6
	Pereira	4
	Alves	3
	Gomes	3
	Souza	3
	Almeida	2
	Costa	2
Ramos	2	

Para a análise dos sobrenomes dos nascidos em 1987, leva-se em conta o senso do ano de 1990. Em 1991, havia, em Palotina, uma população estimada em pouco mais de 30.000 habitantes. Considera-se também que, neste período, Maripá lutava pela independência política, que aconteceria logo depois, e, portanto, era ainda distrito de Palotina, mas que contava com seu próprio cartório de registro civil.

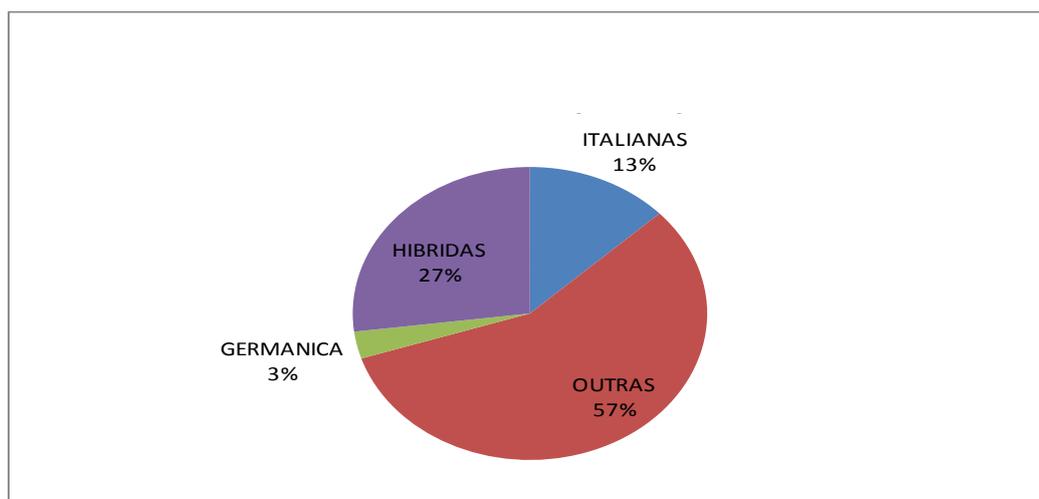
Observa-se que, em 1987, conforme visualizado no gráfico 13, há um grande crescimento na presença de registrados com pelo menos um sobrenome italiano, alcançando 40% do total do *corpus* neste período. Em contrapartida, o número de famílias germânicas diminuiu ainda mais, indo de 6% para 3%, o que indica, de fato, que os germânicos são moradores da cidade de Maripá.

Com relação aos nascidos com outra ascendência no sobrenome, estes correspondem a 57% do *corpus*, ou seja, houve pequena queda em relação ao ano anterior. Este pode ser um indício de que as famílias que viviam no município há certo tempo ainda permanecem na cidade, ou seja, conforme se percebe pelo elenco dos sobrenomes mais frequentes de cada período, muitas famílias permanecem na comunidade, mas muitas outras também são novas nos locais.

Neste gráfico também pode ser inferida a constante permanência de moradores vindos para o trabalho na era da hortelã e, mesmo com a queda do número de habitantes na cidade, a maioria dos sobrenomes são de outras origens,

que não ítala ou germânica. É o que pode ser percebido no quadro 8, o qual assinala que, dos onze sobrenomes mais frequentes, dez são de outra origem que não a ítala (nem germânica). Portanto, Palotina não está isenta do contato de etnias e culturas, caracterizando-se pela diversidade cultural e linguística, contrariando as expectativas que as empresas colonizadoras tinham quando teve início o povoamento da região.

Gráfico 13 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1987



Quadro 8 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1987

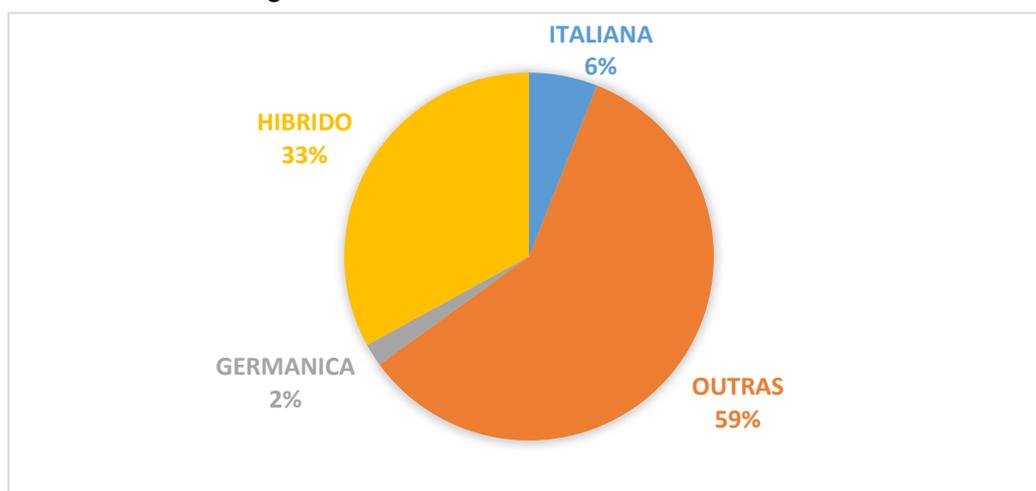
Origem Etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Basso	2
Outra	Silva	9
	Santos	4
	Pereira	4
	Souza	4
	Oliveira	4
	Cruz	2
	Costa	2
	Camargo	2
	Ferreira	2
	Rocha	2

Na década seguinte, com dados coletados do ano 1997, Maripá já havia sido desmembrada de Palotina e alcançado sua independência depois de anos de luta.

Neste ano, de acordo com o senso do IBGE, mesmo sem contar o número de moradores de Maripá, Palotina tinha quase 25.000 habitantes. Na década de 1990, a cidade recebeu muitas pessoas oriundas de outras localidades. Houve, em 1992, a instalação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no município de Palotina e a chegada da Universidade foi convidativa à presença de todos do meio acadêmico e, até mesmo, de seus familiares. Em meados desta década, houve um grande crescimento da cooperativa local, a então Coopervale, que atraiu para o município muitos trabalhadores.

Mesmo tendo em vista todos esses fatores que estão atrelados à história e ao desenvolvimento do município, não se encontra muita diferença na etimologia dos sobrenomes dos nascidos em Palotina, em 1997. Houve certa manutenção das famílias presentes nessa comunidade, com um aumento do número de ocorrências na categoria de famílias com sobrenomes híbridos. De acordo com o gráfico 14, em Palotina, houve apenas dois registrados com sobrenomes alemães, trinta e nove com pelo menos um sobrenome italiano e cinquenta e nove com sobrenomes de outra etimologia, o que equivale, em percentuais, a 2%, 39% e 59%, respectivamente.

Gráfico 14 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 1997



No final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, outro fator de grande importância para o desenvolvimento do município e para a presença de famílias, até então, não moradoras da cidade, foi a inauguração do Complexo Avícola da C. Vale – antiga Coopervale – na cidade. Com um abate de aproximados 300.000 frangos

por dia, de acordo com o site da cooperativa¹⁸, a maior necessidade do complexo era a mão de obra, visto que não havia, no município, o número suficiente para atingir os objetivos instaurados pela cooperativa. Tendo em vista essa necessidade, foi instaurada uma incessante busca por mão de obra em outras localidades, o que acarretou na presença de mais famílias. Contudo, muitos dos sobrenomes que já eram frequentes décadas atrás continuaram frequentes nesse período. É o que pode ser observado no quadro 9: em sobrenomes como *Silva*, com quatorze ocorrências, e *Santos*, com onze ocorrências, sendo que houve a repetição de apenas um sobrenome ítalo, *Rossatto* com três ocorrências. O que se infere, a partir disso, é que os sobrenomes de origem lusitana e/ou brasileira são sobrenomes frequentes e populares no Brasil, tornando-se também frequentes no oeste do Paraná.

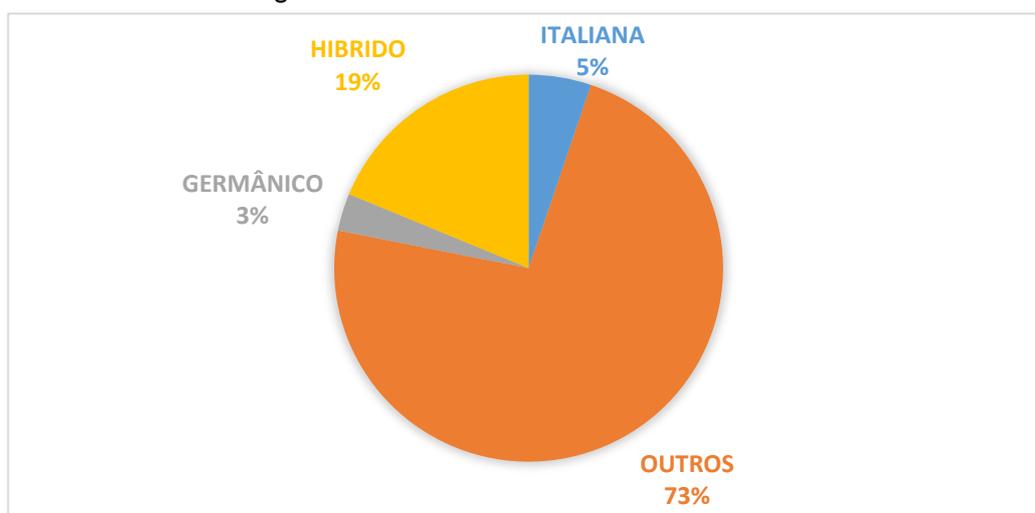
Quadro 9 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 1997

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Rossatto	3
Outras	Silva	14
	Santos	11
	Souza	7
	Oliveira	5
	Dias	4
	Cardoso	2
	Leal	2

Em 1997, havia, aproximadamente, 25.000 moradores, porém, em 2010, a cidade de Palotina apresentava 2.000 moradores a mais, chegando a atingir aproximadamente 27.000 habitantes. Pode-se relacionar esse crescimento demográfico à mencionada necessidade de mão de obra. Quanto às famílias moradoras da cidade em 2007, como evidencia o gráfico 15, verifica-se que há um considerável aumento da presença de sobrenomes de outra ascendência que não a ítala e a germânica. Enquanto, em 1997, havia 59% de nascidos com sobrenomes de outra ascendência, tem-se, em 2007, 73% de registrados nessa categoria. Outro aspecto a ser ressaltado é a diminuição da presença de registrados com sobrenomes híbridos, de 33% para 19%.

¹⁸ Disponível em: < <http://www.cvale.com.br/historico.html>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

Gráfico 15 - Etimologia dos sobrenomes em Palotina em 2007



Conforme se observa no gráfico acima, o contato de famílias italianas ou de famílias germânicas com outras famílias é inevitável e o aumento da população com outra ascendência na cidade também. Reitera-se que este aumento, em Palotina, pode estar relacionado aos fatores históricos que permearam o crescimento e o desenvolvimento da cidade, como a Era da Hortelã e a inauguração do complexo avícola da C. Vale. A necessidade de mão de obra resultou na vinda de muitos trabalhadores para a região em busca de uma vida melhor e, ainda, proporcionou a sua permanência na cidade em que buscaram um futuro mais próspero.

Neste ano, de acordo com o quadro 10, surgem entre os mais frequentes do *corpus*, vários sobrenomes não presentes no município até então, tais como *Menezes* e *Barbosa*. Verifica-se, com isso, que muitos, de fato, procuraram na cidade uma fonte de renda e viram no complexo avícola ali instaurado uma maneira de ganhar a vida. Percebe-se, também, que há apenas um sobrenome de origem ítala que se repete, *Rossatto*, com duas ocorrências, o que pode indicar que muitas famílias, ainda que com pouca recorrência, permanecem no município.

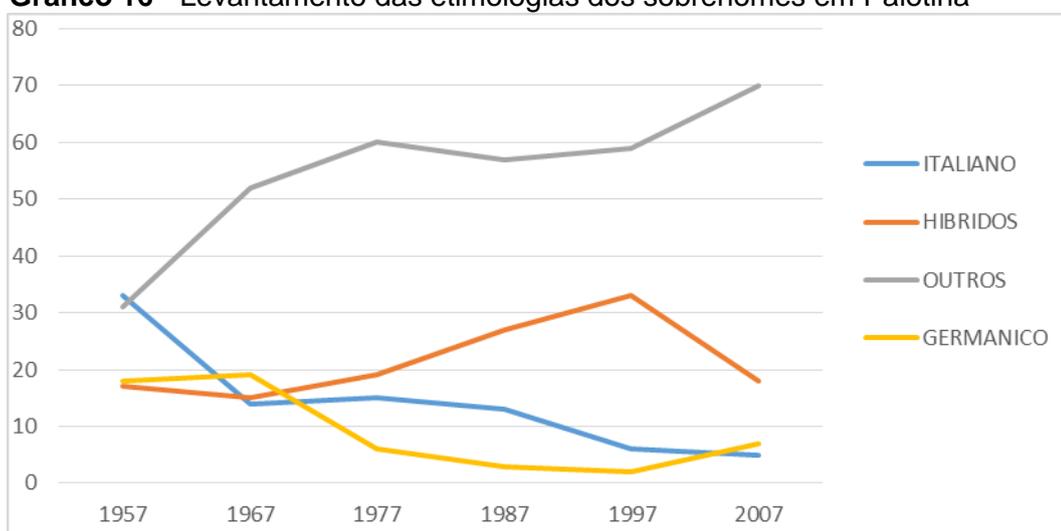
Quadro 10 - Sobrenomes mais frequentes em Palotina em 2007

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Ítala	Rossatto	2
Outras	Silva	15
	Santos	9
	Oliveira	8
	Gomes	6

	Pereira	6
	Ferreira	4
	Barbosa	3
	Soares	3
	Almeida	2
	Costa	2
	Cruz	2
	Menezes	2

O gráfico 16 apresenta os dados obtidos ao longo do período estudado, permitindo que se tenha uma visão do conjunto.

Gráfico 16 - Levantamento das etimologias dos sobrenomes em Palotina

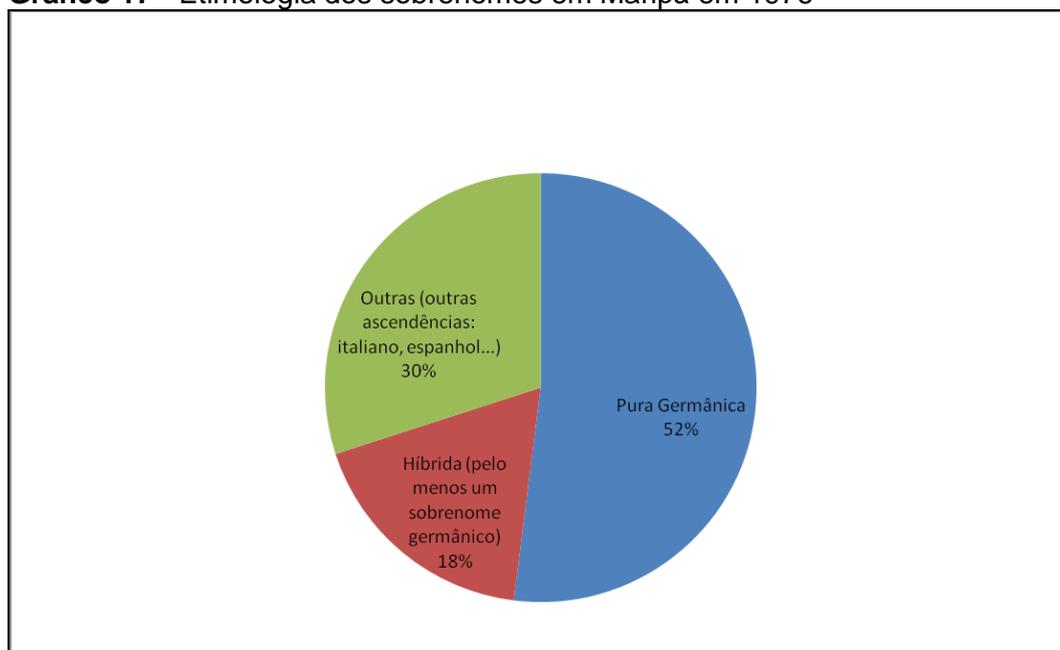


Como se vê no gráfico acima, houve grande crescimento de sobrenomes de outras ascendências que não a germânica e a italiana, e o decréscimo de famílias germânicas e de famílias puras italianas. Com relação aos sobrenomes de famílias híbridas não houve decréscimo tão acentuado. A partir da observação dos gráficos e dos dados obtidos, infere-se que essas famílias se relacionaram, em diversos momentos, com famílias de outra ascendência. O contato cultural entre famílias das mais variadas origens é inevitável tendo em vista que o desenvolvimento da cidade pautou-se por ciclos migratórios, primeiro na Era do Hortelã e, depois, em decorrência da instalação da C.Vale no município, fatos que podem estar relacionados ao constante aumento de famílias cujos sobrenomes não se registravam quando o município foi inaugurado.

Com isso, passa-se agora à discussão dos dados referentes à cidade de Maripá. Assim como mencionado anteriormente, Maripá foi distrito de Palotina até os anos 1990 e é considerada uma cidade com fortes tradições germânicas. O que se questiona, então, é se há, no sistema antroponímico de Maripá, grande diferença na etimologia dos sobrenomes quando relacionados ao do município vizinho, Palotina. Cumpre ressaltar que os dados de Maripá começaram a ser analisados a partir de 1966, data em que o cartório de registro civil foi instalado no município, visto que, até então, os nascidos eram registrados no cartório do município de Palotina, o que pode ter contribuído, como já apresentado, para uma queda na presença de famílias alemãs em Palotina.

Em 1976, período em que Maripá também passava pela Era da Hortelã, de acordo com o gráfico 17, havia 30% de famílias com outras ascendências, enquanto 70% dos registros indicam forte presença de famílias com sobrenomes germânicos.

Gráfico 17 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 1976



O quadro 11 mostra que, dos dez sobrenomes mais frequentes na localidade, quatro são de outras etnias que não a germânica e os outros seis são de etimologia germânica. Percebe-se, portanto, que as famílias predominantes neste local são, de fato, as germânicas. Em comparação à década anterior (exposta no Quadro 5), observa-se que não se encontra nenhum sobrenome germânico que se repita, mas

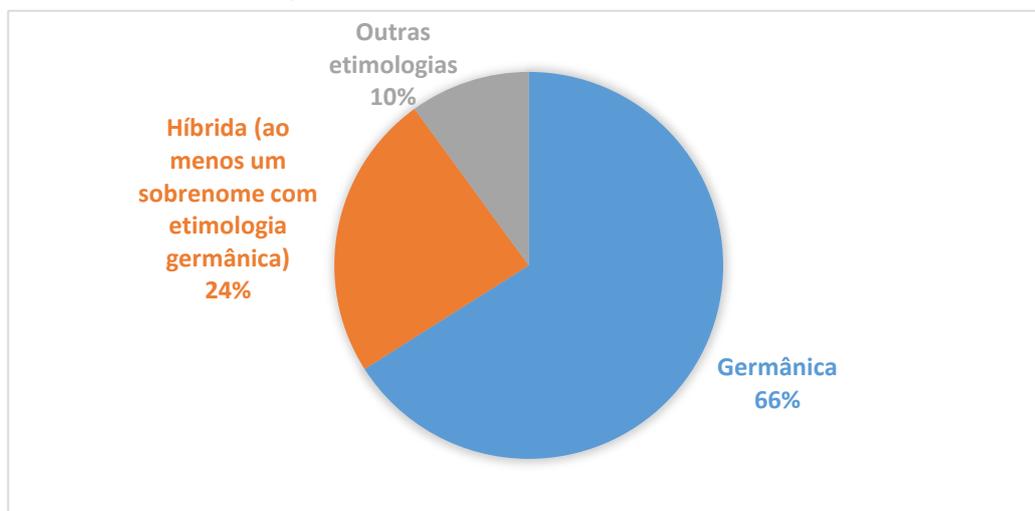
há vários sobrenomes de outra etimologia que se repetem, o que pode indicar que as mesmas famílias ainda residem no local nessa década.

Quadro 11 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1976

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Teuta	Oenning	3
	Fritzen	3
	Richter	3
	Dettmer	2
	Lenz	2
Outras	Silva	7
	Pereira	3
	Ramos	3
	Santos	2

Por outro lado, uma década depois, em 1986, é possível observar, no gráfico 18, que 90% dos nascidos em Maripá tinham em seus registros pelo menos um sobrenome alemão.

Gráfico 18 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 1986



É importante ressaltar que destes 90%, 66% dos registrados eram oriundos de famílias puramente germânicas, o que aponta para o fato de que, nessa comunidade, pode não ter havido, até então, tanta interação entre as diferentes origens das famílias que ali residiam, o que comprova a ideia do tradicionalismo germânico nesta localidade. Outro fato que chama atenção é a ligeira queda na presença de famílias com outra ascendência que não a alemã, visto que, nesta década, consta em 10%, o que pode indicar que muitas das famílias que vieram

para o trabalho no cultivo da menta apenas fixaram residência temporariamente, não permanecendo na cidade de Maripá.

A afirmação de que na década de 1980 se constata grande presença de famílias germânicas na localidade, também é comprovado pelo levantamento dos sobrenomes mais frequentes da época. Observa-se que, dos registros anteriores, apenas um sobrenome com etimologia de outra ascendência que não a germânica foi recorrente na cidade, o sobrenome *Silva*. Por outro lado, percebe-se que os sobrenomes germânicos não se repetem com o decorrer dos anos, o que pode indicar que há grande variedade na presença de famílias germânicas na localidade. Nota-se, no quadro 12, a repetição de catorze sobrenomes como os mais frequentes, sendo dez de origem germânica, de acordo com a análise etimológica das fichas antroponomásticas.

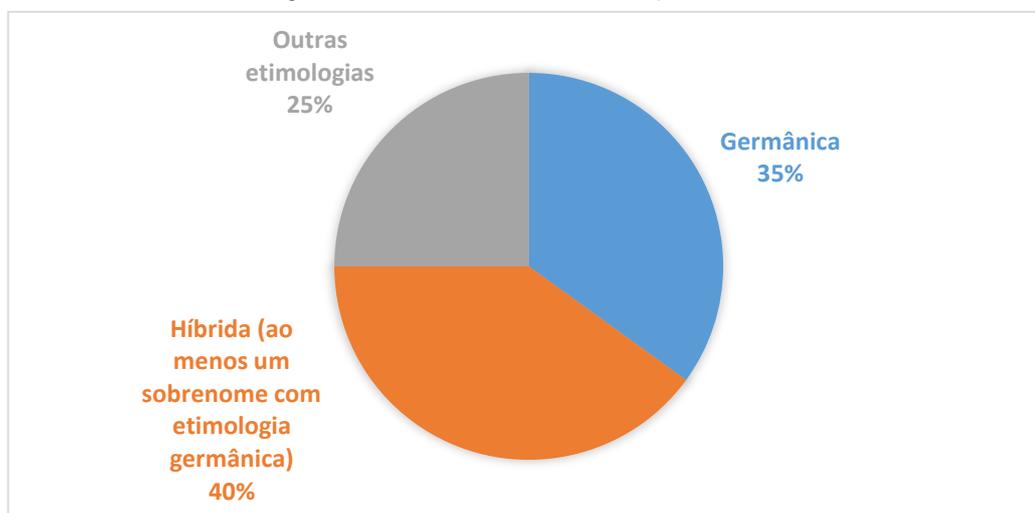
Quadro 12 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1986

Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Teuta	Wiest	3
	Hang	2
	Schuchardt	2
	Hockstein	2
	Eckestein	2
	Schmitz	2
	Wiese	2
	Bruch	2
	Dumke	2
	Outras	Jacobi
Silva		3
Martins		2
Alves		2

Em contrapartida, no ano de 1996, encontra-se 75% dos registros com alguma influência germânica, sendo 35% de famílias puramente germânicas e 40% híbridas, apontando para a interação entre famílias germânicas com famílias de outras etnias. Observa-se, no gráfico 19, um crescimento de famílias de outras etnias, nesse período. Os dados do gráfico acerca da etimologia dos sobrenomes encontrados em 1996 são confirmados pelo levantamento de sobrenomes mais frequentes no município naquele período. De acordo com o levantamento,

organizado no quadro 13, dos cinco sobrenomes que se repetiram por mais de uma vez, três são de origem alemã e dois são de outra origem.

Gráfico 19 - Etimologia dos sobrenomes de Maripá em 1996



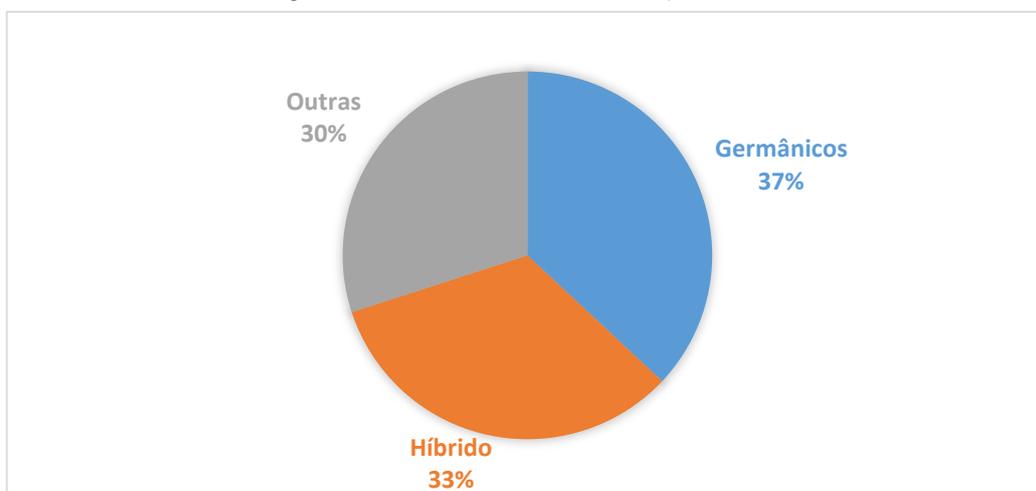
Quadro 13 - Sobrenomes mais frequentes de Maripá em 1996

Origem etimológica	Sobrenomes	Frequência
Teuta	Kruger	3
	Fey	2
	Schmitz	2
Outras	Silva	3
	Santos	2

Diferentemente das duas últimas décadas, nos anos 2000, conforme se observa no gráfico 20, houve crescimento na presença dos nascidos com sobrenomes de outras etimologias em seus registros. Em relação ao penúltimo ano, 1996, estudado, houve um aumento de 20% nos registros desse *corpus*, o que aponta para uma mudança no município. Porém, mesmo com ligeiro crescimento na presença de famílias com outras ascendências, o que se constatou no gráfico referente ao ano de 2006 é que, de fato, 70% dos registrados nesse ano têm, em seus registros, pelo menos um sobrenome alemão. Observa-se que, mesmo com o crescimento na presença de famílias luso-brasileiras na comunidade de Maripá, a ascendência que predomina é a germânica, o que, certamente, interfere nas tradições ainda hoje presentes na comunidade. Em contrapartida, cumpre informar que, acompanhando a tendência dos anos anteriores, em 2006, houve um ligeiro

crescimento nas famílias híbridas, o que demonstra que há, na cidade de Maripá, mais interação entre as mais variadas etnias pertencentes àquele local.

Gráfico 20 - Etimologia dos sobrenomes em Maripá em 2006



Os dados observados no gráfico, acerca da etimologia dos sobrenomes de Maripá em 2006, também são verificados no elenco dos sobrenomes mais frequentes desta cidade nesta década, exposto no quadro 14.

Quadro 14 - Sobrenomes mais frequentes em Maripá em 2006

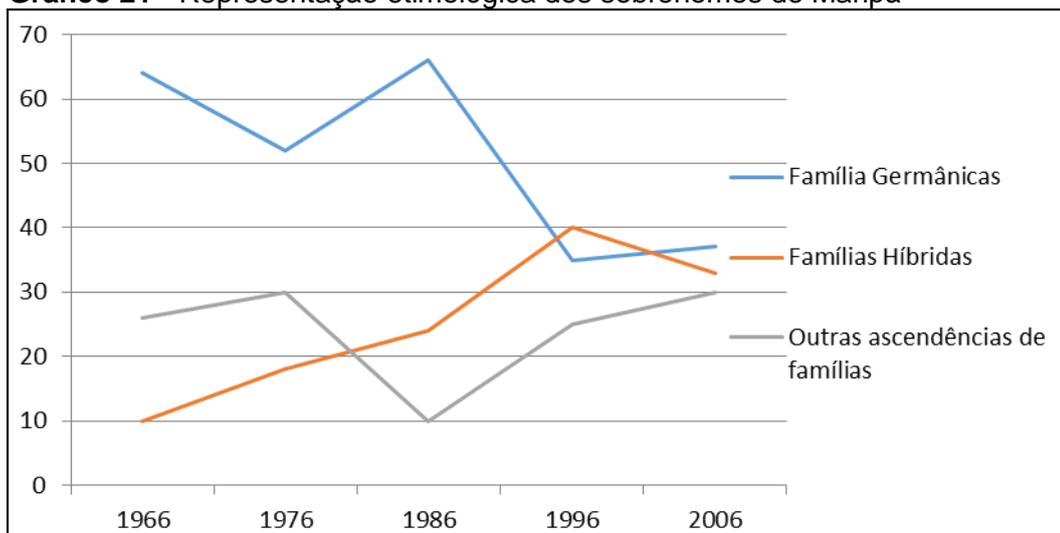
Origem etimológica	Sobrenome	Frequência
Teuta	Fey	3
	Stibbe	2
	Englemann	2
	Wulf	2
	Friske	2
Outras	Silva	7
	Santos	6
	Alves	3

Enquanto, nas duas décadas anteriores, havia pouca presença de sobrenomes com outra etimologia, neste período, dentre os oito sobrenomes mais frequentes no município, três são de outra ascendência que não a germânica, dentre os quais, destacam-se as famílias *Silva*, com sete registros e *Santos*, com seis registros. Isso comprova a ideia que Maripá está recebendo “novas famílias”, que podem estar vindo à região com o intuito trabalhista, assim como aconteceu no período da hortelã. Contudo, vê-se que, no mesmo ano, há vários sobrenomes germânicos que se repetem em outras décadas, tais como *Kruger*, *Fey*, *Friske* e

Englemann, dando a entender que as famílias de origem germânica também permanecem na localidade.

Sintetizando as análises dos sobrenomes mais frequentes em Maripá, no gráfico 21, são visualizados os dados obtidos em todas as décadas.

Gráfico 21 - Representação etimológica dos sobrenomes de Maripá



Conforme se observa nos gráficos acerca da etimologia das famílias dos nascidos na cidade de Maripá, constatou-se que, de fato, a população germânica é a predominante em Maripá. Deve-se ressaltar, porém, que houve um grande crescimento na presença de famílias com outras ascendências e de famílias híbridas, nas quais havia a integração entre uma família alemã com uma família de outra ascendência.

Observa-se, também, que o que difere Palotina de Maripá é, realmente, a grande presença de famílias alemãs na segunda cidade, mostrando que havia maior concentração de um mesmo grupo étnico e maior tradição na manutenção da tradição na segunda localidade. Assim, a análise etimológica dos sobrenomes confirma a evolução populacional de cada município, confirmando a relação entre a antroponímia, cultura e história.

5 PRENOMES MAIS FREQUENTES E PRENOMES PREFERENCIAIS EM CADA MUNICÍPIO

Em cada comunidade, há uma maneira pela qual as pessoas são nomeadas, parece haver um padrão na escolha dos prenomes. Fruto do fazer coletivo, este padrão varia de uma comunidade para outra, resultando em elencos de nomes distintos, cada um constituindo uma norma antroponímica diferente.

Esta noção de norma antroponímica está relacionada ao conceito de norma linguística, definido por Coseriu (1987), por considerar as condições sociais da nomeação. O autor, na obra “Lições de linguística geral”, afirma que “[...] a norma corresponderia à *langue* saussuriana” (COSERIU, 1987, p. 120, grifos do autor), mas não é a ela idêntica, haja vista que, “a norma da língua [...] contém o que no falar correspondente a uma língua funcional, é o fato tradicional, comum e constante, ainda que não seja necessariamente funcional: todo fato que se diz e se entende dessa maneira e não de outro modo” (COSERIU, 1987, p. 122). Dentre outros aspectos, o uso do conceito de *norma linguística*, conforme proposto por Coseriu (1987), pode ser relacionado ao fato de que, na sistematicidade dos nomes próprios, seu emprego varia de acordo com a comunidade e suas condições, o que também remete-se à afirmação do autor: “[...] a norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição” (COSERIU, 1987, p. 123).

Com o intuito de apresentar a norma antroponímica das comunidades investigadas e levando em conta as tradições culturais de cada local, apresenta-se, neste capítulo, uma análise acerca dos padrões de nomeação destes locais. Para tanto, em um primeiro momento, são apresentados quais eram os nomes preferenciais dos moradores de cada local, com o intento de verificar em qual comunidade há mais estabilidade ou instabilidade no sistema de nomeação.

Para classificar um nome como preferencial, objetivando verificar qual a norma antroponímica das localidades, utiliza-se da noção de preferencial proposta por Seide (2013c, p. 2) e de sua categorização em nomes tradicionais e de moda, pautando-se, nesta pesquisa, nos mesmos critérios utilizados por Seide (2013c) e Seide e Schultz (2014):

Entende-se *modismo* como uma curva estatística caracterizada por um aumento súbito da ocorrência de um nome que apresenta curta

duração e é seguida de um decrescimento repentino; considera-se que há *tradição* quando há nomes que permanecem presentes por um período considerável de tempo e/ou retornam sempre num lapso de, no máximo, quatro gerações (SEIDE; SCHULTZ, 2014, p. 149).

Após a análise dos dados de cada município acerca da estabilidade ou da instabilidade no sistema de nomeação, será feita uma comparação entre os dois municípios procurando observar quais são os nomes predominantes em cada local e se há nomes que predominam em ambas as comunidades. Porém, antes da análise, é necessário se fazer um adendo acerca da variação gráfica dos prenomes. Nos registros, tanto de Palotina quanto de Maripá, foram encontrados prenomes com grafias diferentes, quando este fato se dava, os prenomes eram agrupados a uma lista de nomes similares e contabilizados como sendo o mesmo, como Luis e Luiz, Gabriella e Gabriela... Contudo, sabe-se que é necessário haver mais estudos que possam explicar as reais motivações para tais escolhas.

O município de Palotina, assim como já apresentado no capítulo 3, foi colonizado por sulistas, com ascendência ítala ou germânica. Conforme já mencionado, no município de Palotina houve concentração de colonizadores italianos, que buscavam, dentre outros aspectos, cultivar a cultura que traziam consigo.

A partir do levantamento organizado na tabela 1, observa-se que, no primeiro ano investigado (1957), houve considerável repetição de prenomes masculinos, com exceção de Jaime, que teve duas ocorrências, sendo os demais prenomes relacionados a santos católicos. Talvez tenha havido, por parte dos pais dos nascidos na comunidade de Palotina, uma vontade de projetar a religião e a proteção divina nos filhos, já que a comunidade, como já apresentado, tinha uma forte relação com o catolicismo. Em contrapartida, os prenomes femininos registrados em Palotina, na mesma época, podem ser considerados mais variados, pois, de acordo com o levantamento de dados, apenas um prenome se repetiu, Maria, com seis ocorrências. A forte ocorrência de Maria também pode estar atrelada à igreja católica, mas, de certa forma, pode, também, estar relacionada ao fato de que Maria é um prenome popular e muito utilizado no Brasil.

Tabela 1 - Nomes mais frequentes dos palotinentes de 1957 a 2007

ANO	MASCULINO	FEMININO
1957	Luiz (6); José (4); Antônio (2); Jaime (2); Pedro (2); Paulo (2)	Maria (6)
1967	Antônio (5); Luiz (4); Valdir (2); Vanderlei (2)	Maria (17); Ana (2); Ivete (2); Marli (2).
1977	José (4); Alexandre (3); Edson (2); Gilmar (2); André (2)	Cláudia (3); Maria (3); Eliane (2); Ivani (2); Marisa (2); Neide (2)
1987	Diego (3); Luiz (3); William (3); Evandro (3); Charles (2); Cristiano (2); Fernando (2)	Juliana (4); Daiane (3); Patrícia (3); Daniela (2); Jaqueline (2); Sandra (2)
1997	Leonardo (3); Matheus (3); Gustavo (2); Marcelo (3); Otávio (2); Thiago (2)	Renata (3); Bruna (3); Ana (2); Camila (2); Gabriela (2); Mariana (2); Patrícia (2); Rafaela (2); Raquel (2)
2007	João (4); José (4); Mateus (3); Vitor (3); Alisson (2); Bruno (2); Gabriel (2); Gustavo (2); Luiz (2); Vinicius (2)	Isabella (5); Ana (3); Natalia (3); Emily (2); Heloisa (2); Julia (2); Laura (2); Luiza (2); Manuela (2); Nicole (2); Vitória (2).

No ano de 1967, a repetição de prenomes masculinos e femininos foi semelhante. Quatro prenomes masculinos e quatro prenomes femininos se repetiram, sendo que Maria ocorreu dezessete vezes e Luiz, quatro vezes. Por outro lado, em 1967, apareceram prenomes que não foram encontrados em 1957, o que pode ser decorrente da “Era da Hortelã”, uma vez que alguns desses prenomes foram encontrados em fichas com pais oriundos do norte e do nordeste do Brasil. Um exemplo de prenome não encontrado até então é Vanderlei, que, no decorrer deste ano, ocorreu duas vezes, ambas em famílias vindas de outras regiões do país. Em contrapartida, nesse mesmo ano, houve o uso de prenomes encontrados em Maripá, tais como Valdir e Marli.

Já no ano de 1977, o prenome Maria ainda está entre os preferidos dos pais dos palotinentes: três meninas receberam este prenome no ato do registro. Em contrapartida aos anos anteriores, neste ano, houve mais nomes femininos repetidos do que masculinos e há, neste período, o surgimento de um prenome masculino que, até então, não havia aparecido no *corpus*: André.

No ano de 1987, não houve presença de registradas Maria e de registrados José, ainda os nomes estando disponíveis entre os pais e avós dos registrados, o que pode estar associado ao início de uma era de tecnologia na localidade e de um período em que havia fortes influências midiáticas na escolha dos prenomes dos

filhos. Um exemplo disso é a recorrência dos prenomes William, por três vezes, Charles, por duas vezes e, dentre as mulheres, Daiane, por três vezes. O fato de William e Charles só aparecerem em 1987, pode estar relacionado ao fato de alguns anos antes, em 1982, o nome William ter sido atribuído a um dos herdeiros do trono da Inglaterra por seus pais, príncipe Charles e princesa Diana (que na forma aportuguesada se transformaria em Daiana, Daiane) o que, então, pode ter ocasionado a propagação deste prenome pelos meios de comunicação. Porém, cumpre informar que, muitas vezes, um prenome não é empregado por seu significado e tampouco por ter sido empregado em determinado sujeito, mas é usado por ter sido considerado bonito ou por ser considerado da moda e “estar em alta”, não sendo possível, contudo, tirar conclusões definitivas a respeito, haja vista não terem sido realizadas entrevistas. Além destes três prenomes, outros até então não recorrentes no *corpus* de Palotina surgiram, nomes como: Diego, Evandro, Juliana, Patrícia e Jaqueline.

Dez anos depois, em 1997, dois prenomes muito recorrentes no *corpus* de Palotina voltaram a ocorrer: Maria e José, apesar de não estarem entre os repetidos da cidade no *corpus* desse ano. Ainda, houve maior repetição de prenomes femininos do que masculinos, sendo que os prenomes femininos predominantes foram Renata e Bruna, com três usos cada, e masculinos foram Leonardo e Matheus, com três usos cada também.

No último ano investigado (2007), houve, nos registros coletados, uma grande volta de prenomes masculinos utilizados no passado. Nesse ano, prenomes como João e José, receberam quatro empregos cada e prenomes como Ana, em segundo lugar dos preferidos desse ano, recebeu três empregos. Em contrapartida, nesse ano, muitos prenomes se repetiram, sendo que houve dez prenomes masculinos repetidos e onze femininos. É importante ressaltar que a volta ao uso de prenomes considerados antigos é uma tendência nacional, mas ainda não se sabe o real motivo desses empregos. Acredita-se que possa haver, nesses usos, uma homenagem aos pais ou aos avós, que eram portadores desses mesmos prenomes. No caso do *corpus* de Palotina, dois empregos de José, de acordo com as informações contidas nas fichas antroponomásticas, podem estar relacionados aos nomes dos pais, que também eram José.

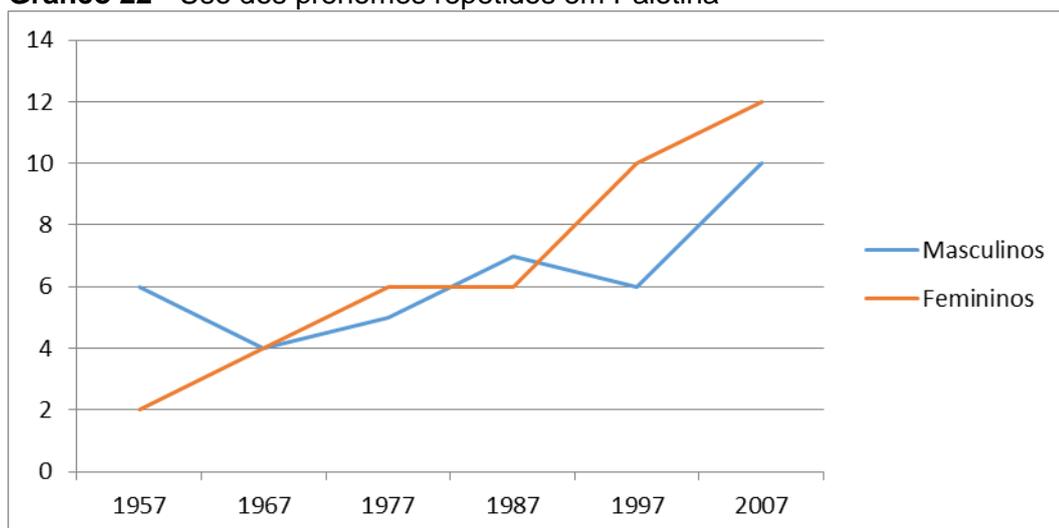
A tabela 2, na página seguinte, expõe quais são os prenomes mais frequentes em Palotina durante todo o período estudado.

Tabela 2 - Ranking dos nomes preferidos dos palotinenses

MASCULINOS	FEMININOS
1º Luiz (23)	1º Maria (29)
2º Antônio (14)	2º Cristina (11)
2º José (14)	3º Aparecida (8)
3º Henrique (9)	4º Patrícia (5)
4º Vitor (5)	4º Ana (5)
5º Gabriel (5)	4º Cláudia (5)

O que se observa, portanto, é que, nos registros dos prenomes de Palotina, há uma maior instabilidade no que se refere aos prenomes. Conforme ilustra o gráfico 23, em 1957, havia maior repetição de prenomes masculinos e dez anos depois houve uma queda, aumentando década a década e decaindo em 1997, subindo, então, em 2007.

Gráfico 22 - Uso dos prenomes repetidos em Palotina



A cidade de Maripá, conforme apresentado no capítulo 3, é uma cidade com tradições germânicas remanescentes. Há, neste local, inúmeros fatos que remetem ao começo de sua colonização, predominantemente germânica, e que permanecem como forma de manutenção da tradição.

Como apresentado no capítulo 4, no município investigado, há uma grande presença de famílias puras germânicas, o que indica que pode haver, nesse local, a intenção de estreitar os laços da origem familiar. Refutada a hipótese de pesquisa que assimilava a etimologia do prenome com a do sobrenome, fez-se um levantamento utilizando da ferramenta *E-terms*, dos nomes preferidos em cada período pelos moradores dessa cidade. Em um primeiro momento, porém, observou-

se quais eram os nomes mais frequentes de cada década e se havia alguma possível motivação externa para a escolha deste prenome.

Na primeira década estudada, dentre os dados coletados, cinquenta e um registros eram de meninos e quarenta e 9 eram de meninas. Assim, na tabela 1, sobre os nomes mais frequentes no município de Maripá, observa-se que, em 1966, houve maior repetição de nomes femininos. Entre os meninos, o nome *José* foi o mais utilizado pelos designadores com três ocorrências; entre as meninas, também com três ocorrências, estão *Eliane*, *Maria* e *Márcia*. Percebe-se, então, que houve menor variação lexical nos prenomes masculinos, o que sustenta a ideia de que há mais tradição, na concepção adotada por Seide (2013c), no emprego de nomes masculinos, sendo esses mais estáveis.

Em contrapartida, no segundo ano de investigação em Maripá, houve maior repetição de nomes de meninos, sendo que quatro prenomes foram repetidos duas vezes, enquanto isso, entre as meninas, apenas dois prenomes foram repetidos duas vezes. Deve-se ressaltar, porém, que houve praticamente o mesmo número de registros masculinos (52) e femininos (48).

Tabela 3 - Nomes mais frequentes em Maripá de 1966 – 2006

ANO	NOMES MASCULINOS	NOMES FEMININOS
1966	José (3); Ademir (2); Jair (2); Márcio (2); Silvano (2).	Eliane (3); Maria (3); Márcia (3); Sueli (3); Irene (2); Leila (2); Mirian (2); Rose Meri (2); Sueli(2).
1976	Arno (2); Irani (2); Nelson (2); José (2)	Ingrid (2); Marli (2)
1986	Maicon (5); Marcelo (3)	Simone (3); Denise (2)
1996	Gabriel (3); Luiz (3); Lucas (3)	Ana (2); Juliana (2)
2006	Gabriel (6); Luiz(4); Mateus/Matheus (4); Pedro (3); Lucas (3)	Ana (4); Julia (3); Maria (2); Bianca (2); Mariana (2)

Já nos anos 80, foram encontrados 60 registros de meninos e 40 registros de meninas e a repetição do nome Maicon chamou a atenção. Por outro lado, entre os nomes femininos dois prenomes se repetiram, sendo Simone e Denise.

De 2006 a 2008, houve uma igualdade nos registros: cinquenta meninas e cinquenta meninos e o que se observa em Maripá é que vários prenomes masculinos se repetiram mais de duas vezes, sendo que o prenome Gabriel ocorreu seis vezes nestes anos. Entre as mulheres, o nome Ana prevaleceu, sendo usado quatro vezes. Chama a atenção a constatação de que, nesse ano, o nome Maria voltou a circular entre os preferidos dos pais dos nascidos em Maripá, porém, na mesma cidade, verifica-se que não houve a repetição de nenhum outro prenome já empregado mais de uma vez em outros anos.

Considera-se, quanto aos nomes preferidos pelos maripaenses, que há, um vasto acervo antroponímico e que não são muitos os prenomes que se repetem e, quando isso ocorre, repetem-se no máximo por duas décadas.

Por outro lado, percebe-se que, em Maripá, alguns nomes não estão entre os repetidos, mas aparecem como os mais recorrentes da comunidade quando se envolve todos os anos de estudo, conforme dados organizados na tabela 2. O nome Luiz, por exemplo, é o preferido dos designadores dos nascidos em Maripá, sendo esse um nome que ocorreu em todos os anos estudados, em nove ocasiões. Em contrapartida, o nome Gabriel e o nome José ocorreram oito vezes cada, sendo que o nome José apareceu desde o primeiro ano estudado e o nome Gabriel apenas nos três últimos anos.

Acerca dos prenomes femininos preferidos pelos maripaenses nas décadas estudadas, tem-se o prenome Maria com sete ocorrências, em todas as décadas estudadas. Por outro lado, os outros nomes apontados entre os primeiros colocados dentre os preferidos dos moradores de Maripá (Vitória, Simone, Ana, Laura, Sueli, Eliane, Márcia) tiveram quatro recorrências cada, sendo que os prenomes Márcia e Eliane ocorreram três vezes no ano de 1966 e o prenome Simone ocorreu três vezes em 1986.

Nota-se, a partir da análise desses dados, que, em Maripá, os prenomes masculinos são os que mais se repetem e que há no sistema antroponímico feminino uma maior variedade de prenomes a serem empregados.

Tabela 4 - Ranking dos nomes preferidos dos maripaenses

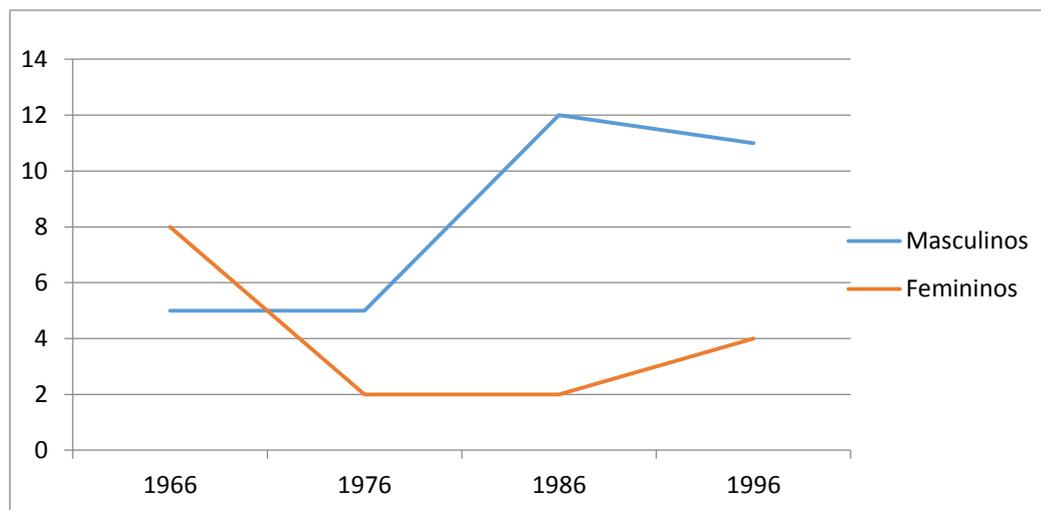
MASCULINOS	FEMININOS
1º - Luiz (9)	1º Maria (7)
2º - Gabriel (8)	2º Vitória (4)
3º - José (8)	2º Simone (4)
4º - Henrique (6)	2º Ana (4)
5º - Pedro (5)	2º Laura (4)
	2º Sueli (4)
	2º Eliane (4)
	2º Márcia (4)

Observa-se, também, que há prenomes que são recorrentes em todos os anos de estudo, tais como Luiz e José, para os meninos, e Maria para as meninas. Os prenomes José e Maria são prenomes tradicionais já indicados à nomeação pela igreja católica. Contudo, cumpre informar que a cidade de Maripá é uma cidade com forte tradição luterana, mas que pode ter sido influenciada pelas tradições da vizinha Palotina, na qual a religião predominante é a católica. Não obstante, mesmo sabendo-se que esses são prenomes de cunho religioso, não se pode afirmar que a motivação deste emprego tenha sido a religiosa, mas, seguramente, são considerados prenomes tradicionais na comunidade de Maripá assim como no Brasil todo.

Com os dados apresentados acima, percebe-se que há variação na nomeação das meninas em Maripá, ao contrário da nomeação dos meninos.

O gráfico 22 demonstra um grande crescimento na repetição de prenomes dos meninos em 1986, mas uma considerável queda em 2006. Quanto à repetição dos prenomes femininos, verifica-se uma queda em 1976 e aumento em 2006. Comparando-se os dados do início de período com os do final, pode-se afirmar que, em Maripá, enquanto houve diminuição de quatro pontos percentuais nos nomes femininos, a repetição de nomes masculinos aumentou seis pontos. Isto significa que há mais conservadorismo na nomeação dos meninos.

Gráfico 23 - Uso dos prenomes repetidos em Maripá



Esta estabilidade na nomeação dos meninos e a maior instabilidade na escolha dos prenomes femininos, em Maripá, pode vir ao encontro do sistema patriarcal que ainda é predominante na sociedade atual em que há a ideia de que a tradição deve ser empregada na nomeação masculina, enquanto a inovação pode ser empregada nos prenomes femininos, resultados semelhantes aos obtidos por López-Franco (2010) quando investigou a antroponímia de uma cidade do México, país que também adotou o sistema patriarcal.

Quanto aos prenomes masculinos, observa-se que dentre os cinco primeiros preferidos dos palotinenses, três estão entre os preferidos dos maripaenses, sendo Luiz, Gabriel e José, prenomes que podem estar associados à igreja católica. Já para as meninas, apenas dois prenomes dos cinco preferidos se repetiram nas duas comunidades, sendo Maria e Ana, que são considerados prenomes antigos e presentes como preferidos no Brasil desde o século XVIII, de acordo com um levantamento feito pelo *Site Terra*¹⁹.

Por outro lado, acerca dos prenomes femininos, houve maior crescimento de prenomes repetidos, sendo que de 1977 a 1987 houve uma estabilização na utilização dos prenomes repetidos. Considera-se, portanto, que houve maior estabilidade no emprego de prenomes femininos do que em prenomes masculinos, resultado diferente do obtido na comunidade maripaense, conforme se pode observar nas análises abaixo.

¹⁹ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/nomes-120-anos/>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

Comparando-se os dados relativos ao início e ao fim do período percebe-se que, enquanto a repetição de nomes masculinos aumentou quatro pontos percentuais, a repetição de nomes femininos subiu dez pontos.

Conforme apresentado nas páginas anteriores, os dois municípios possuem normas antroponímicas diferentes. Enquanto em Maripá há maior frequência na repetição de prenomes masculinos em praticamente todas as décadas, em Palotina houve um crescimento acentuado prenomes femininos repetidos, o que se constata comparando-se o gráfico 22 (na página 88) com o gráfico 23 acima. Também foi possível observar que, em ambas as cidades, alguns prenomes se repetem e podem ser considerados usuais nessas localidades, como é o caso do prenome Luiz e do prenome Maria, que desapareceu por determinado período em Palotina, mas retornou uma década depois, podendo ser considerado, então, um nome tradicional.

Tendo em vista as peculiaridades e as semelhanças de cada *corpus*, intenta-se apresentar quais são os prenomes mais frequentes nas duas comunidades, ou seja, quais os prenomes que mais ocorreram dentre os registrados dos dois locais. Para isso, formou-se uma lista que continha todos os prenomes registrados de ambas as localidades e, na sequência, utilizando da ferramenta *E-terms*, os dados foram quantificados e organizados na tabela 5.

Nessa quantificação, verifica-se que o prenome mais recorrente, considerando ambas as comunidades, foi Maria, com trinta e seis ocorrências, e que o segundo mais recorrente é Luiz, com vinte e nove ocorrências. Destaca-se o fato de estes nomes serem mais recorrentes em Palotina que em Maripá.

Tabela 5 - Nomes preferidos dos palotinenses e dos maripaenses

MASCULINOS	FEMININOS
1º Luiz (29)	1º Maria (36)
2º Henrique (19)	2º Cristina (14)
3º Antonio (18)	3º Ana (9)
3º José (18)	3º Aparecida (9)
4º Gabriel (11)	4º Patrícia (7)
5º Pedro (9)	5º Cláudia (6)
5º Marcos (9)	Laura (6)
6º Paulo (8)	Juliana (6)
6º Rafael (8)	Márcia (6)
7º Maicon (7)	Regina (6)
7º Rodrigo (7)	Sueli (6)
7º Marcelo (7)	Eliane (6)
	Marli (6)

Os prenomes preferidos dos palotinenses e dos maripaenses são prenomes comuns no Brasil como um todo, conforme o divulgado pelo *Site Terra*, mas merece destaque o fato de prenomes como *Edson, Gilmar e Neide* terem surgido a partir da década de 1970, ou seja, são prenomes que podem ter vindo com os trabalhadores do período da menta, hipótese que parece ser confirmada pela efetiva vinda e presença de novas famílias, conforme os gráficos apresentaram no quarto capítulo deste trabalho.

Salienta-se, portanto, que há, nas cidades estudadas, certa similaridade na escolha dos prenomes, mas que em contrapartida, há maior estabilidade e maior recorrência de prenomes repetidos no município de Palotina, sendo que, em Maripá, houve mais criatividade na escolha dos prenomes empregados. Utilizando os conceitos de moda e tradição apresentados por Seide (2013c), constata-se que Palotina tem mais tradição ao nomear do que Maripá, a qual recorre mais a modismos na nomeação.

5.1 OS PRENOMES MAIS FREQUENTES

Nesta seção, pretende-se apresentar a frequência dos prenomes por meio de porcentagem, objetivando expor, contrastivamente, os dados do município de Palotina e do município de Maripá. Conforme explicitado no capítulo 2, o cálculo da porcentagem ora apresentada foi feito devido à disparidade de nomes recolhidos nos cartórios, sendo que houve mais dados em Palotina do que em Maripá. Ressalta-se, contudo, que os parâmetros adotados nesta seção estão relacionados à contagem geral dos prenomes, incluindo os segundos nomes, e ao cálculo, via regra de três, dos dados.

Tabela 6- Frequência dos prenomes em Palotina em porcentagem

MASCULINOS	FEMININOS
1º Luiz (2,7%)	1º Maria (3,44%)
2º Antônio (1,66%)	2º Cristina (1,3%)
2º José (1,66%)	3º Aparecida (0,95%)
3º Henrique (1,06%)	4º Patrícia (0,59%)
4º Vitor (0,59%)	4º Ana (0,59%)
5º Gabriel (0,59%)	4º Cláudia (0,59%)

A partir da análise do percentual dos prenomes mais frequentes em Palotina, se tem que o mais frequente de todos é *Maria*, seguido de *Luiz*, *Antônio*, *José*, *Cristina* e *Henrique*, todos com mais de 1% de ocorrência.

Tabela 7 - Frequência dos prenomes em Maripá em porcentagem

MASCULINOS	FEMININOS
1º - Luiz (1,31 %)	1º Maria (1,02%)
2º - Gabriel (1,17%)	2º Vitória (0,58%)
3º - José (1,17%)	2º Simone (0,58%)
4º - Henrique (0,87%)	2º Ana (0,58%)
5º - Pedro (0,73%)	2º Laura (0,58%)
	2º Sueli (0,58%)
	2º Eliane (0,58%)
	2º Márcia (0,58%)

Como se constata na tabela acima, a partir de análise percentual, o prenome mais frequente no *corpus* de Maripá é *Luiz*, seguido de *Gabriel*, *José* e *de Maria*, todos acima de 1%, o que comprova a ideia da análise dos prenomes preferenciais, que afirmava *Luiz* ser o mais frequente.

Assim como se teve a análise dos nomes por porcentagem em Maripá, o mesmo foi realizado com os dados coletados em Palotina (Tabela 7), porém levando em consideração um total de 842 prenomes, incluindo os combinados, observando, então, o seguinte resultado:

Comparando os dados de Palotina e de Maripá, o que se tem é que, dentre os prenomes frequentes, *Maria*, *Luiz*, *José*, *Henrique* e *Ana*, prenomes recorrentes entre os preferenciais de ambos os municípios, são mais recorrentes em Palotina. Por outro lado, o prenome *Gabriel* é mais recorrente em Maripá. Por outro lado, assim como exposto na seção anterior, destaca-se o fato de haver mais prenomes masculinos recorrentes nos municípios, o que chama a atenção para o fato de haver mais instabilidade na escolha de prenomes femininos em relação aos masculinos, remetendo ao fato, já exposto, de que, em ambos municípios, há maior riqueza vocabular de prenomes femininos.

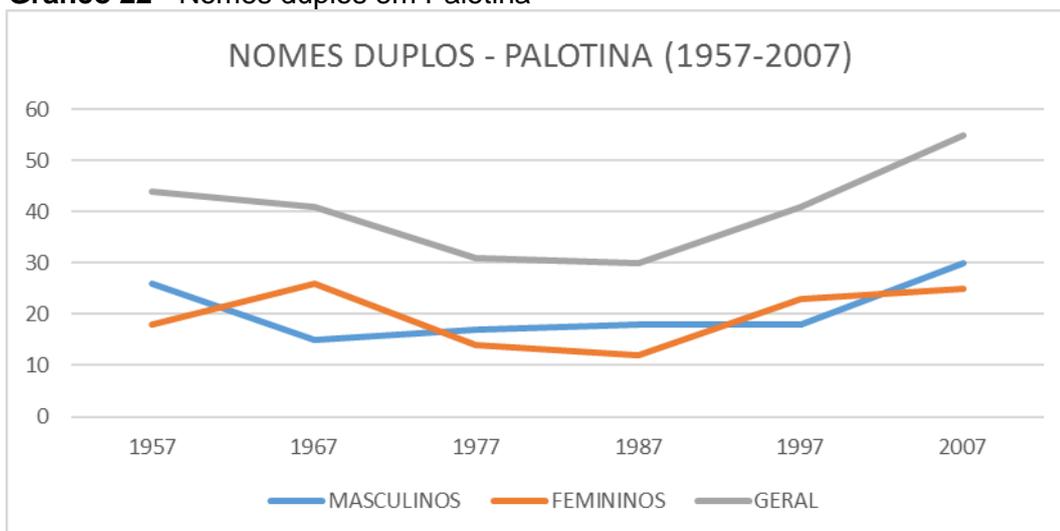
5.2 COMBINATÓRIAS DE PRENOMES: OS NOMES DUPLOS

No sistema antroponímico de língua portuguesa, encontra-se, como padrão, a formação da combinatória *prenome + sobrenome(s)*. Porém, é comum encontrar registros com a combinatória *prenome1 + prenome2 + sobrenome(s)*, resultado da atribuição de *nomes duplos aos filhos*. No sistema de língua portuguesa, encontram-se palavras formadas por meio de diferentes processos: derivação ou composição. A primeira formação ocorre por meio da junção de um radical a um afixo e a segunda por meio da junção de dois radicais, que podem sofrer o processo de aglutinação e de justaposição, sendo que no primeiro se tem a perda de algum elemento do radical e no segundo há a conservação das bases, tornando-se, de igual maneira, autônoma. No que concerne a questão dos nomes próprios de pessoas formados por dois radicais e nomeados como nomes duplos ou nomes compostos, o processo que ocorre é similar ao de justaposição, dois prenomes se unem e passam a significar conjuntamente e individualmente, de igual maneira.

Souza (2009) terminologicamente se refere aos nomes duplos como nomes compostos e aponta, em estudo feito acerca das derivações lexicais, que os nomes duplos comportam uma característica similar aos nomes compostos simples no que diz respeito à sua formação por bases/radicais duplos.

Com interesse em investigar os fenômenos acerca dos nomes próprios de pessoas no oeste do Paraná, Grespan (2014), em sua pesquisa que evidenciava o estudo dos nomes duplos em Toledo, nas décadas de 1950 a 2000, verificou que há grande presença desta composição no sistema antroponímico daquela cidade. Partindo do observado pela estudiosa, acredita-se que, pela similaridade nos habitantes das localidades e pelas semelhanças no processo de colonização dos locais, pode haver afinidades na constituição dos prenomes duplos de Palotina e Maripá, podendo ocorrer o fenômeno dos nomes duplos. Partindo do pressuposto de que em Palotina e em Maripá, os nomes duplos também são utilizados, fez-se um elenco de nomes duplos registrados em cada local, dividindo-os em nomes duplos masculinos e femininos, observando também um aumento neste uso, de modo geral. Apresentam-se, primeiramente, no gráfico 24, os dados referentes à presença de nomes duplos em Palotina.

Gráfico 22 - Nomes duplos em Palotina



De acordo com o gráfico acima, o que sem tem é uma estabilidade no emprego de nomes duplos na cidade de Palotina, sendo que houve maior estabilidade no emprego de nomes duplos masculinos, com maior ocorrência no ano de 2007. Percebe-se, por meio da quantificação dos nomes duplos de Palotina, que o período de maior ocorrência dos masculinos foi em 2007, enquanto o período de maior ocorrência dos prenomes duplos femininos foi em 1967. Não se pode afirmar, contudo, que, no município de Palotina, tenha ocorrido o fenômeno de modismo. Pode-se dizer que há, nesta localidade, certa tradição no uso de nomes duplos. Adjacente ao gráfico da frequência dos prenomes duplos em Palotina, expõe-se uma tabela que representa os prenomes duplos daquele local. Conforme se verifica, há, entre os prenomes duplos dos registrados palotinenses, prenomes preferenciais, como Luiz e Maria, entre os mais frequentes.

Tabela 8 : Nomes Duplos em Palotina - PR

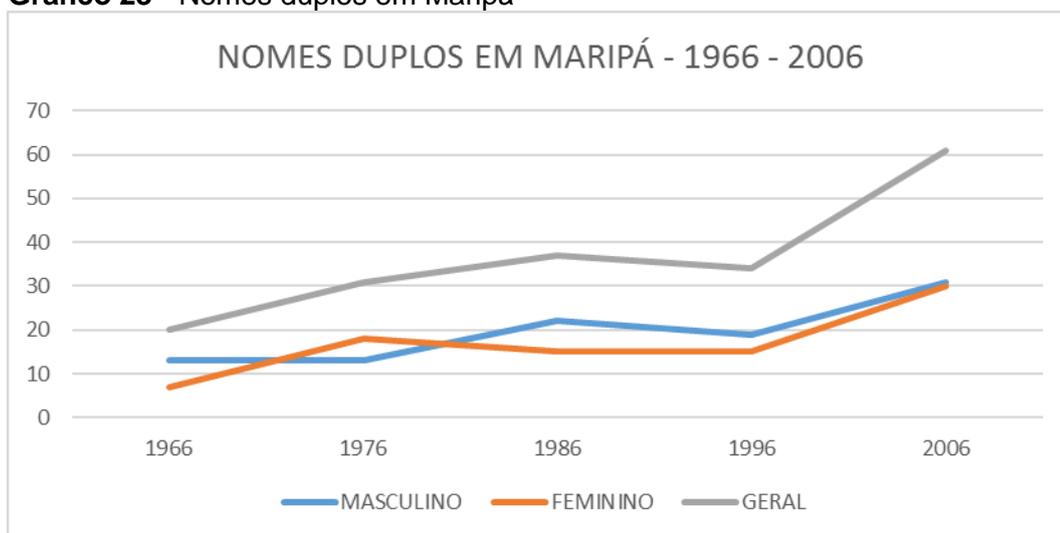
Década	Nomes duplos masculinos	Nomes duplos femininos
1957	Luiz Alberto; Raimundo Rodolfo; Jaime Luiz; Cirineu Luiz; Cedeni Luiz; Osmir José; Nelson Luiz; Antonio Helio; Pedro Rafael; Julinê Carlos; Ademar Antônio; Miguel Raimundo; Mauri Alberto; Jonis Luiz; Elis Rafael; Giberto Jacob; Gilberto Jacob; Eliseu Santo; Darci João; João Fernando; Ricardo Celino; Jorge Luiz; Antonio Vilmar; Vicente José; Walter Luiz; Osni Hugo; Cláudio Luiz; Paulo Roberto; Ademar Ari.	Neiva Teresinha; Andrelina Lourdes; Vera Lucia; Melania Ivete; Maria Regina; Marta Inês; Alcira Edi; Iraci Fátima; Marli Marly; Carmelita Maria; Sirlei Salete; Cladis Ivone; Rose Mari; Maria Isabel; Niomar Lourdes; Olivete Maria; Liani Maria.

1967	Luiz Adriano; Eredi Luiz; Jassio Antonio; Anuar Antonio; Jorge Luiz; Ingo Ivan; Edio Edgar; Paulo Roberto; Ciro Silvio; Eluzito Custódio; Ery Francisco; Lauri Antonio; Cicero Antonio;	Leide Mariza; Adenise Martinha; Joelma Aparecida; Claudia Izabel; Irene Maria; Rita de Cassia; Maria das Graças; Eli Maria; Maria Salete; Lariane Maria; Ivete Maria; Elenir Maria; Marli Inês; Sueli Tania; Ilse Maria; Maria Elaine; Rosa Clemilda; Ivete Luiza; Maria Aparecida; Maria Salete; Nilvia Regina; Adventina Maria; Ana Maria (2); Maria José; Noeli Terezinha; Dariane Terezinha; Ida Solange; Maria Aparecida.
1977	Wesley Cleison; Luciano Raimundo; José Carlos; Adir Vitório, Joanir Aparecido; Fabio Luiz; André Ricardo; Adenir Adair; Inglemar José; Rodrigo Nery; Eloir Francisco; Ederson Cícero; Jean Fábio; Fellipe Aurélio; Milton Antonio; José Aparecido; Norberto Francisco; Airton José; Marcos Antonio.	Ivani de Lourdes; Gilvana Aparecida; Jania Maria; Lucia Aparecida; Solange Teresinha; Geane Rosane; Eliane Aparecida; Dorca Regina; Roberta Maria; Leci Jeanne; Suzani Loreni; Rgiane Lucia; Leandra Maria; Joceli Terezinha.
1987	Luiz Alberto; Marcos Vinicius; Claudio Leonildo; Fernando Darci; Maurício Luiz; Luis Otávio (2); Diego Renato; Allan Pierre; William Alex; Pedro Henrique; William Carlos; Douglas Michel; Paulo Ricardo; Eduardo André; André Luiz; Adriano Luiz; Jean Carlos.	Cassiane Lia; Daniela Paula; Ananda Adélia; Daniela Fernanda; Sandra Carla; Tatiane Vera; Jaqueline Cristina; Eliana Carina; Tania Cristina; Ana Paula; Phamela Addressa; Laura Pamela; Maci Marli; Poliana Taisa.
1997	João Marcelo; Gustavo André; Marcos Antonio; Renan Augusto; Otávio Bruno; Maicon William; Marcos Henrique; Thiago Marcos; Igor Henrique; Jhony Luiz; Fernando Augusto; Vitor Vinicius; Mateus Luiz; Luiz Felipe; Jean Carlos; Natan Gabriel; Dalton Eric; Marcelo Rodrigo; Vinicius Felipe.	Eloiza Adriane; Nadia Luiza; Ana Gabriela; Kimberly Karoline; Erica Caroline; Tania Cristina; Debora Cristina; Adriana Thais; Caroline Louse; Bruna Cristina; Mariana Leocadia; Vanessa Luana; Camila Marcia; Carla Beatriz; Márcia Gabriele; Ana Cláudia; Rafaela Cristina; Adriele Maria; Tainara Larissa.
2007	Erik Renato; Gustavo Henrique; Miguel Henrique; Luiz Henrique (2); Vitor Gabriel; Hugo Vitor; João Maria; José Airton; Maicon Marcos; Mateus Emanuel; Marcos Antonio; Kauan Lucas; Matheus Gabriel; Alisson Luiz; José Cláudio; Vinicius José; Vitor Hugo; David Henrique; Roberto Leandro; Vinicius Felipe; Christian Henrique; Igor Gabriel; Wesley Henrique; Kaue Felipe; João Vitor; João Pedro; Lucas Henrique; Fabricio José; João Pedro.	Maria Vitória; Manuela Carla; Manuella Cristina; Lara Letícia; Maria Gabriela; Katiane Tailana; Gabrielle Cristine; Vitoria Carolina; Mariana Lorrayne; Schirley Carolina; Amanda Amália; Giovana Luiza; Élora Beatrice; Emanuelly Camille; Milena Yasmin; Sandra Lara; Ana Clara; Ana Carolina; Emily Jaqueline; Lara Cristina; Luiza Carolina; Ingrid Rubia; Ana Heloisa; Isabelly Caroline; Brenda Cristina.

Por outro lado, quanto à ocorrência de nomes duplos em Maripá, como se observa no gráfico 25, pode-se afirmar que o período de maior frequência foi em

2006 e que, na maioria das décadas estudadas, há mais recorrência de nomes duplos masculinos e menos ocorrências de nomes duplos femininos. Também observa-se que, em Maripá, bem como em Palotina, há certa tradição no emprego de nomes duplos.

Gráfico 23 - Nomes duplos em Maripá



Comparando ambos os gráficos, nota-se que o fenômeno tornou-se mais frequente na última década estudada, quando atingiu, em ambas as localidades, os 30%. Percebe-se que, apesar de haver mais constância na utilização de nomes duplos em Palotina, vistos no conjunto e considerando todas as épocas, em ambas as comunidades, o uso de nomes duplos é uma constante, sem diferenças significativas a não ser o fato de ter havido sempre uma preferência maior, em Palotina, pelos nomes duplos, principalmente para a nomeação de meninas. Na mesma época, em Maripá houve acréscimo de doze pontos percentuais no uso de nomes duplos para meninas, enquanto, em Palotina, houve aumento de apenas dois pontos. Com relação aos nomes duplos masculinos não há quase diferença: o aumento na utilização foi de nove pontos em Maripá e seis em Palotina.

Além disso, assim como se observa na tabela 9, na página seguinte, os prenomes de maior frequência dentre os nomes duplos dos maripaenses são Luiz (s), Gabriel e Matheus para os meninos e Ana e Maria para as meninas, vindo ao encontro do já apresentado acerca dos prenomes preferenciais daquela localidade.

Tabela 9: Nomes duplos em Maripá – PR

Década	Nomes duplos masculinos	Nomes duplos femininos
1966	Marino Bruno; Ilmo Guido; João Batista; Vilson Antônio; Carlito José; Paulo Edgar; Afonso Bazílio; Vilson Luis; Marcones Luis; Alfredo José, Waldemiro Waldeci; José Aparecido; Milton Elai	Esolta Inês; Dalva Terezinha; Marlene Fátima; Jussara Berenice; Maria José; Roseli Teresinha; Maria Aparecida
1976	José Roberto; Paulo Sérgio; Danny Anderson; Judelci Joaquim; Sérgio Nestor; Elodir Luiz; José Denilson; Sandro André; Charles Denor; Delci Dair; Ambrosio Valdecir; Jergson Douglas; Elimar Moacir	Rose Mary; Ana Carmen; Dirce Eliane; Simone Regina; Marcia Cristina; Sueli Janice; Dulce Maria; Leila Eliana; Rose Meri; Leila Valise; Glauciney Annetah; Marlise Eliane. Nilva Marlei; Sueli Meri; Maria Helena; Marcia Marly; Roselaine Loia; Marciana Cleide.
1986	Adriano José, Rodrigo André; Sandro Ricardo; Maicon Alexandro; Marcelino Adriano; Tiago Roberto; Luis Antonio; Maicon Rodrigo; Cleiton Leocir; Marcio Rafael; Silvio Henrique; Fábio Marcelo; Valder Geraldo; Rafael Luis; Edimilson Luiz; Valmir Carlito; Sidnei Afonso; Rodrigo Josué; Leonardo José; Ismael Ivo; Rafael Rodrigo.	Cristiane Aparecida; Tania Regina, Aline Veridiane; Andreia Sirlei; Edina Edith; Carla Martina; Raquel Carine; Simone Alice; Simone Cristina; Débora Franciele; Fabiana Inês; Francine Patricia; Simone Edite; Suzana Paula; Sirlene Evanete.
1996	Pedro Henrique; Murilo Gabriel. Otávio Augusto; Jean Carlo; Luis Gustavo; Matheus Luis; Lucas Marcelo; Paulo Henrique; Felipe Eduardo.	Laís Helena, Maria Heloisa; Ana Claudia; Ana Laura; Nathalia Gabriele; Gabriele Amanda; Maria Luiza; Bruna Eduarda; Angela Vitória; Julia Maria; Ana Clara; Bethania Maria; Gabriele Laís.
2006	Kaua Natanael; Paulo Henrique; Pedro Henrique; Winicios Gabriel; Fabricio Natã; Pablo Eduardo; Diego Luiz; Alisson Gabriel; Henrique Gabriel; Fernando Eduardo; João Elias; Felipe Gabriel; Luis Antonio; Pedro Henrique; Mayck Alexandre; Ryan Vinicius; Alberto Luíz; Pedro Guilherme; Matheus Augusto; Fellipe Augusto; Theo Nicolas; Matheus Gabriel; Eduardo Gabriel; Kevin Augusto; Paulo Ricardo; Luís Felipe; Lúlio Gabriel, Pedro Henrique.	Bianca Taianara; Eloisa Manoele; Leticia Taina; Aline Tatiane; Juliana Luiza, Layse Carlona, Regiane Thamires; Luana Beatriz; Mariana Luiza; Raissa Natalia; Gennefer Vitória; Taylaine Eduarda; Julia Vitória; Vitória Heloísa; Abile Cristina; Maria Eduarda; Raiane Nicolli; Ana Paula; Anna Laura; Alexia Beatriz; Tamara Grazielli; Ana Paula; Ana Laura; Laura Mariana; Mirela Caroline; Maria Clara; Lucimara Tainá; Bianca Caroline; Agatha Milena.

Com estes dados, finaliza-se este capítulo e passa-se agora para a síntese dos resultados desta pesquisa apresentadas no próximo capítulo, que tentará expor quais as convergências e as divergências encontradas.

6 SÍNTESE DOS RESULTADOS E COMPARAÇÃO DOS DADOS POR MUNICÍPIO

A história de uma comunidade pode, de fato, ser comprovada por meio dos dados antroponímicos. É o que mostram os resultados atingidos por esta pesquisa.

No município de Palotina foi possível correlacionar as mudanças antroponímicas com as informações sobre a história do município. Houve presença significativa de sobrenomes de outras etimologias que não a ítala e a teuta no período da hortelã, considerado um dos períodos de maior riqueza no local. Além disso, refutando o pressuposto de se ter maior presença de italianos na comunidade, mesmo os sobrenomes de etimologia ítala estando presente no local em todos os períodos, prevalecem sobrenomes de outras etimologias que não a ítala.

Ainda com relação ao período da hortelã, a vinda de novos moradores para o local implicou na introdução de novos prenomes no sistema antroponímico local, indicando haver uma estreita relação entre a migração e a evolução da antroponímia palotinese. Enquanto, nas duas primeiras décadas estudadas, havia, na maioria, prenomes relacionados a santos, nas décadas seguintes se encontram prenomes com as mais variadas motivações.

Sobre a utilização de nomes repetidos, indício de estabilidade do sistema antroponímico, constatou-se que, em Palotina, os prenomes masculinos são mais estáveis que os femininos, ou seja, os prenomes femininos são os mais instáveis.

Com relação aos prenomes duplos, pelo exposto e analisado, percebe-se que, no município de Palotina, há certo conservadorismo no emprego de prenomes duplos visto que não houve mudanças importantes em sua utilização ao longo das décadas.

Em contrapartida, quanto ao município de Maripá, o que se tem, a partir das investigações feitas, é que o pressuposto de que a maioria dos moradores do local era germânica comprovou-se. Desde a primeira década estudada até a última, os sobrenomes de origem germânica ocuparam mais de 50% dos dados. Além disso, assim como em Palotina, no período da hortelã, a ocorrência de sobrenomes com outras etimologias que não a teuta foi registrada.

Quanto aos prenomes de maior frequência, em Maripá, houve uma riqueza vocabular maior nos prenomes masculinos, ou seja, os femininos são os mais estáveis, logo, os que mais se repetem. Contudo, uma convergência surge quando se atenta para o fato de os mesmos recorrentes em Palotina serem também

recorrentes em Maripá. Outro resultado convergente com Palotina foi que, em Maripá, concomitante ao período da hortelã, vários prenomes não catalogados até então surgiram, podendo ter se incorporado com os novos habitantes. Outra convergência foi verificada com relação aos nomes duplos, cuja utilização, em Maripá, também é conservadora.

Quanto aos sobrenomes, apesar de não haver relação entre sua etimologia e a escolha dos prenomes, percebeu-se que, conforme verificado nos dados acerca da etimologia dos nascidos em Maripá, de fato, a população germânica é predominante neste local. Ressalta-se, contudo, que houve um grande crescimento na presença de famílias com outras ascendências e de famílias híbridas, a partir da interação entre uma família alemã e uma de outra ascendência. Em Palotina, percebeu-se uma presença mais significativa de famílias com sobrenomes de outras etimologias que não a ítala, logo, o que difere Palotina de Maripá é, realmente, a grande presença de famílias germânicas na segunda, mostrando uma maior concentração de um mesmo grupo étnico e maior tradição na segunda localidade. Assim, a análise etimológica dos sobrenomes confirma a evolução populacional de cada município, confirmando a relação entre a antroponímia, cultura e história.

Com relação aos prenomes frequentes, observa-se que, dentre os prenomes preferenciais, *Maria*, *Luiz*, *José*, *Henrique* e *Ana*, são recorrentes em ambas localidades. Por outro lado, merece destaque o fato de haver mais prenomes masculinos recorrentes como preferenciais do que femininos, assim como a maior instabilidade na escolha de prenomes femininos em Palotina e de masculinos em Maripá.

Com relação aos prenomes preferenciais, o fato que mais chama atenção é o de prenomes como *Edson*, *Gilmar* e *Neide* aparecerem após o período da menta, podendo ser seu reflexo. Além disso, há, nas cidades estudadas, certa similaridade na escolha dos prenomes, porém, há maior estabilidade e maior recorrência de prenomes repetidos em Palotina, concluindo-se, assim, que em Maripá ocorreu mais criatividade na escolha dos prenomes, constatando-se, então, que Palotina é mais conservadora e Maripá mais inovadora.

Reunindo-se todos os resultados sobre a antroponímia de Palotina e de Maripá, constata-se que há mais convergência do que divergência nos dados encontrados. A primeira convergência encontrada refere-se ao uso dos prenomes preferenciais, comuns em ambas as localidades. A segunda convergência

encontrada está no mesmo uso de nomes duplos nos dois municípios. Acerca das divergências encontradas, ressalta-se o fato de haver mais sobrenomes de origem teuta em Maripá do que em Palotina, o que já era esperado no início da pesquisa. Outra divergência diz respeito à instabilidade e à estabilidade dos prenomes, sendo Maripá mais instável quanto aos prenomes masculinos e Palotina mais instável em relação aos prenomes femininos. Estes resultados mostram que as normas de cada local são semelhantes, mas não idênticas.

REFERÊNCIAS

AL-ZUMOR, Abdul Wahed Qasem Ghaleb. A Socio-Cultural and Linguistic Analysis of Yemeni Arabic Personal Names. In: **GEMA Online: Journal of Language Studies**. Bangi, Malásia, v. 9, n. 2, p. 15-27, 2009. Disponível em: < http://www.ukm.my/ppbl/Gema/pp%2015_27.pdf>. Acesso em: 29 out. 2013.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. In: **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4168/3766>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009)**. Marechal Cândido Rondon, 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon – PR, 2009. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/6/TDE-2009-08-29T070501Z-341/Publico/Gilson%20Backes.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2014.

_____. Narrativas e memórias: os trabalhadores do ciclo hortelaneiro (Oeste do Paraná, 1960-1970). In: **Anais do IV Encontro Regional Sul de História Oral: Culturas, Identidades e Memórias**, Florianópolis, 2007, p. 01-08 (Anais Eletrônicos). Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Gilson%20Backes.pdf>>- Acesso em: 10 jun. 2014.

BARROS, Darci Alda. **Palotina em Destaque**. Palotina: Gráfica Imprevale Ltda, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998

BURNARD, Trevor G. Slave Naming Patterns: Onomastics and the Taxonomy of Race in Eighteenth-Century Jamaica. In: **Journal of Interdisciplinary History**. Michigan/ New York – EUA. v. 31, n. 3, p. 325-246, 2001. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/207085?uid=2&uid=4&sid=21104884355507>> . Acesso em: 23 out. 2013.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. Londrina. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes das pessoas. In: **Domínios da Linguagem: Revista Eletrônica de Linguística**. Uberlândia, MG, n. 2, 1, p. 1-18, sem. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Os nomes próprios para pessoas. In: _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1987 [1961].

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da Igreja Católica no Oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)**. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2004.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1992.

EBEOGU, Afam. Onomastics and the Igbo tradition of politics. In: **African Language and Cultures**. v. 6, n. 2, p. 133-146, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1771770>>. Acesso em: 10 out. 2013.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 mai. 2014.

FRAI, Patrícia; SEIDE, Márcia Sipavicius. Existe influência entre a escolha do primeiro nome e sobrenome de pessoas pertencentes à comunidade italiana vinda em 1961 durante a colonização de Marechal Cândido Rondon? In: **Anais do III Seminário Nacional de Estudos da Linguagem**. Cascavel, PR, 2012 (CD-ROM).

FREITAG, Liliane da Costa. **Fronteiras perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937 – 1954)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

GAZETA DO POVO. **Paranaense preferem nomes clássicos**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1445873&tit=Paranaenses-preferem-os-nomes-classicos>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GEHRING, Fernanda Maria Muller; SEIDE, Márcia Sipavicius. Relação entre a escolha antroponímica e a identidade étnica. In: **Anais do III Seminário Nacional de Estudos da Linguagem**. Cascavel, PR, 2012 (CD-ROM).

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial : migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. 2. reimpr. Cascavel: Edunioeste, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/editora/pdf/livro_eurobrasileiros_espaco_colonial_valdir_gregory.pdf >. Acesso em: 18 jun. 2013.

GRESPLAN, Taiana. **Antroponímia de Toledo – Paraná – 1954-2004: Aspectos Inovadores**. Cascavel, 2014. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa

de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2014.

_____; SEIDE, Marcia Sipavicius. Que nome darei ao meu filho? O perfil nomeador dos colonizadores italianos da cidade de Toledo. In: **Anais do X Encontro do Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Cascavel – PR: Unioeste, 2012. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20\(209\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(209).pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2013.

GRONDIN, Marcelo. **O alvorecer de Toledo na colonização do Oeste do Paraná**. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2007.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo de designação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

HOLMES, Urb T. **A Study in Negro Onomastics**. [S.l: s.n.], 1930. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/452375?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104883549857>>. Acesso em: 20 out. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censos Demográficos. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

LAUERMANN, Gabriela Cristina; SEIDE, Márcia Sipavicius. Correlação entre nome próprio e sobrenome na comunidade alemã de Marechal Cândido Rondon (1961). In: **Anais do III Seminário Nacional de Estudos da Linguagem**. Cascavel, PR, 2012 (CD-ROM).

LIRA, Michely de Souza; HOSOKAWA, Antonieta Buriti de Souza. A influência norte-americana nos nomes próprios de alunos de escolas públicas de ensino médio da rede estadual de ensino do município de Rio Branco, Acre. In: **Revista Philologus**. Suplemento: Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro, ano 18, n. 54, CiFEFiL, 2012.

LÓPEZ-FRANCO, Yolanda Guillermina. **Um siglo de nombres de pila em Tlanepantla de Baz**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOTA, Maria Alice. Formas de referência: um estudo de caso. In: **Revista Língua e Letras**. Frederico Westphalen, v. 14, n. 23, p. 147-169, dez/2012.

NABÃO, Rosângela Martins. **O estudo dos nomes próprios nipo-brasileiros de Terra Roxa**. Cascavel, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2007.

NGADE, Ivo. Bakassi names, naming culture and identity. In: **Journal of African Cultural Studies**. v. 23, n. 2, p. 111-120, dec/2011.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, M. Cristina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça de; ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **E-terminos Ambiente Colaborativo Web de Gestão Terminológica**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009. Disponível em: <<http://www.etermos.cnptia.embrapa.br>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

PFLUCK, Lia Dorotéia. Os aspectos naturais na propaganda da colonização de Marechal Cândido Rondon. In: VANDERLINE, Tarcísio; GREGORY, Valdir; DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). **Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007, p.119-142.

RAMOS, Ricardo; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidade de releituras da história. In: **Revista Augustus**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago/2010. Disponível em: <http://www.unisuam.edu.br/augustus/images/edicao30/pdf/rev_aug_30_art10.pdf>. Acesso em: 29 abr 2013.

REGINATO, Pedro. **História de Palotina**. Santa Maria: Palloti, 1979.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. In: **Entreletras**. Araguaína, TO, v. 4, n. 2, p. 90-101, ago-dez/2013a.

_____. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. In: **Revista Confluência**. Rio de Janeiro, n. 44/45, p. 165-184, 2013b. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1192.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

_____. Moda e tradição na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. In: **IX ENGTLEX**. Resumos Expandidos. Caxias do Sul - RS: UCS, 2013c, p. 1-3. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:v8eK7F3w0_MJ:scholar.google.com/+moda+e+tradi%C3%A7%C3%A3o+na+antropon%C3%ADmia+de+marchal&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 3 nov. 2013. (Resumo expandido)

_____. Importância relativa da etimologia para análise dos antropônimos. In: **Anais do X Encontro do Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Cascavel – PR: Unioeste, 2012. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/10/artigos/AnaAmaliaSouza.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. **A semântica de Michel Bréal: recontextualização, fortuna crítica e aplicação**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2006.

_____; SCHULTZ, Benilde Socreppa. Linguagem, Cognição e identidade: o

estatuto dos nomes próprios. In: ISQUERO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, v. 7. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

SEGURA JIMENEZ, Selene. Resenha crítica de *Nomi propri*, de Rita Caprini. In: **Los Modelos de atribucion Del nome de pila tradicional y a partir de la moda em el município de Tlalnepantla de Baz, Estado de México, Estudio Sincrônio y Diacrônico de ter alas: 1930, 1960 y 1990**. Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Antropologia e Historia, p. 32-38, 2014.

SUPERINTERESSANTE. **Os nomes preferidos do Brasil**: os nomes que os pais escolhem para os filhos entregam muita coisa sobre a história do país. Novembro, 2013.

THONUS, Terese. Anderson, Maicon, and Thyago: "English" Names in Brazil. In: **American Speech**, v. 67, n. 2, p. 175-189, 2012.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1964.

VAN LANGENDONK, Willy. **Theory and Typology of Proper Names**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2007.

VESCOVI, Jéssica Paula; SEIDE, Márcia Sipavicius. Qual é o perfil nomeador da cidade de Maripá na década de 60? In: **Anais da 16ª Jornada de Estudos Linguísticos e Literários**. Marechal Cândido Rondon, 2013a, p. 1-8. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/040/original/QUAL_%C3%89_O_PERFIL_NOMEADOR_DA_CIDADE_DE_MARIP%C3%81_NA_D%C3%89_CADA_DE_60_-_J%C3%89SSICA_PAULA_VESCOVI1.pdf?1373580570>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. A antroponímia no Oeste paranaense. In: **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CIEFIL, Ano 19, n. 55, jan-abr/2013b, p. 225-232. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/018.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

_____. A escolha dos nomes de pessoas pelos pioneiros de Palotina. In: **61º Seminário do GEL**. São Paulo: USP, jul/ 2013c [comunicação oral].

_____. Os nomes duplos de Palotina e Maripá. In: **IX ENGTLEX**. Resumos Expandidos. Caxias do Sul - RS: UCS, 2013d, p. 1-3. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1pdbAi4UuqMJ:www.letras.ufmg.br/gtlexNovo/data1/arquivos/J%25C3%25A9ssica%2520Paula%2520Vescovi%2520M%25C3%25A1rcia%2520Sipavicius%2520Seide.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em Jul. 2014.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. A onomástica e a interlíngua em comunidade e (i)migrantes. In: SELLA, Aparecida Feolla (Org.). **Percorrendo estudos linguísticos e práticas escolares**. Cascavel: Edunioeste, 2007, p. 41-54.

YURKIV, José Erondy; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Maripá e sua história.**
Cascavel: s.n., 2001.